

Edição nº 39

Ano 2024

# APC em revista



APC  
Associação  
Psicanalítica  
de Curitiba

# APC em revista

**Associação Psicanalítica de Curitiba em revista**  
ISSN 1519-8456 | Curitiba | n. 39 | p. 1-168 | 2024



**APC**  
ASSOCIAÇÃO  
PSICANALÍTICA  
DE CURITIBA

🌐 [www.apcwb.com.br](http://www.apcwb.com.br)

📧 @apctba

📘 @associaopsicanaliticadecuritiba

☎️ (41) 98848-7946

### **Editorial**

Luzia Carmem de Oliveira

Maria Salete Wisniewski Schaly

Tiago Rickli

### **Diagramação**

Erika Woelke | Canal6 Editora

[www.canal6editora.com.br](http://www.canal6editora.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

---

Associação Psicanalítica de Curitiba em revista / Associação  
Psicanalítica de Curitiba. – n. 39 (2024) – Curitiba, PR : APC, 1997–.

Semestral

ISSN: 1519-8456

1. Psicanálise – Periódicos. I. Associação Psicanalítica de Curitiba.

11-2024/54

CDD 150.195

---

### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Psicanálise : Periódicos 150.195

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB - 1/3129

Copyright© Associação Psicanalítica de Curitiba, 2024

Os artigos são de responsabilidade dos autores.

## **CORPO CONSULTIVO**

### **Allan Martins Mohr**

Psicólogo; Graduado pela UFPR;  
Mestre em Psicologia (UFPR);  
Doutor em Filosofia (PUCPR).

### **Andrea Silvana Rossi**

Psicanalista; Analista membro  
da Associação Psicanalítica de  
Curitiba; Graduada em Psicologia  
(PUCPR); Mestre em História  
(UFPR).

### **Cezar Tridapalli**

Psicanalista; Graduado em Letras  
(UFPR); Mestre em Estudos  
Literários (UFPR).

### **Dayse Stoklos Malucelli**

Psicanalista; Analista membro  
e fundadora da Associação  
Psicanalítica de Curitiba; Membro  
da Association Lacanienne  
Internationale; Doutora em  
Psicologia Clínica PUC-SP.

### **Heloisa Helena Marcon**

Psicanalista; Membro da APPOA;  
Graduada em Psicologia (UFRGS);  
Mestre em Filosofia (UFRGS);  
Doutora em Psicologia (USP).

### **Leda Mariza Fischer Bernardino**

Psicanalista; Analista membro  
e fundadora da Associação  
Psicanalítica de Curitiba;  
Doutora em Psicologia Escolar e  
Desenvolvimento Humano (USP);  
Pós-doutora em Tratamento  
e Prevenção Psicológica pela  
Université Paris 7.

### **Marcelo Marcos Barbosa Vieira**

Psicanalista; Membro da Associação  
Psicanalítica de Curitiba; Graduado  
em Filosofia (UFPR); Doutor em  
Filosofia com período no doutorado  
na Universidade Paris 1 Panthéon-  
Sorbonne.

### **Marcus do Rio Teixeira**

Psicanalista; Diretor da editora  
Ágalma; Membro Honorário da  
Associação de Psicanálise de  
Maringá Ato Analítico.

### **Michele Kamers**

Psicanalista; Mestre em Educação  
pela USP; Doutora em Psicologia  
Escolar e do Desenvolvimento  
Humano no Instituto de Psicologia  
(USP).

### **Oscar Angel Cesarotto**

Psicanalista; Doutor em  
Comunicação & Semiótica;  
Professor no Programa de Estudos  
Pós-Graduados da PUC-SP.

### **Rosa Maria Marini**

Psicanalista; Analista membro  
da Associação Psicanalítica de  
Curitiba; Doutora em Psicologia  
Escolar e do Desenvolvimento pela  
IPUSSP, PUCPR.

### **Rosane Weber Licht**

Psicanalista; Analista membro  
e fundadora da Associação  
Psicanalítica de Curitiba.

### **Zama Caixeta Nascentes**

Psicanalista; Membro da  
Associação Psicanalítica de  
Curitiba; Doutor em Literatura  
Brasileira (UFPR).



# Sumário

Editorial.....	7
----------------	---

## *Espaço da Letra*

A formação em psicanálise é um nó de ao menos quatro elos.....	15
--	----

*Andrea Silvana Rossi*

A especificidade do diagnóstico de autismo em psicanálise .....	25
---	----

*Eduarda Fuckner Ottvagen e Vinícius Armiliato*

Autoleção na adolescência e sua configuração nas redes sociais: Da expressão do mal-estar à busca de novas bordas corporais-sociais .....	49
---	----

*Marcia Salete Wisniewski Schaly*

Em tempos de Terapia Padrão Ouro e Psicologia Baseada em Evidências: há lugar para o psicanalista no trabalho com crianças autistas? .....	71
--	----

*Simoni Regina Cousseau Coletti e Rosa Maria Marini*

As aventuras de Daniel e sua capa: articulações psicanalíticas sobre o autismo.....	93
--	----

*Suzane Gapski Muzeka*

## *Espaço de Interlocução*

Lacan e Saussure: diacronia e sincronia .....	109
---	-----

*Zama Caixeta Nascentes*

## *Espaço Conferência*

O apagamento da diferença sexual – Um projeto em curso .....	133
--	-----

*Marcus do Rio Teixeira*

REVISTAS DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA .....	157
--	-----

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA.....	165
--	-----



## Editorial

*Num mundo que se faz deserto,  
temos sede de encontrar um amigo*

Antoine de Saint-Exupéry

Há algumas edições a APC tem buscado ilustrar por meio da arte que recobre nossos periódicos algo do conteúdo presente nos textos publicados, e a revista deste ano igualmente estampa esta intenção: a orbita de debates que se engendrou no entorno da diagnóstica do autismo em nossos dias; os efeitos que sobre vêm ao autista sob a condição de um mundo psicologicamente desabitado pelo Outro; o tema da autolesão na adolescência enquanto fenômeno social inseparável das redes virtuais, em cuja trama sua ação navega e se difunde.

“O Outro nunca deixará de lhe fazer falta”, concluía Dolto ao público de seus seminários após descrever a experiência que uma criança autista demonstra entreter com a linguagem, destacando a ausência de um destinatário para o qual suas expressões poderiam ser endereçadas e reconhecidas como tais. Contudo, se ocorre à orbita do mundo autista descrever círculos ao redor de um Outro lacunar e espectral, há fenômenos sociais – como o que ficou notavelmente chamado de *baleia azul* – em que seus participantes não se reconhecem reciprocamente compartilhando uns com os outros um mundo de interlocução – ou seja, de falantes e ouvintes – senão às custas de sua identificação coletiva com certos traços ou marcas cujo conteúdo representativo, por sua vez, é indissociável do ciberespaço no qual sua articulação encontra os meios que a possibilitam circular.

Para a edição 39 de nosso periódico, a Associação Psicanalítica de Curitiba conta com os seguintes trabalhos:

Para o **Espaço da Letra**, Andrea Silvana Rossi tematiza em seu texto “A formação em psicanálise é um nó de ao menos 4 elos” a formação do psicanalista conforme a proposta Freudiana-lacaniana. Retomando o tripé da formação – análise do analista, prática clínica supervisionada e estudo teórico –, Andrea propõe que pensemos esses três elementos enlaçados borromeamente, isto é, sob a forma de um nó de quatro elos, de modo que o quarto elo desse nó seria a instituição psicanalítica e/ou outros psicanalistas. Destacando a afirmação de Lacan de que o psicanalista “transmite para que a psicanálise não se transforme num autismo de a dois” (Seminário 24, *L’insu*, 10/4/77), a autora argumenta que o tripé da formação sem o enlace com outros analistas arrisca permanecer nos dualismos (analisando-analista, analista-supervisor, analista-estudo/texto), na especularidade e nas construções imaginárias.

O artigo conjunto “A Especificidade do Diagnóstico de Autismo em Psicanálise” de Eduarda Fuckner Ottvagen e Vinícius Armiliato tem por tema indicar a especificidade da psicanálise no caso da construção diagnóstica de autismo, apresentando a história do autismo enquanto nosografia e situando a leitura psicanalítica. O artigo reconhece, por fim, que a psicanálise visa a aposta no sujeito e oportuniza um trabalho de intervenção diretivo e singular. Nesta via, o sujeito não é propriamente enquadrado em uma estrutura fixa, mas pensado em seu devir ao longo de seu desenvolvimento psíquico.

Servindo-se de um breve histórico do fenômeno de autolesão e de vinhetas extraídas de um caso clínico, a autora Marcia Salete Wisniewski Schaly busca, à luz da Psicanálise, demonstrar e discutir ao longo de seu artigo “Autolesão na adolescência e

sua configuração nas redes sociais: Da expressão do mal-estar à busca de novas bordas corporais-sociais” como tal fenômeno encontra-se atualmente em preocupante crescimento, difundindo-se nos espaços virtuais enquanto lugar no qual sujeitos adolescentes exibem as imagens de suas cicatrizes e cortes ensanguentados e angariam seguidores, formando comunidades entre jovens que se automutilam e cuja configuração deve ser diferenciada das observadas em ambientes familiares e escolares. A expressão do mal-estar no registro do corporal revela, ademais, intensa angústia, solidão e desamparo, assim como uma busca de novas bordas corporais-sociais.

Resultado da escrita conjunta de Simoni Regina Cousseau Coletti e Rosa Maria Marini, o artigo “Em tempos de Terapia Padrão Ouro e Psicologia Baseada em Evidências: há lugar para o psicanalista no trabalho com crianças autistas?” argumenta que a prática clínica pautada na teoria e no método psicanalítico mostra com clareza que a Psicanálise tem contribuído de forma ética e consistente nas intervenções com as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), possuindo um método próprio e um objeto definido de trabalho. Segundo as autoras, não se trata de a Psicanálise ser ciência ou não; ela não deixa de considerar o sujeito da ciência, mas de forma muito singularizada, ela aponta para o sujeito da Psicanálise: dividido e permeado pela rede de significantes.

Quanto ao artigo “As aventuras de Daniel e sua capa: articulações psicanalíticas sobre o autismo”, a autora Suzane Gapski Muzeka apresenta o recorte de um caso clínico de autismo grave associado a uma deficiência intelectual acentuada, demonstrando as articulações possíveis realizadas à luz da teoria psicanalítica. Pela experiência relatada, é possível considerar a viabilidade do enlaçamento transferencial com o sujeito autista e sua

importância para o estabelecimento de um trabalho. Baseado nas ideias de psicanalistas estudiosos neste tema, foi possível detectar algumas questões, articulá-las teoricamente e refletir sobre os efeitos apresentados no sujeito. Sendo assim, é possível concluir que apostar no sujeito que está nas vias do autismo é também apostar no advento da subjetividade e, portanto, salvo as suas especificidades, que se pode esperar a manifestação de um sujeito desejante.

Para o **Espaço de Interlocução**, o artigo “Lacan e Saussure: diacronia e sincronia” de Zama Caixeta Nascentes parte do relevo de Lacan à questão do sentido em Freud. Ao sentido das produções do inconsciente, Freud chega ao reconhecer os mecanismos de seu funcionamento, o deslocamento e a condensação, apresentados por ele a partir de uma concepção energética. Lacan, que tem a seu dispor uma concepção linguística, teorizará sobre aquela questão levando em conta termos da Linguística, dois deles diacronia e sincronia. O artigo começa levantando em Lacan aquela questão, revisa os pares conceituais de Saussure e Jakobson, chega a Lacan novamente para mostrar a leitura que de Freud ele faz via linguistas e o acréscimo dele às séries duplas de equivalências vindas de Saussure, Jakobson e Freud. Na conclusão, o autor indica com um recorte clínico que essas duplas são dispositivos de escuta em psicanálise.

Por fim, o **Espaço Conferência** traz a transcrição da palestra “O apagamento da diferença sexual – um projeto em curso”, apresentada pelo psicanalista Marcus do Rio Teixeira durante o Colóquio *O feminino Contemporâneo*, realizado pela Associação Psicanalítica de Curitiba em 21 de outubro de 2023.

A Associação Psicanalítica de Curitiba agradece aos autores dos estudos reunidos na presente edição por suas contribuições e deseja aos seus leitores uma excelente leitura.

Luzia Carmem de Oliveira  
Maria Salete Wisniewski Schaly  
Tiago Rickli



# Espaço da Letra





# A formação em psicanálise é um nó de ao menos quatro elos<sup>1</sup>

Andrea Silvana Rossi<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho discute a formação do psicanalista conforme proposta Freudiana - Lacaneana. Discorre sobre o tripé da formação - análise do analista, prática clínica supervisionada e estudo teórico - e propõe pensar esses três elementos enlaçados borromeamente, mas num nó de quatro elos. O quarto elo desse nó seria a instituição psicanalítica e/ou os outros psicanalistas. Desenvolve a alegação de que o tripé da formação sem o enlace com outros analistas arrisca permanecer nos dualismos (analisando-analista, analista-supervisor, analista-estudo/texto), na especularidade e nas construções imaginárias, argumentação articulada a afirmação de Lacan de que o psicanalista “transmite para que a psicanálise não se transforme num autismo de a dois.” (Sem, L’insu, 24, 10/4/77). Ainda, sem esse quarto elo - que tem função de terceiro e de causa de desejo- a formação pode se confundir com uma auto-proclamação ou um conjunto de regras que subtraem o sujeito e a sua divisão.

## Abstrat

This work discusses the psychoanalyst formation according to the Freudian - Lacanean proposal. It discusses the tripod of training - analyst analysis, supervised clinical practice and theoretical study - and proposes thinking about these three elements linked together, but in a four-threads knot. The fourth thread or ring in this knot would be the psychoanalytic institution and/or other psychoanalysts. It develops the allegation that the formation tripod without link with other

- 
- 1 Texto de desanolamento do Cartel de Direção e Formação da APC. Jornada de Cartéis 2023.
  - 2 **Andrea Silvana Rossi:** Psicanalista e membro da Associação Psicanalítica de Curitiba (APC). Graduada em Psicologia pela PUC-PR, mestre em História pela UFPR.

analysts risks remaining in dualisms (analyst-analyst, analyst-supervisor, analyst-study/text), specularity and imaginary constructions, an argument articulated by Lacan's statement that the psychoanalyst "makes sure that psychoanalysis does not turn into autism for two." (Sem, L'insu, 24, 10/4/77) Furthermore, without this fourth thread - which has the function of a third party and cause of desire - the formation can be confused with a self-proclamation or a set of rules that subtract the subject and its division.

Do que diz respeito a formação, sempre é possível rabiscar algumas linhas a mais, acrescentar uma letra, uma vírgula, o que denuncia que não está tudo dito ou escrito. Inclusive essa é uma tarefa sempre em construção numa escola.

A formação pode ser pensada nas três dimensões: imaginária, simbólica e real. O Sinthome, enquanto quarto elo, é uma invenção do final da análise que possibilita o enodamento dos outros três. Mas neste trabalho proponho pensar borromeamente os três elementos do tripé: análise, prática clínica supervisionada e estudo teórico enodados ao quarto elo que seria a escola.

Ou seja, proponho pensar a formação do psicanalista como a escrita de um percurso de cada analista, mas **enlaçado a outros**. Porque "um analista se autoriza de si mesmo e por alguns outros."

O analista, por meio de seu discurso e do seu ato produz escrita, ao menos **duas escritas**: uma nova escrita do analisando, na análise em intensão, e a escrita do seu lugar de analista, na análise em extensão. Esta ideia decorre da afirmativa do Lacan, no seminário RSI, no qual fala que "Um psicanalista é ao menos dois" e complementa: "Que a psicanálise além de produzir efeitos os teorize". (Sem 22, RSI, 10/12/74)

Teorizar os efeitos da psicanálise é articular o rigor conceitual à experiência clínica e ao lugar do analista na transferência. Ou seja, não é possível avançar teoricamente sem a dupla

divã-poltrona, ocupando esses lugares diferentes, mas também indissociáveis, como as duas fases da banda de Moebius. Ao construir teoria, um analista sabe que não existem enunciatos completamente desprovidos de ambigüidades, nem saberes puramente objetivos ou totalitários. Todo saber detém a marca singular do sujeito que o enuncia. Por isso, apropriar-se do saber implica em **acrescentar algo de si mesmo**. Quando um analista teoriza os efeitos da clínica, do seu lugar de analista e de analisante realiza uma construção que enlaça o conceito à verdade.

Trata-se de produzir um saber que surpreende porque não se dá exclusivamente pela via da reprodução, da repetição, copia ou colagem. Se algo do analista não aparecer no seu escrito, temos apenas uma repetição do que já existe, um agrupamento de ideias que poderia, inclusive, ser realizado por uma inteligência artificial.

Portanto, produzir uma nova escrita implica em deslocar a ênfase do saber ao **desejo de saber**, pois o valor não está apenas no conteúdo/ conhecimento, mas nas vias de acesso a ele. Assim, o saber sai do lugar de fetiche e passa a ocupar o lugar de algo que busca ser alcançado, portanto, é também inapreensível. Se a psicanálise não se insere no inefável (inarrável, indizível, indescritível), desliza para um sentido único, se afastando do seu fundamento.

Isso que é da essência da psicanálise faz com que a postura e/ ou intervenções psicanalíticas, na intensão e na extensão, provoquem a curiosidade e o entusiasmo por buscar respostas. Um analista é curioso, um eterno pesquisador, procura o saber porque o ignora, ou seja, alimenta o desejo na docta ignorância. (Lacan, 1954, p. 309).

Muitas ofertas de formação disponíveis no mercado hoje e a busca de regulamentação da psicanálise distorcem isso que

é essencial. As instituições freudiano-lacanianas vem denunciando e se posicionando contrarias a normatização da formação do psicanalista, que vem sofrendo com a apropriação indébita de grupos universitários e religiosos. Desde Freud (1926), sabemos que a **análise é leiga**, dissociada de um curso de graduação específico, assim como do estado e da religião.

O tripé da formação, utilizado como referência nas escolas freudiano-lacanianas, constitui um caminho para a formação que é permanente, mas ele não pode ser engessado num conjunto fechado de regras em que se delimitariam a frequência e duração da análise ou supervisão ou mesmo com quem realizá-los. Isso seria uma saída totalmente imaginária, vinculada a pretensão de alcançar o Ser psicanalista.

Deste modo, não se formam psicanalistas em nenhum curso de graduação, pós graduação, mestrado ou doutorado. O meio acadêmico leva a aprofundar conhecimentos conceituais da psicanálise, o que não pode ser confundido com a formação do psicanalista. O estudo teórico vinculado a estes espaços que primam por regras e pelo discurso erudito distancia-se da apreensão dos conceitos e da transmissão da psicanálise que, desde a origem (com Freud e Lacan), flerta com a literatura, a arte e a poesia. Destaca-se, especialmente, a pobreza poética na maioria das produções acadêmicas, que valorizam excessivamente a explicação, o enunciado em detrimento das metáforas, da enunciação e das ambiguidades do discurso. Mas estas últimas, sabemos, são as vias facilitadoras para aceder ao inconsciente.

Lacan (1973-1974), dedicou um seminário ao tema de “Os não tolos erram”, defendendo a ideia de que um psicanalista precisa ser um pouco tolo, se deixar enganar, titubear. “**Errar**” remete ao equívoco, a falha, ao ato falho, na lógica das formações do inconsciente, que permitem o encontro com a verdade. A verdade

surge da equivocação, ao tropeçar, quando a certeza perde o brilho e pode-se caminhar na neblina. Mas “errar” também diz respeito a se perder, vaguear, andar sem rumo. Quem anda sem destino certo é caminhante e, como diz o poeta, “faz caminho ao andar... caminhante, são tuas pegadas o caminho e nada mais”, não há caminho, ele se inventa. Por tanto, errar é também **deixar-se surpreender, é susto e entusiasmo**.

O tripé da formação precisa ser percorrido com uma certa errância, com a ambiguidade característica do desejo, pois se for tomado como um imperativo ou uma indicação que deve ser cumprida, também perde o seu propósito, a sua lógica e exclui o real e o simbólico da formação. Um analista em formação se analisa, estuda e faz supervisões, movido pelo seu desejo e não porque uma norma o determina. O excesso de regras criam a ilusão de que a formação seria um fim alcançável, produzem o alívio de alcançar o objetivo, acomoda, aprisiona, freia o movimento. É exatamente o contrário da ideia de formação permanente movida pela manutenção de algo de ignorância, de não saber, da qual decorrem o entusiasmo pela escuta e pela fala. Enfim, se não agitar as pulsões de vida não é psicanálise.

O amor de transferência viabiliza a fala e a posição de analisante, mas o seu contraponto habitual deve ser evocado (o ódio). No Seminário 20 Lacan almejava: “Que me leiam como meus maiores críticos”. Pois, é na des-suposição do saber que se pode ler melhor o outro e transmitir o “real em jogo na própria formação do psicanalista”. (Lacan, 1967, p. 249). Desse modo, o ódio decorrente das tensões pode se transformar em fúria criativa.

O desafio da psicanálise e das instituições ou escolas de psicanálise é como não excluir as tensões, as paixões e não *forcluir* o sujeito do inconsciente, mas permitir que ele apareça dividido, errante, como nas formações do inconsciente. Para

destacar a importância disso, Lacan chega a dizer, ironicamente, “que nunca falou de formação analítica, e sim de formações do inconsciente” (LACAN, 1975, p.186).

É com as formações do inconsciente e a possibilidade de escutá-las no interior da sua análise que o analista se autoriza. Se autoriza de “**si mesmo**”, não é uma escolha do eu, mas uma verdade que surge do sujeito do inconsciente. Tem menos a ver com o ser do que com a falta-a-ser.

Então, o analista produz escrita, mas é sempre **Uma** escrita que não termina de se escrever, pois é constantemente lapidada no encontro com o real, com o que não cessa de não se escrever, e também, com outros analistas. Afinal, um analista “Só se autoriza de si mesmo **e por alguns outros**” (Lacan, 1974, p. 96). Em 1974, quando Lacan complementa a segunda parte da frase, “por alguns outros”, - pouco citada pelas propostas de normatização e regulamentação da psicanálise - está preocupado com que a nomeação não se torne um ato solitário, de autoproclamação. Ele afirma: “Isso não quer dizer que ele (o analista) esteja sozinho para decidi-lo”. Ele se autoriza com esses outros psicanalistas, por meio desses outros, dando testemunho da sua análise, do seu estudo e da sua clínica.

Os outros que autorizam, também seriam responsáveis por barrar ou **não reconhecer** aqueles que, por uma questão de estrutura, não podem se ocupar do ofício de psicanalisar. Para os que se guiam pelo que Hegel chama a “**lei do coração**”, ou seja, os que mantêm uma posição egoica inabalável, os que buscam impor aos outros sua própria singularidade, não podem analisar. Pois, para guiar um outro no encontro com o inconsciente o analista precisa retirar seu eu, suprimir sua lei particular e estar submetido a lei simbólica. É necessário que o analista tenha se confrontado com o seu inconsciente e suporte sua divisão subjetiva

e a desordem do mundo, pois essa pode ser lida como não-todo. (Lacan, 1974, aula 12)

Os outros, portanto, não apenas testemunham seu percurso, mas também questionam, discordam, constroem junto, compartilham a transmissão e autorizam ou não. Portanto, aos três da formação, proponho acrescentar mais um: **os outros**. Trata-se de pensar a formação borromeamente, como um nó de quatro elos, sendo que o quarto elo, composto por alguns outros, realizaria a costura e manteria os três da formação enlaçados. Assim, podemos pensar a formação em psicanálise como um nó de ao menos, quatro elos.

Sem esse quarto elo - o grupo de psicanalistas, a escola ou instituição de psicanálise - o tripé da formação arrisca permanecer nos **dualismos** (analisando-analista, analista-supervisor, analista-estudo/texto), na especularidade e nas construções imaginárias. Lacan afirma que o psicanalista “transmite para que a psicanálise não se transforme **num autismo de a dois.**” (Sem, L'insu, 24, 10/4/77)

Esse é o risco de um psicanalista que não “faz escola”, o de permanecer nas **dualidades** ou entre pares. Trata-se de analistas que investem no tripé a sós ou no conforto da intimidade, dos pares. Nesses casos há o estudo, há supervisão e análise, mas não existe o momento que é tão necessário, tenso e até incomodo de falar a um público maior, expor suas ideias e construções esculpidas no tripé com pares e ímpares.

Fazer escola diz respeito a essa circulação pelas diferentes instâncias ou propostas de estudo da instituição e, principalmente, investir no trabalho de Cartel, via regia da formação. Nesse, os analistas começam a se reunir e estudar num pequeno grupo sabendo, desde o início, que tem data para terminar, que depois de um ou dois anos não seguirão juntos, o grupo irá se

desenlaçar e as suas produções (texto e apresentação) serão pessoais, autorais, inéditas. A proposta de cartel quebra a ilusão de um discurso comum ou de coletividade e força a construção de novos agrupamentos, retirando do conforto da intimidade, dos amigos, das alianças e repetições.

Então, proponho pensar a instituição ou escola também como o **terceiro** elemento que quebra a ilusão de complementaridade. O terceiro que provoca **tensão**, desacomoda, cria movimento porque não exclui o ódio e as diferenças.

A escola, enquanto esse quarto elo, também pode ocupar a função de objeto a enquanto **causa de desejo**. Nesse caso, a função da instituição não é apenas testemunhar um percurso, mas também causar movimento. A função dos outros da instituição seria insistir na pergunta: **o que queres?** E não na busca de respostas para: quem você é? Essa também é a pergunta que não para de insistir numa análise, diferente da busca filosófica, ser ou não ser, uma análise interroga sobre o desejo e leva ao encontro da falta-a-ser, então a pergunta não é “quem você é” mas “**o que você deseja?**”

Trata-se de construir respostas, **um saber** (não “O” saber), para essa pergunta constantemente atualizada. Não se trata de repetir o Socrático “só sei que nada sei”, pois um psicanalista **sabe que algo sabe**, e que esse saber possível só é alcançado mediante a escuta do inconsciente.

A pergunta: “Que queres?” desloca a questão da identidade em direção ao desejo, ser ou não ser psicanalista interessa menos do que o **desejo pela psicanálise**. Este último sendo o responsável por produzir a insistência na **formação permanente**, ou seja, na análise, na clínica, no estudo e no encontro com outros analistas.

Alain Didier-Weill (1997), ao refletir sobre o dispositivo do passe, afirma que é necessário o cuidado para que a busca pela nomeação, ser AE (analista da escola), não se sobreponha à experiência de falar sobre o seu fim de análise para construir um saber sobre ele. Ainda, propõe um dispositivo que visse simbolizar a experiência da análise e do fim da análise, mas que não culmine com a nomeação.

Nos encontros entre psicanalistas observamos que o **movimento** é contínuo, as propostas de atividades e caminhos para a formação vão se transformando, são frequentemente reinventadas, as rupturas e cisões dos enlaces também são comuns, dialogam com a cisão do próprio sujeito da psicanálise que é dividido e que, como resultado da análise, suporta essa divisão.

Insistir nos **laços e enlaces** é se deixar tocar, desequilibrar, afetar pela fala do outro, criar possibilidades de que o que escutamos nos forme, transforme e deforme. Ao escutar a fala de outro analista não importa tanto o que cada um “pensa sobre o que ouviu, mas como pensa depois de tê-lo ouvido”. (Alain Didier-Weill, pag. 113)

A psicanálise não visa a eliminação de sintomas, não busca o estado de “saúde” ou normalidade que garantiria um utópico estado de felicidade, sem angústias, dúvidas, incompletudes. Diferente disso, a análise leva a suportar a tensão e inventar maneiras de lidar com ela, destinos criativos. Dito isso, uma instituição que funciona de modo psicanalítico precisa também suportar e sustentar algo de tensão, de abertura ao novo.

Ainda, para avançarmos nos conceitos e irmos além dos mestres, é necessário que nossas ideias circulem em agrupamentos maiores, na instituição e nos encontros inter-institucionais como jornadas, congressos, encontros com psicanalistas de outras escolas, cidades, países. E mais, avançando na ideia da formação

para além do tripé, proponho o trânsito interinstitucional como um **quinto elo**. Deste modo, a formação em psicanálise pode ser pensada para além do tripé, como um nó borromeano de ao menos quatro elos.

## Referências Bibliográficas

- Didier-Weill, A. (1997) Por um lugar de Insistência. IN : Coutinho Jorge, M.A. (Org.) **Lacan e a Formação do Analista**. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria, 2006.
- FREUD, S. (1926) A questão da análise leiga. IN : FREUD, S. **Obras Completas**, R.J. : Imago, 1974.
- LACAN, J. (1953 - 1954) **O Seminário. Livro I: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1975.
- Lacan, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967. In **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1972-1973). **El seminario, libro 20: encore**. (Versión crítica), traducción y notas Ricardo Rodríguez Ponte, para circulation interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires, Buenos Aires, 2001.
- LACAN, J. (1973- 1974) **Seminario 21: Les non dupes errent**. (inédito). Tradução de Irene Agoff de Ramos. para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires, 1976.
- LACAN, J. (1974-1975). **El seminario, libro 22: R.S.I**. (Versión crítica), traducción y notas Ricardo Rodríguez Ponte, para circulation interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires, Buenos Aires, 2001.
- LACAN, J. (1976-1977). **El seminario, libro 24: L'insu**. (Versión crítica), traducción y notas Ricardo Rodríguez Ponte, para circulation interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires, Buenos Aires, 1988.

# A especificidade do diagnóstico de autismo em psicanálise

## The specificity of the diagnosis of autism in psychoanalysis

Eduarda Fuckner Ottvagen<sup>1</sup>

Vinícius Armiliato<sup>2</sup>

### Resumo

Considerando que a psicanálise apresenta uma formulação singular a respeito dos transtornos mentais, quando comparada com a psiquiatria e a psicologia, pretende-se indicar sua especificidade no caso da construção diagnóstica de autismo. Será apresentada a história do autismo enquanto nosografia para, na sequência, situar a leitura psicanalítica. Conclui-se que a psicanálise visa a aposta no sujeito e oportuniza um trabalho de intervenção diretivo e singular. Nesta via, o sujeito não é propriamente enquadrado em uma estrutura fixa, mas sim, pensado em seu dever ao longo de seu desenvolvimento psíquico.

**Palavras-chave:** Diagnóstico de autismo; Psicopatologia; Psicanálise.

### Abstract

Considering that psychoanalysis presents a unique formulation regarding mental disorders, in comparison with psychiatry and psychology, we intend to present its specificity in the case of the

---

1 **Eduarda Fuckner Ottvagen:** Psicóloga; Graduada em Psicologia pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Contato: eduarda.ottvagen@univille.br

2 **Vinícius Armiliato:** Psicólogo e Professor; Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); graduado em Psicologia (PUCPR); Professor adjunto do Curso de Psicologia da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Contato: vinicius.armiliato@univille.br

diagnostic construction of autism. The history of autism will be presented as a nosography to, subsequently, situate the specificity of psychoanalysis in approaching this situation. It is concluded that psychoanalysis aims to focus on the subject and provides the opportunity for directive and unique intervention work. In this way, the subject is not properly framed in a fixed structure, but rather, considered in its future throughout its psychic development.

**Keywords:** Autism diagnosis; Psychopathology; Psychoanalysis.

Em um trabalho recente, Cristina Kupfer (2021, p. 171) apontou como o aumento dos diagnósticos de autismo notados na última década podem decorrer de expectativas alimentadas em nossa sociedade a respeito da padronização de comportamentos. Tal aumento é atestado pelo trabalho de Maenner *et al.* (2023) que encontra a incidência de 1 para cada 36 crianças em determinadas regiões pesquisadas dos Estados Unidos da América (EUA). De imediato, pode-se inferir que isso se deve à construção de critérios estabelecidos quanto ao normal e o patológico, quando comportamentos cuja singularidade não se enquadra no modelo vigente, antes de serem considerados uma nova forma de portar-se no mundo, são classificados como patológicos. Nota-se, dentro de um modelo cultural industrial, em que a normatização é um ideário organizador das relações sociais - ao que Foucault (1999) chamou de “biopoder” - que a psicanálise pode figurar como um campo que faz escuta ao sofrimento que é justamente o efeito de tal normatização. Diante disso, pretendemos investigar, no que diz respeito ao autismo, a especificidade da leitura da psicanálise quanto a este diagnóstico.

Em sua história, o autismo seria visto como uma patologia pelo fato de estar fora da normalidade, algo que remete à reflexão sobre como as intervenções realizadas junto aos indivíduos diagnosticados com autismo se moldam a partir das expectativas

construídas na sociedade a respeito do que seria um indivíduo com o psiquismo saudável. Nesse sentido, a psicanálise, que tem como objeto de trabalho o sujeito do inconsciente, pode figurar como uma via para ampliar uma perspectiva a respeito da singularidade dos indivíduos. Para Mariotto (2007), a psicanálise alia teoria e prática na intervenção da primeira infância a partir de sua ética e da manutenção de uma escuta singular do sujeito ainda em constituição. A redação deste ensaio teórico iniciará com a apresentação da história do diagnóstico de autismo no campo da psicopatologia, para, na sequência, se vislumbrar a perspectiva psicanalítica, a qual considera a singularidade da experiência vivida pelos sujeitos diagnosticados com TEA.

### **O diagnóstico de autismo em psiquiatria: de Leo Kanner ao DSM-V**

A construção diagnóstica dos transtornos mentais esteve em sua história intimamente ligada à percepção e concepção da loucura, notadamente diante de sua divergência com a expectativa construída na cultura a respeito de um padrão de normalidade esperada, como mostrou Foucault, em *História da Loucura*. Para o autor, o trabalho dos hospitais psiquiátricos e casas de correção se fundamentava a partir de um ideário de normalidade racional (Foucault, 1972, p. 125). Em outro trabalho, Foucault (1975, p.71) indica que “a doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal”. Com isso, entendemos que, a partir de uma concepção, média, ou norma, uma sociedade impõe o que, para ela, estaria de acordo com sua expectativa. Esta média, ao ser entendida como universal, estabelece diretrizes para a construção de diagnóstico e, assim,

o sujeito que não alcança estas expectativas de uma sociedade é visto como desviante de uma norma, reduzindo, assim, suas possibilidades de integração (Foucault, 1975, p. 73).

No caso da construção diagnóstica do autismo, vemos como a publicação de Leo Kanner de 1943, *Distúrbios Autísticos de Contato Afetivo*, trabalho considerado um marco na história de tal nosografia, apresenta um conjunto de pressupostos a respeito do que seria uma família ou uma relação social, os quais são utilizados como aferição de comportamentos patológicos ou não.

Nesse âmbito, Marfinati e Abrão (2014) discutem sobre as características consideradas por Kanner para a classificação daquilo que este considerava condizente com um disfuncionamento psíquico. Os autores indicam que, para Kanner, as crianças nasciam com uma incapacidade no estabelecimento de contato afetivo com seus parentes, ficavam melhores sozinhas quando acompanhadas apenas de seus objetos e sentiam uma grande angústia de estar perto de pessoas. Também mencionam que outra característica associada a este quadro, que ocorria no início do desenvolvimento, dizia respeito à aquisição da fala e linguagem. Além disso, em algumas crianças havia o aparecimento de falas sem encadeamentos lógicos, além da ecolalia. Outra característica referia-se à necessidade de preservação da rotina.

Segundo Bialer e Voltolini (2022, p.5), “A história da conceituação do autismo imbrica a descrição e a categorização diagnóstica como uma complicação de comportamentos e características que juntos delimitam um quadro específico, distinto dos que existiam até então” . No caso do artigo de Kanner, tem-se a apresentação de 11 casos de crianças - 8 meninos e 3 meninas - que foram atendidas e recebidas por meio de cartas escritas por seus cuidadores. Também são apresentados a rotina, padrões de comportamento e o procedimento de classificação ao qual Kanner se apropria.

Em seu texto, o autor dá nome a características que incomodavam os pais destas crianças e, a partir do enredo que estes escreviam sobre seus filhos, estabeleceu o quadro psicopatológico de distúrbio autístico. Para Kanner (1943), “[...] a desordem fundamental está na incapacidade dessas crianças de se relacionarem *de maneira comum* com pessoas e situações desde o começo de vida” (p. 15, *grifo nosso*). O autor também descreve esta categoria autística como uma autossuficiência por parte destas crianças, e o extremo isolamento que as impedia de interagir com o meio onde estavam inseridas, ignorando, inclusive, seus pais. Essas crianças, segundo Kanner, ignoram qualquer sinal vindo do exterior, voltam-se para si, “parece que volta[m] para sua[s] concha[s]” (p. 1). Quanto às famílias delas, Kanner diz que possuíam “uma boa inteligência, frequentavam faculdade e tinham formações curriculares” (p.19).

Há, para o autor, excelente inteligência com relação a objetos, uma característica que “não ameaçaria interferir em sua solidão” (p. 18) e que com isso os aliviava dos outros comportamentos vistos como desviantes. Neste caso, o autor considera que há uma característica diagnóstica compreendida como síndrome e que carrega deficiências e anormalidades, diferentes de uma criança normal. Cita também que todas estas características apresentadas pelos pais dessas crianças se devem ao fato de suas vivências particulares e que, por isso, resultam em uma obsessividade para garantir, desde o ponto de vista dos pais, que o problema está no filho, próprio de sua personalidade. Nesse ponto, Kanner erroneamente culpabiliza os pais, indicando que estes teriam outros interesses mais voltados às suas vidas profissionais (p. 20). Kanner ainda menciona que alguns casamentos seguem apenas contratos e, por isso, não há um envolvimento com seus filhos.

Mesmo alguns dos casamentos mais felizes resumiram-se, antes de mais nada, a frios e formais tratos. Três casamentos foram tristes equívocos. A pergunta que fazemos é se, ou até que ponto, esse fato contribuiu para a condição das crianças. A solidão das mesmas desde o seu começo de vida torna difícil atribuir o quadro inteiro exclusivamente ao tipo das primeiras relações matrimoniais com nossos pacientes. Devemos, então, assumir que essas crianças vieram ao mundo com inata inabilidade para travar contato afetivo normal, biologicamente fornecido, com pessoas, da mesma forma que outras crianças vêm ao mundo com inatas deficiências físicas ou intelectuais. Se essa conjectura for correta, um novo estudo de nossas crianças poderá ajudá-los a fornecer critérios concretos relativos a noções ainda difusas sobre os componentes constitucionais da reatividade emocional. Por hora parece que temos exemplos de pura cultura sobre distúrbios autistas inerentes ao contato afetivo (Kanner, 1943, p. 250)<sup>3</sup>.

- 
- 3 Leo Kanner atribuiu a causa do autismo não somente a uma predisposição genética, mas também como decorrente das primeiras relações que o bebê tinha em sua vida. Nesta via, culpabiliza as mães, rotulando-as como “mães geladeira”. Lima (2014) afirma que Kanner avaliou as possíveis relações entre o autismo e a personalidade dos pais, afirmando que estes “mantinham-se desde cedo em uma geladeira que não descongela” (p. 117). Posteriormente, Kanner publica a obra *Em Defesa das Mães* (1945), para que pudesse se retratar do equívoco sobre a culpa a elas destinada. A leitura da culpabilização das mães hoje é considerada equívoca, logo, a culpabilização das mães enquanto indivíduos que não tinham interesse em cuidar de seus filhos caiu em amplo descrédito (p. 182). Essa visão que havia sido descrita por Leo Kanner e Bettelheim, segundo Kupfer (2015), não passou de uma distorção. O que estes psicanalistas expõem, é que existem crianças que nascem com uma hipersensibilidade ao que é excesso, e por isso há um fechamento psíquico. Não se trata de pensar que a culpa é das mães, que muitas vezes se desdobram para capturar a atenção de seus bebês, que estão fechados para se defender do que, para eles, é um excesso. As mães não nascem sabendo como operar com bebês ultrasensíveis (p. 182). Atualmente, a classificação de diagnósticos tem se fundido a outros transtornos, o que faz uma criança receber diversos diagnósticos, até mesmo de diferentes profissionais. Ainda segundo Kupfer (2000), há uma preocupação sobre a causa do autismo e a culpabilização materna. Uma mãe que ama demais, outra que ama menos, todas essas questões reforçam características culturais que permeiam a vida de todo sujeito. Não existiria culpa, mas sim uma responsabilização por parte dos cuidadores no processo de constituição do sujeito.

Contemporaneamente, o campo da saúde mental (psicologia, psiquiatria, entre outras), não se baseia nos trabalhos de Kanner, todavia, o autismo segue enquanto categoria diagnóstica. Por certo ocorreram mudanças substanciais em sua compreensão para que hoje este seja considerado como um quadro que se manifesta dentro de um espectro. Desse modo, cabe apresentarmos brevemente como opera o manual de referência para a categorização atual do autismo, hoje nomeado como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

É preciso considerar que, embora muitos avanços tenham sido oportunizados no campo de trabalho e detecção do TEA, existem hoje determinados impasses no modo como tal quadro diagnóstico figura no manual de referência da psiquiatria. O DSM V (2014) estabelece alguns critérios diagnósticos para o TEA, conforme figura 1:

Figura 1: Critérios diagnósticos para Transtorno do Espectro Autista

Transtorno do Espectro Autista	
Transtorno do Espectro Autista	
Critérios Diagnósticos	299.00 (F84.0)
<p>A. <b>Déficits persistentes</b> na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, conforme manifestado pelo que segue, atualmente ou por história prévia (os exemplos são apenas ilustrativos, e não exaustivos; ver o texto):</p> <ol style="list-style-type: none"><li><b>Déficits</b> na reciprocidade socioemocional, variando, por exemplo, de abordagem social anormal e dificuldade para estabelecer uma conversa normal a compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais.</li><li><b>Déficits</b> nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal.</li><li><b>Déficits para desenvolver</b>, manter e compreender relacionamentos, variando, por exemplo, de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares.</li></ol> <p><i>Especificar a gravidade atual:</i> <b>A gravidade baseia-se em prejuízos na comunicação social e em padrões de comportamento restritos e repetitivos</b> (ver Tabela 2).</p>	
<p>B. <b>Padrões restritos e repetitivos</b> de comportamento, interesses ou atividades, conforme manifestado por pelo menos dois dos seguintes, atualmente ou por história prévia (os exemplos são apenas ilustrativos, e não exaustivos; ver o texto):</p> <ol style="list-style-type: none"><li>Movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos (p. ex., estereotípicas motoras simples, alinhar brinquedos ou girar objetos, ecolalia, frases idiossincráticas).</li><li><b>Insistência</b> nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal (p. ex., sofrimento extremo em relação a pequenas mudanças, <b>dificuldades</b> com transições, padrões rígidos de pensamento, rituais de saudação, necessidade de fazer o mesmo caminho ou ingerir os mesmos alimentos diariamente).</li><li><b>Interesses fixos</b> e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco (p. ex., forte apego a ou preocupação com objetos incomuns, interesses excessivamente circunscritos ou perseverativos).</li><li>Hiper e hiporreatividade a estímulos sensoriais ou <b>interesse incomum</b> por aspectos sensoriais do ambiente (p. ex., indiferença aparente a dor/temperatura, reação contrária a sons ou texturas específicas, cheirar ou tocar objetos de forma excessiva, fascinação visual por luzes ou movimento).</li></ol> <p><i>Especificar a gravidade atual:</i> <b>A gravidade baseia-se em prejuízos na comunicação social e em padrões restritos ou repetitivos de comportamento</b> (ver Tabela 2).</p>	
<p>C. Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento (mas podem não se tornar plenamente manifestos até que as demandas sociais excedam as capacidades limitadas ou podem ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida).</p> <p>D. Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo no presente.</p> <p>E. Essas perturbações não são mais bem explicadas por deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) ou por atraso global do desenvolvimento. Deficiência intelectual ou transtorno do espectro autista costumam ser comórbidos; para fazer o diagnóstico da comorbi-</p>	

Fonte: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5, 2023. (Grifo nosso)

A partir das palavras acima grifadas, pode-se perceber que o manual traz em suas colocações palavras como “déficits”, “déficits persistentes”, “déficits para desenvolver”, “interesses fixos”, “interesse incomum”, entre outros (p. 50). Diante do exposto, entende-se que o DSM busca normalizar o que é disfuncional e desviante no sujeito, não tendo como proposta o

seu desenvolvimento. Segundo De Resende *et al.* (2015), o DSM entende que o sujeito tem de estar em seu melhor funcionamento possível.

Além disso, o DSM V - TR menciona uma mudança na categoria relacionada ao diagnóstico de autismo que consideramos útil citá-la aqui. Enquanto nas versões anteriores havia diferentes classificações (Asperger, Transtorno Global do Desenvolvimento, por exemplo), agora todas estão inseridas dentro de um único espectro e possui diferentes níveis.

Alguns autores argumentam que a abordagem do DSM é de caráter médico, classificatório, padronizado e patologizante. Com isso, aumenta-se a expectativa de que os modelos culturais devam ser seguidos e, caso não o sejam, deve-se proceder a uma adequação. Ian Hacking, em *Sobre a Taxonomia dos Transtornos Mentais* (2013), considera que as edições dos DSMs não passam de propostas de novas adaptações de sujeitos carregadas de controvérsias. Para o autor, o DSM carrega um ceticismo e pouco se acredita no desenvolvimento, notadamente ao colocar o sujeito em diagnósticos padronizados e com uma linguagem em que pouco se aposta em prognósticos salutares. Para Hacking (2013), isso fomenta o lucro da indústria farmacêutica, já que novos comportamentos passam a ser vistos como desviantes e, por isso, classificados em um diagnóstico. O autor ainda se pergunta a quem serve o DSM, ou mais ainda, a quem serve o diagnóstico? E complementa explicando o porquê do manual ser chamado de estatístico, pois estuda-se a predominância das doenças e com isso, gera-se novos lucros para os grupos farmacêuticos (p. 302). Considera também que cada diagnóstico estabelecido pelo DSM recebe um código e, com isso, a pessoa passa a não ser vista mais como quem é, mas sim como um código que a nomeia de modo a

se poder organizar benefícios e demais seguros sociais que então se oferecem.

Conforme se nota no prefácio do DSM-V, a proliferação de diagnósticos é de algum modo fomentada: o DSM, segundo o texto, “Tornou-se uma referência” para diversas classificações e padrões de comportamento, “servindo como um guia prático”. Nesta via, por ser um manual estatístico, não se considera informações subjetivas do sujeito justamente para “positivar” o diagnóstico.

É importante também mencionar que “o DSM não inclui em si recomendações de tratamento” (Hacking, 2013, p. 303). Para o autor, os manuais carregam uma espécie de cardápio, nos quais os critérios se mostram difíceis de serem lidos e ainda podem mostrar mais de 14 sintomas em diversas categorias. Formam-se, assim, diagnósticos sobrepostos, onde a pessoa pode se encaixar em diversos critérios, classificações e grupos (p. 308).

Dentre outras críticas presentes na literatura, notam Martinhago e Caponi (2018, p. 77), como todo sinal ou sintoma passou a ser visto como uma anormalidade e, por isso, encaixava-se em novos transtornos colocados no Manual. Ao longo de suas revisões, o DSM foi construído a partir de um discurso metodológico visando preservar a confiabilidade e a validade, uma vez que isso facilitaria o processo de categorizar o diagnóstico e eximiria os profissionais de um trabalho extensivo e com especificidades:

O impasse pode ser descrito da seguinte forma: para ter confiabilidade, os diagnósticos teriam de ser simples, genéricos e facilmente identificáveis, sem grandes complicadores que poderiam causar desavença entre os clínicos; mas, para serem válidos, eles precisam ser extensivos, com inúmeras nuances e especificidades, para fazerem jus à complexidade dos fenômenos

que pretendem descrever em termos categóricos. O DSM optou pela confiabilidade e entregou a questão da validade dos transtornos mentais para as neurociências e a genética, retirando-a do escopo da psiquiatria (Passarinho, 2020, p. 157).

Conforme as novas edições do DSM, nota-se uma progressiva ruptura com algumas teorias que prezam a subjetividade, em detrimento de um trabalho majoritariamente estatístico, embasando suas conclusões, não na singularidade das histórias de vida dos sujeitos, mas sim no interior de perspectivas generalistas e universais, de modo que as narrativas dos pacientes ficaram em segundo plano (Martinhago; Caponi, 2018, p. 79). A psicanálise já foi uma linha teórica dentro do DSM, em que conversava com a psiquiatria promovendo trocas entre as áreas. Para Dunker (2011), foi, naquela ocasião, o casamento da psicanálise e psiquiatria. Segundo o autor, até a terceira edição do DSM a psicanálise trabalhava dentro de uma perspectiva psicodinâmica que abrangia não só o eu, mas também o social e o cultural. Tal perspectiva foi expurgada das posteriores edições e revisões. Assim, cabe, neste momento, passarmos para a seção deste artigo dedicada a explorar a psicanálise e sua relação com o diagnóstico de autismo.

## **Da determinação do DSM V à aposta da psicanálise**

Neste momento pretendemos apresentar a especificidade do diagnóstico do TEA em psicanálise. Mostraremos como a perspectiva do cuidado e da relação com o adulto trata-se de um recurso fundamental em tal diagnóstico quando atravessado pela psicanálise. O cuidado está atrelado à noção de educar, uma vez que oferece, durante a relação entre dois, novas possibilidades

identificatórias ao sujeito. Busca, ainda, fornecer experiências para que a criança possa dar e receber significações a partir da relação com o adulto primordial.

Mariotto, em *Cuidar, Educar e prevenir: As funções da creche na subjetivação de bebês* (2007), discute sobre como reconhecer esse cuidado, ao indicar que “ao mesmo tempo que aproximamos o cuidar do educar, reconhecemos a diversidade presente em cada ofício, já que, ao cuidarmos de um corpo, estamos educando um sujeito” (p. 133). Sendo assim, deve-se ter um cuidado para não cairmos em um modelo de ideal imposto pela cultura. O ideal da psicanálise é, no caso da subjetivação de uma criança, o de esperar que algo aconteça e assim construir um sentido *a posteriori*. Ou seja, diante de uma criança pequena que apresenta sinais de risco para o desenvolvimento psíquico (elementos avaliados no DSM V como determinantes de TEA), tem-se uma postura, em psicanálise, que procura significá-los a partir de apostas. Nesta via, parte a psicanálise do princípio de “garantir que as condições mínimas para a subjetividade estejam presentes” (Mariotto, 2007, p. 127).

Cabe ressaltar que outros autores também discutem a questão dos diagnósticos e a prevenção. Mariotto parafraseia Freud em sua obra *O Mal Estar na Civilização* (1929), quando afirma que o sujeito que se adequa a um padrão, que se adequa ao esperado, está renunciando às suas demandas pulsionais e por isso mantendo um estado civilizatório para não ser repreendido. Machado, em seu artigo *Autismo, Psicanálise e Prevenção: Do que se trata?* (2018), aborda o cuidado enquanto alternativa a um modelo de organização e norma, disfarçado de preocupação. Já Angela Vorcaro, em *Crianças na Psicanálise* (1999), afirma que

Na perspectiva de responder a como pré-selecionar e como pré-tratar a desadaptação social, a psiquiatria e a educação colocaram-se ao lado da ordem jurídica, de modo que prevenção substituiu punição e a educação substituiu a repressão, permitindo a diluição das estruturas espaciais de coerção de corpos pelo controle das relações (Vorcaro, 1999, p. 156).

Neste caso, entende-se que o termo prevenir possui uma conotação de controle e ajustamento. Todavia, a psicanálise não vê um sinal/comportamento/características - quaisquer que sejam os nomes, que os livros trazem para o que o sujeito apresenta - como um problema (Machado, 2018), mas como uma característica singular cuja significação será erigida a partir da relação com o outro. Conforme Mariotto (2007) afirma, trata-se de permitir um processo de subjetivação mínima, a partir do que aparece, e fazer deste, um trabalho terapêutico com a criança.

A psicanálise trabalha por via da aposta, no sentido de que não apresente um padrão de normalidade ao qual a criança deverá seguir para ter sucesso. Bernardino (2004), por exemplo, afirma que com crianças na primeira e segunda infância é razoável considerá-las no interior de “estruturas não decididas”. Ou seja, nada é conclusivo, e assim o sujeito poderá continuar se desenvolvendo, advindo. É um trabalho de abrir-se para o singular, jamais o fechando e o limitando a um critério diagnóstico.

Conforme Bernardino (2004) aponta, em um primeiro momento é preciso considerar que o corpo da criança é inscrito por significações, carregadas de linguagem, provenientes de outras pessoas que fazem parte do seu círculo de convivência. Tendemos a manter essas crianças em uma espécie de linha do desenvolvimento, como se pudessem seguir um checklist. Mas o psicanalista trabalha com o inconsciente, e o inconsciente é atemporal, segue um tempo diferente do qual estamos conscientemente habituados. Com isso, intervir com a escuta é observar

o desenvolvimento desta criança e, caso algo esteja lhe causando prejuízos, fazer a ponte para que possa haver no processo terapêutico inscrições subjetivas. O analista se coloca como aquele capaz de ser o Outro primordial, para que possa devolver o olhar e assim se abrir um sujeito. Há ainda uma segunda razão, que é a antecipação do sujeito e, com isso, o desejo do analista. Trata-se de supor que ali há um sujeito desejante, em processo de constituição, e com isso, fazer dele um sujeito de escolhas, vontades e que pode se posicionar:

Na psicanálise, o analista como representante do discurso psicanalítico surge como um interlocutor no campo das palavras, para acompanhar a criança nesta travessia em busca dos significantes que lhe sejam próprios. Ao tomar o analisante como sujeito de desejo – mesmo que como antecipação, aposta clínica –, o analista aponta para uma outra escolha estrutural possível para a criança (Bernardino, 2004, n.p).

O cuidado está ao lado de como ocorre a constituição do sujeito no seu laço com o Outro<sup>4</sup> (Jacintho; Kupfer; Vanier, 2017), notadamente ao possibilitar que esse Outro possa tomar posse desse lugar e que o sujeito possa recebê-lo. Trata-se de devolver o investimento libidinal a este sujeito. Lembremos que a principal ferramenta que o psicanalista utiliza é a escuta. E é por este motivo que o psicanalista não rotula, pois, conforme afirmam Finelli e Mendonça (2015), isso afetaria seu trabalho de ouvir o que aquele sujeito traz. Tudo o que o sujeito apresenta em cena é discurso próprio, é fabricação singular e, por isso, a única forma

---

4 No seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988), Lacan indica que "O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer. E eu disse - é do lado desse vivo, chamado à subjetividade, que se manifesta essencialmente a pulsão (Lacan, 1988, p. 193-194).

que encontrou para lidar com a situação. O olhar que o sujeito dito autista necessita, com um diagnóstico fechado, não permite que se possa conhecer para além dele.

Em vista disso, pode-se dizer que o diagnóstico em psicanálise não se mantém nos padrões e modelos prescritos em manuais estatísticos, porque assim se perderia todo o trabalho de conhecimento daquele sujeito. Segundo os mesmos autores, “O diagnóstico diferencial só se coloca em psicanálise como função de orientação e condução do tratamento. Para tanto, o diagnóstico só pode ser buscado no registro simbólico” (Finelli; Mendonça, 2015, p. 56).

Maria Cristina Kupfer, em *O impacto do autismo no mundo contemporâneo* (2021), discute sobre como o autismo possui visões controversas, distorcidas e ainda com diferentes perspectivas. A autora sustenta que “é preciso definir o que ele é, de onde vem e o que pode ser feito em benefício dos sujeitos por ele afetados” (Kupfer, 2021, p. 169). Nesse caso, a psicanálise não se ocupa em traçar novos modelos de tratamento, muito pelo contrário, a direção é sair desse modelo de padrões a serem seguidos, e se orientar em direção a um caminho em que possa haver criação, preocupação e implicação. É sabido que o diagnóstico de autismo sofreu diversas alterações ao longo do tempo, desde a forma como acontecem e como são classificados. Como foi visto nas seções anteriores, Leo Kanner definiu que o autismo possui algumas características como atrasos de linguagem, problemas sociais e de comunicação, além de um interesse mais voltado a si próprio e menos com o mundo exterior.

Kupfer afirma que, “Por isso não dizemos que uma criança é autista e sim que essa criança está em risco de desenvolver autismo” (2021, p. 183). Quando se recebe o sujeito em contexto de avaliação clínica, procura-se o sujeito e não uma categoria

retirada dos manuais. É por essa linha que observa-se que tanto Kupfer quanto Mariotto trabalham de maneira muito similar, onde veem que o educar e cuidar, é tratar e, assim, um está associado ao outro. O educar é “Transmitir marcas simbólicas que possibilitem à criança usufruir um lugar de enunciação - que seja fabricação própria - no campo da palavra e da linguagem, e a partir do qual seja possível se lançar as empresas impossíveis do desejo” (Kupfer, 2021, p. 183-184).

Já Alfredo Jerusalinsky, em *Psicanálise do Autismo* (2012), ao abordar sobre a culpabilização que Kanner faz às mães, e o quanto estas acabam nutrindo um sentimento de culpa por não estarem fazendo seu papel, comenta:

Fica evidenciado, assim, a que perigos nos arriscamos no caso de nos mantermos no nível descritivo dos comportamentos, dentro de procedimentos psicológico-psiquiátrico, hora atribuindo toda a causalidade a mãe, ou, como está mais em moda na psiquiatria norte-americana atual, especificamente referida ao AIP, atribuindo tudo ao cérebro do filho (Jerusalinsky, 2012, p. 49).

Em *Um autista merece a chance de se tornar sujeito* (2012), Jerusalinsky menciona que, nada do que hoje se discute no autismo, deve atuar como limite para a perspectiva clínica. Com isso, o psicanalista atua em uma via de abrir espaço para que o sujeito alcance seu desenvolvimento, não estando sujeitado. O trabalho é na aposta do sujeito, já que ele existe, e está se fechando, deve-se oferecer espaço para que possa se abrir .

Depois dessas considerações oriundas de autores da psicanálise, podemos afirmar que as descrições que o DSM apresenta aparentam dar um valor estático aos comportamentos das crianças, mantendo-as paralisadas em seus prognósticos e, nesse sentido, a interpretação de um fenômeno consiste em reduzi-lo.

Conforme Bernardino (2010) discute, a problemática em torno das atualizações dos Manuais Diagnósticos evidencia a dificuldade e a emergência em classificar um transtorno, visto que o próprio autismo sofreu diversas alterações, no que se refere ao psíquico e ao biológico.<sup>5</sup>

Ainda segundo Bernardino (2010), é preciso nos atentarmos para qual noção de criança é a que estamos trabalhando? Foi ou está sendo uma criança que possui espaço e tempo para se desenvolver ou uma corrida contra o tempo para que, segundo estes manuais, ainda possa ser educada e treinada. Para a autora, a listagem de sintomas típicos dos manuais se apresenta sem implicação quanto ao que é um sujeito, algo que facilita o diagnóstico.

Para Pimenta (2003), a forma como uma criança é vista antes e depois de uma descoberta diagnóstica é de extrema importância, pois o caminho terapêutico pode conduzir, usualmente, a tratamentos cognitivos, adaptativos e educacionais.

Nesse âmbito, Jerusalinsky (2018) aponta que nem todo risco psíquico na primeira infância é risco de autismo. A autora prefere pensar que deve-se ter um olhar atento para algo que “não vai bem” e, com isso, trabalhar com intervenções, sem que se feche uma patologia e um diagnóstico.

A preocupação é que observando esse sujeito, com um olhar atento, flutuante e humanizado, possa se perceber que algo em sua constituição psíquica não vai bem, de modo que torna-se possível intervir a tempo para que não evolua para a redução das possibilidades e dos modos de satisfação da criança. Sem uma perspectiva segregacionista e higienista, onde espera-se que

---

5 Para Sauvagnat (2012), o DSM V, ao classificar em novas categorias diagnósticas, faz pensar que todos seremos autistas (p. 20).

aconteça uma normalidade no interior da qual discursos implícitos indicam a necessidade de manter certo padrão.

Julieta Jerusalinsky (2018, p. 92) ainda afirma que há um perigo nos instrumentos e intervenções comportamentais que acabam por induzir a patologias, notadamente ao reforçar os olhares patologizantes dos cuidadores a respeito de seus filhos.

Tais discussões giram em torno de uma expectativa de uma sociedade que se mostra preocupada com os critérios de normalidade e um padrão. Winnicott, em *A criança e seu Mundo* (1968), no capítulo *O que entendemos por crianças normais?*, indica ser pertinente trazer essa reflexão, uma vez que “não é comparando um comportamento de uma criança com o de outra que chegaremos a uma conclusão sobre o que entendemos por normal” (p. 141). A criança reagir de determinada maneira e a partir deste comportamento verificar traços de uma patologia, é desaconselhado pelo autor. Winnicott afirma que uma criança de dois anos de idade pode chorar quando sente fome, o que deve-se atentar é a forma que esse choro é atendido e compreendido, porque isso certamente implicará em sua constituição psíquica. Tratar uma criança como um ser de desejos e que possui sentimentos é essencial, mesmo que suas relações com o mundo estejam ainda em processo de constituição (Winnicott, 1978, p. 141).

Julieta Jerusalinsky, em uma publicação em uma coluna jornalística no ESTADÃO (2016), escreve a respeito da crença e manutenção dos diagnósticos, tomado como uma única via e um destino da criança. Nas suas palavras: “Uma vez autista, sempre autista”. Toda essa tratativa faz um movimento contrário ao que é pregado quando se fala em diagnósticos, em que se promete tratar, além de manter a criança em uma mesma posição, mesmo que subjetivamente. Por isso volta-se à questão sobre o cuidado e a forma que estão “mantendo” as crianças autistas e

ditas autistas. Segundo a autora, fechar um diagnóstico é fechar o sujeito em si mesmo.

Com isso, a classificação de diagnósticos tem se fundido a outros transtornos, o que faz uma criança receber diversos diagnósticos, até mesmo de diferentes profissionais. Ainda segundo Kupfer (2000), há uma preocupação sobre a causa do autismo e a culpabilização materna. Uma mãe que ama demais, outra que ama menos, todas essas questões reforçam características culturais que permeiam a vida de todo sujeito. Não existe culpa, mas uma responsabilização por parte dos cuidadores no processo de constituição do sujeito (Kupfer, 2000, p. 94).

Kupfer (2000) menciona sobre a escuta com esses cuidadores para que possam juntos desenvolver a constituição desse vir-a-ser, inserindo-o na cultura, na escola e qualquer outro lugar que essa criança for ocupar. O autismo é um assunto amplamente discutido e nunca cessará de debates em torno, com isso, Kupfer afirma que o autista não deixará de sofrer os efeitos dessa construção e reconstrução que, certamente, implica na sua exclusão da circulação social, submetido dentro e fora de clínica, ao condicionamento de seus comportamentos para permanecer em um lugar de borda, e que se mantém equilibrado (Kupfer, 2000, p. 96).

A psicanálise mantém a escuta no sujeito e Catão (2011) discute sobre uma surdez necessária à constituição do sujeito, para que assim se aliene ao Outro. Ao conceito surdez, se relaciona com o tema debatido, em que o analista mantém o olhar para um diagnóstico. Mas que possa ampliar seu olhar, ao que o próprio sujeito demonstra, e que possa ter sua própria voz a ser escutado: “Nem déficit, nem doença a ser curada, nem comportamento a ser retificado. No tratamento do autismo há um sujeito a ser escutado em seu modo particular de funcionamento, um

sujeito que antecede o sujeito do inconsciente” (Catão; Vivés, 2011, p. 89).

Diante do exposto no capítulo, entende-se que o diagnóstico em psicanálise diferencia-se do que é entendido no campo da psiquiatria. A psicanálise prioriza a escuta qualificada, e, desta forma, procura compreender a singularidade de cada sujeito (Loures; Fernandes, 2015, p. 284). Nota-se que ao diagnosticar dentro de uma perspectiva médico-psiquiátrica própria do DSM, o trabalho se delimitaria por um fechamento do sujeito, todavia, o que se espera é o fomento à abertura para o desenvolvimento. Assim, o psicanalista atuaria como um mediador daquilo que o sujeito traz para, a partir disso, direcionar o trabalho. A psicanálise prioriza o devir do sujeito, e com isso não propõe a sua adaptação, mas considera e valoriza a singularidade que nele se apresenta.

## **Considerações finais**

Considera-se que o diagnóstico de autismo em psicanálise é outro que não o que é apresentado aos Manuais Estatísticos, nos quais há um agrupamento de comportamentos e o autismo é interpretado como conceito, categoria, transtorno mental. O trabalho parte do princípio de uma implicação subjetiva dos cuidadores e terapeutas responsáveis pelo cuidado de uma criança que apresenta um modo de viver particular e singular, e não forçadamente a respeito de um agrupamento coletivo de sintomas. O diagnóstico possui uma construção histórica e social, e que muitas vezes ignora a reflexão sobre o que é um sujeito.

Nota-se como a construção de um padrão de normalidade tende a fazer pertencer a categorias diagnósticas, aqueles que não

se encaixam em tal norma. Diante disso, entende-se que a doença mental no campo da psiquiatria é amplamente banalizada, uma vez que o que se observa como comportamentos desviantes, são enquadrados em diagnósticos. O mesmo olhar tem-se para o autismo, que é entendido como doença.

Em contrapartida, procuramos mostrar neste ensaio que a Psicanálise apresenta uma visão alternativa, menos descritiva e classificatória e mais em devir com as manifestações dos indivíduos. É sabido que, em casos específicos, o diagnóstico orienta o trabalho do profissional, mas é nestes casos que é preciso perguntar-se como o sujeito é percebido e acolhido. Considera-se, assim, a Psicanálise como alternativa, dado sua escuta flutuante que permite um trabalho de cuidar, educar e prevenir. Cuidar do sujeito, para que este possa ser lido em seu devir em, consequentemente, que aqueles que estão em seu entorno estabeleçam, diante de comportamentos considerados autísticos, uma aposta em seu desenvolvimento psíquico e não, como vimos via DSM, uma determinação.

## Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al.* **DSM-5**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Artmed Editora, 2014.
- BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. **A intervenção psicanalítica nas psicoses não decididas na infância**. In: Proceedings of the 5 Colóquio do LEPSI IP/FE-USP, 2004.
- BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. Mais além do autismo: a psicose infantil e seu não lugar na atual nosografia psiquiátrica. **Psicologia Argumento**, v. 28, n. 61, p. 111-119, 2010.
- BIALER, Marina; VOLTOLINI, Rinaldo. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. **Psicologia em Estudo**, v. 27, 2022.

- CANGUILHEIM, Georges. **O normal e o patológico**. 6 ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- CATÃO, Inês; VIVÈS, Jean-Michel. Sobre a escolha do sujeito autista: voz e autismo. **Estudos de Psicanálise**, n. 36, p. 83-92, 2011.
- DE RESENDE, Marina Silveira; PONTES, Samira Paula; CALAZANS, Roberto. O DSM-V e suas implicações no processo de medicalização da existência. **Psicologia em revista**, v. 21, n. 3, p. 534-546, 2015.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz; KYRILLOS NETO, Fuad. A crítica psicanalítica do DSM-IV: breve história do casamento psicopatológico entre psicanálise e psiquiatria. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 14, p. 611-626, 2011.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Questões entre a psicanálise e o DSM. **Jornal de Psicanálise**, v. 47, n. 87, p. 79-107, 2014.
- FEIER, Aline Lemos. Razão e desrazão: A história da loucura de Michel Foucault. **Ítaca**, n. 26, 2014.
- FINELLI, Leonardo Augusto Couto; DE MENDONÇA, Angélica Silveira Martins. Diagnóstico clínico x diagnóstico em psicanálise: a importância da escuta na construção do diagnóstico diferencial. **Revista Bionorte**, v. 4, n. 1, p. 12, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Traduzido do original francês *Maladie Mentale et Psychologie*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- HACKING, Ian. **Sobre a Taxonomia dos Transtornos Mentais**. 2013.
- JERUSALINSKY, Alfredo. **Psicanálise do autismo**. Tradução de Erika Parlato-Oliveira, Roberta Ecleide O. Gomes Kelly e Emilene Parlato - 2. Ed. - São Paulo: Instituto Language, 2012.
- JERUSALINSKY, Julieta. Detecção precoce de sofrimento psíquico versus patologização da primeira infância: face à lei nº 13.438/17, referente ao estatuto da criança e do adolescente. **Estilos da Clínica**, v. 23, n. 1, p. 83-99, 2018.

- JERUSALINSKY, Julieta. **Qual é o lugar para os pequenos na rede SUS? Impasses diante das epidemias de autismo e microcefalia.** ESTADÃO. 2016. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/crianca-em-desenvolvimento/qual-o-lugar-para-os-pequenos-na-rede-sus/> . Acesso em: 27 mar. 2023.
- KAMERS, M.; MARIOTTO, RMM; VOLTOLINI, R. **Por uma (nova) psicopatologia da infância e da adolescência.** 2021.
- KANNER, Leo *et al.* **Os distúrbios autísticos do contato afetivo.** Autismos. São Paulo: Escuta, p. 111-170, 1997.
- KUPFER, M. Cristina M. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. **Psicologia USP**, v. 11, p. 85-105, 2000.
- KUPFER, Maria Cristina. **O impacto do autismo no mundo contemporâneo.** Por uma (nova) psicopatologia da infância e da adolescência, v. 1, p. 169-184, 2015.
- LACAN, Jacques. **Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise.** 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LIMA, Rossano Cabral. A construção histórica do autismo (1943-1983). **Ciências Humanas e Sociais em revista**, v. 36, n. 1, p. 109-123, 2014.
- LOURES, Natália Raquel Pereira; FERNANDES, Paula Brant. A soberania da clínica: além do diagnóstico em psiquiatria e psicanálise. **Estilos da clínica**, v. 20, n. 2, p. 279-295, 2015.
- LUNARDELLI-JACINTHO, Ana Francisca; KUPFER, Maria Cristina Machado; VANIER, Alain. A posição do psicanalista em um espaço de acolhimento para pequenas crianças e seus pais: da sustentação simbólica à constituição subjetiva. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 20, p. 673-685, 2017.
- MACHADO, Letícia Vier. Autismo, Psicanálises Y Prevencions: ¿Á de qué se trata? **Estilos da Clínica**, v. 23, n. 1, 2018.
- MAENNER M.J., WARREN, Z., WILLIAMS, A.R. *et al.* Prevalência e características do transtorno do espectro do autismo entre crianças de 8 anos – Rede de monitoramento de autismo e deficiências de desenvolvimento, 11 locais, Estados Unidos, 2020. **MMWR Surveill Summ**, v. 72, n. SS-2, p. 1-14, 2023.

- MARFINATI, Anahi Canguçu; ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. **Estilos da clínica**, v. 19, n. 2, p. 244-262, 2014.
- MARIOTTO, Rosa Maria Marini. **Cuidar, educar e prevenir**: as funções da creche no desenvolvimento e na subjetivação de bebês. São Paulo: Escuta, 2007.
- MARTINHAGO, Fernanda; CAPONI, Sandra. Breve história das classificações em psiquiatria. **INTERthesis**: Revista Internacional Interdisciplinar, v. 16, n. 1, p. 73-90, 2019.
- PASSARINHO, José Guilherme Nogueira. **O DSM como ideologia**: uma crítica do Manual Diagnóstico e a luta paradigmática em Saúde Mental. 2020.
- PIMENTA, Paula Ramos. **Autismo**: déficit cognitivo ou posição do sujeito? Um estudo psicanalítico sobre o tratamento do autismo. 2003.
- ROUDINESCO, E.; CANGUILHEM, G.; MAJOR, R.; DERRIDA, J. **Foucault**: Leituras da História da Loucura. Relume Dumará, 1994.
- SAFATLE, Vladimir. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. **Scientiae Studia**, v. 9, p. 11-27, 2011.
- SAUVAGNAT, François. Considerações críticas acerca da classificação DSM e suas implicações na diagnóstica contemporânea. **Analytica: Revista de Psicanálise**, v. 1, n. 1, p. 13-27, 2012.
- SANTOS, Altair José dos; LEMES, Mariana Guimarães Neves. O espectro dos autismos e a psicose infantil: uma questão diagnóstica para a psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, p. 175-197, 2020.
- VORCARO, Angela. **Crianças na psicanálise**: clínica, instituição, laço social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, v. 208, 1999.
- WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo** (6 ed.). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. (Trabalho original publicado em 1964a), 1982.

# **Autolesão na adolescência e sua configuração nas redes sociais: Da expressão do mal-estar à busca de novas bordas corporais-sociais<sup>1</sup>**

Self-harm in adolescence and its configuration on social networks: From the expression of discomfort to the search for new bodily-social boundaries

**Marcia Salete Wisniewski Schaly<sup>2</sup>**

## **Resumo**

O presente artigo busca demonstrar e discutir, À luz da Psicanálise, a partir de um breve histórico e vinhetas de um caso clínico, que o fenômeno da autolesão encontra-se em preocupante crescimento, adentrando nos espaços virtuais, onde sujeitos adolescentes que praticam o ato e exibem imagens de suas cicatrizes e cortes ensanguentados de forma espontânea nas redes, vem ganhando seguidores, formando comunidades entre jovens que se automutilam. Essa nova

---

1 O presente artigo se constituiu a partir da discussão de um caso clínico, na seção da clínica da APC, em 2019 e, recentemente, da produção de um texto com algumas reflexões do mesmo caso na Jornada de Encerramento da APC/2023.

2 Marcia Salete Wisniewski Schaly: Psicanalista; Graduada em Psicologia (UFPR); Doutoranda em Educação (UTP-PR); Mestre em Educação (UTP-PR); Especialista em Psicopatologia da Infância e Adolescência (SOCIESC); Especialista em Psicologia Clínica (CRP); Especialista em Psicologia Hospitalar (CRP); Membro associado da Associação Psicanalítica de Curitiba; Membro participante no Grupo de Pesquisa Epistemologia e Educação (CNPq/UTP-PR); Membro Participante Associado do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC) da UFRGS; Atua como Psicanalista em consultório particular e exerce atividades de docência e pesquisa. Contato: marciasws@hotmail.com

configuração se diferencia do que se observa nos ambientes familiares e escolares. A expressão do mal-estar, no registro do corporal, revela intensa angústia, solidão e desamparo, e ainda, uma busca de novas bordas corporais-sociais.

**Palavras-chave:** Autolesão, Adolescência, Redes sociais, Psicanálise.

### **Abstract**

This article seeks to demonstrate and discuss, in the light of Psychoanalysis, based on a brief history and vignettes of a clinical case, that the phenomenon of self-injury is experiencing worrying growth, entering virtual spaces, where adolescent subjects who practice act and display images of their scars and bloody cuts spontaneously on the networks, has been gaining followers, forming communities among young people who self-mutilate. This new configuration differs from what is observed in family and school environments. The expression of discomfort, in the body register, reveals intense anguish, loneliness and helplessness, and a search for new corporal-social borders.

**Keywords:** Self-harm; Adolescence; Social media; Psychoanalysis.

## Autotomia

Diante do perigo, a holotúria se divide em duas:  
deixando uma sua metade ser devorada pelo mundo,  
salvando-se com a outra metade.

Ela se bifurca subitamente em naufrágio e salvação,  
em resgate e promessa, no que foi e no que será.

No centro do seu corpo irrompe um precipício  
de duas bordas que se tornam estranhas uma à outra.

Sobre uma das bordas, a morte, sobre outra, a vida.

Aqui o desespero, ali a coragem.

Se há balança, nenhum prato pesa mais que o outro.

Se há justiça, ei-la aqui.

Morrer apenas o estritamente necessário sem

ultrapassar a medida.  
Renascer o tanto preciso a partir do resto que se  
preservou.  
Nós também sabemos nos dividir, é verdade.  
Mas apenas em corpo e sussurros partidos.  
Em corpo e poesia.  
Aqui a garganta, do outro lado o riso,  
leve, logo abafado.  
Aqui o coração pesado, ali o Não Morrer Demais,  
três pequenas palavras que são as três plumas de um  
voo.  
O abismo não nos divide.  
O abismo nos cerca.  
(Maria Wislawa Anna Szymborska)

## Introdução

A expressão do mal-estar adolescente, no registro corporal, vem se apresentando, entre outras formas de manifestações, pela prática da autolesão que também é conhecida por automutilação, cutting ou escarificação. Prática essa que vem tomando espaço nas redes sociais, onde adolescentes (com)partilham suas cicatrizes, sua dor, angústias, tristezas e sentimentos de desamparo.

A relação com o corpo, marcas e traços corporais se modifica conforme a cultura e o tempo - imaginário de cada época - numa condição que vai para além de uma função ornamental, religiosa ou sociocultural (como os tradicionais rituais de passagem adolescente), mas que se refere à relação entre o pulsional e o social, entre o que foi chamado de interdição do incesto, segundo Lévi-Strauss e Freud, como condição essencial de entrada na cultura,

na civilização (Costa, 2014). Assim, o homem sai da natureza para se inserir no campo da linguagem e relações sociais, adentrando em questões específicas na articulação e constituição linguagem-corpo.

Neste sentido, podemos entender as marcas corporais na adolescência, segundo a psicanálise, como parte da constituição de uma identidade, via modificações na imagem corporal, que assumem a função de singularizar e, ao mesmo tempo, coletivizar ou nomear algo de valorização ou degradação diante do social. Observamos isso nas intervenções no corpo, sejam por meio de cirurgias plásticas, tatuagens, piercing, escarificação e mutilação como formas de fazer borda ou fronteiras corporais, nessa relação com o social, no contexto em que o sujeito está inserido. Assim: “as bordas corporais são, por princípio, “bordas sociais”, tendo em vista que são efeitos de nossa relação à linguagem – lugar desse Outro primordial – que é, desde o início, produtora de laço social.” (Costa, 2014, p. 35).

Desta forma, observamos que o ato de se cortar ou modificar algo no corpo acompanham a história e assumem diferentes significações na construção de um corpo e de uma imagem corporal-cultural.

Buscando pensar essas questões a partir da clínica, o presente texto percorre um breve contexto histórico e tece construções teóricas, analisando vinhetas de um caso clínico, em que uma jovem, em sua passagem adolescente se enlaça em grupos virtuais de autolesão, praticando o ato de se cortar. Cortes esses, que exerciam uma função de apelo, demandando o olhar do Outro, nas redes.

A autolesão, nos últimos anos, vem se tornando um tema público mundialmente, estando presente nas abordagens da mídia, redes sociais e sites que são visitados diariamente,

principalmente pelo público adolescente (Besset *et al.*, 2008; Gomes; Grillo; Lima, 2022), justificando sua relevância social e necessidade de mais estudos.

Vejamos, inicialmente, um breve histórico sobre a questão para, na sequência, tecer, à luz da Psicanálise, algumas reflexões.

### **Breve histórico sobre autolesão/automutilação em adolescentes: “Parar sensações ruins”, “Aliviar sensação de vazio” e “Autopunição”**

A autolesão ou automutilação vem sendo pesquisada e interpretada de diferentes modos, conforme o campo de estudo. Nesta direção, buscamos na literatura alguns conceitos, principalmente na visão de profissionais da área da saúde, uma vez que essas interpretações acabam sendo passadas aos pais de adolescentes, em consultas médicas (com pediatras, neurologistas ou psiquiatras), bem como são um conteúdo que também circula nas mídias, submetidas ao discurso médico biológico da contemporaneidade.

A autolesão em adolescentes tem sido abordada, considerando-se as complexas relações entre fatores biológicos, genéticos, psiquiátricos, psicológicos, culturais e sociais, caracterizando-se num aspecto relevante de saúde pública no Brasil e no mundo. Mesmo sendo uma problemática em franco crescimento, no Brasil, a bibliografia apresenta problemas metodológicos, inclusive sobre a nomenclatura utilizada, ausência de homogeneidade epidemiológica e clínica referente à descrição da autolesão. Geralmente os artigos trazem automutilação e autolesão como sinônimos, podendo ser definidos como um comportamento intencional de agressão direta ao próprio corpo, sem a intensão

de suicídio e suas manifestações mais frequentes são o ato de cortar a própria pele, arranhar-se, morder-se, queimar-se ou bater em si mesmo (Giusti, 2013).

Na literatura médica, verificamos que o primeiro artigo sobre automutilação foi publicado em 1846, cujo relato é de uma mulher de 48 anos, maníaco-depressiva que teria extraído seus próprios olhos (Turnner, 2002 apud Araújo *et al.*, 2016).

Outro artigo relevante foi escrito em 1934, por Karl Menninger, baseado na teoria psicanalítica, trazendo aspectos sobre: agressividade, relação amor e ódio em relação a um objeto, pulsão sexual e atitudes autopunitivas (Strongs, 1998 apud Araújo *et al.*, 2016).

Dados relevantes também surgem na década de 60, quando estudos psiquiátricos instauram a expressão “síndrome do cortador de punhos”, relacionada aos cortes em punhos associados às tentativas de suicídio, inclusos no comportamento autolesivo. Entretanto, a definição desta síndrome foi abandonada posteriormente (Giusti, 2013). Até 1985, aproximadamente, estava associada aos atos de suicídio, tendo um caráter marginalizado (Le Breton, 2003).

Já em 2007, Armando Favazza define a automutilação como um ato intencional de destruir uma parte do tecido do corpo, sem intensão de suicídio, trazendo contribuições ao campo da saúde mental (Favazza, 2007).

No Brasil, até 2013, aproximadamente, a maioria dos artigos se fundamentavam nas pesquisas e bibliografias estrangeiras, principalmente americanas, cujo termo *self-injury* foi traduzido como automutilação. Outro termo *cutting*, aparece como sendo os cortes na pele a forma mais frequente deste comportamento, dando a ideia de uma ação contínua (Davis, 2005). Entretanto, outros comportamentos são classificados como automutilatórios, como

já citado. Tais comportamentos geralmente são repetitivos, apontando para a impulsividade e compulsividade, presentes no ato.

No campo da Psiquiatria, no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), em sua quarta edição, de 1994, a prática da automutilação já aparecia relacionada às modalidades diagnósticas: Transtorno do Controle dos Impulsos não classificados em outro local; no Transtorno de Personalidade Borderline e nos Transtornos da Infância e Adolescência, associado ao Transtorno do movimento Estereotipado com comportamento autodestrutivo (DSM-IV, 2002). No DSM V (2013), surge a classificação de Autolesão Não Suicida, definindo como critério que: “o indivíduo se engajou, em cinco ou mais dias, em dano intencional autoinfligido à superfície do seu corpo provavelmente induzindo sangramento, contusão ou dor (p. ex., cortar, queimar, fincar, bater, esfregar excessivamente), com a expectativa de que a lesão levará somente a um dano físico menor ou moderado” (DSM V, 2014, p. 803), onde não há intenção suicida. Outra classificação do DSM-V, incluiu atos de autolesão como uma classificação diagnóstica denominada Transtorno de Escoriação, cujos critérios diagnósticos se referem a beliscar a pele de forma recorrente, resultando em lesões, causando sofrimento significativo ou prejuízo no funcionamento social e profissional.

As comorbidades apresentadas por pacientes com autolesão, segundo a visão médica, são bastante frequentes. Em adolescentes que apresentavam autolesão e foram avaliados por Nock e seus colaboradores (2006), 87,6% apresentavam algum transtorno psiquiátrico, sendo os mais frequentes: transtornos depressivos, transtornos de ansiedade, transtorno de condutas, transtorno opositivo desafiador, transtornos dissociativos, abuso de substâncias, transtorno explosivo intermitente, transtorno de estresse

pós-traumático, transtornos alimentares, transtorno dismórfico corporal, transtorno de personalidade Borderline, transtorno de personalidade histriônica e transtorno de Personalidade antissocial (Nock *et al.*, 2006).

No Brasil, um dos primeiros estudos mais ampliado, se deu em 2013, realizado com 40 participantes adolescentes. Observou-se que: em 75% dos entrevistados, a prática da automutilação visa “parar sensações ruins” como a raiva e a culpa; 70% responderam que a intensão era “aliviar sensação de vazio” ou “autopunição”; 7,5% referiram querer chamar a atenção. Concluiu, portanto, que a automutilação não constitui uma “birra” de adolescentes revoltados sem causa e que não tem a finalidade de chamar a atenção dos pais, professores ou outros adultos (Giusti, 2013, p.77).

Nesta pesquisa, a média de idade de início dos cortes “foi de 17 anos, sendo um pouco mais tardio do que o verificado na literatura, que mostra este início entre 12 e 14 anos” (p. 98). Esse e outros estudos apontados por Giusti se articulam quando a automutilação aparece como tendo a função de produzir alívio diante de sensações ruins (raiva, vazio, culpa) e que tal comportamento apresenta-se como forma de solução, mesmo que temporária, para lidar com sentimentos desagradáveis. O histórico de abuso sexual (47%) e físico (27%) também é relatado pelos participantes desta pesquisa. Também foi observado a presença de comorbidades com quadros de depressão, transtornos alimentares, transtornos de ansiedade, de estresse pós-traumático, entre outros (Giusti, 2013).

Busca-se demonstrar aqui que, nas últimas décadas, a automutilação ou lesão autoprovocada tem sido foco de crescentes pesquisas e estudos por parte da comunidade científica. Tais pesquisas visam compreender o fenômeno e a manifestação sintomática na vida das pessoas que se automutilam, principalmente

no período da adolescência, uma vez que o alto índice tem sido observado entre os jovens.

Em pesquisa mais recente, segundo o Ministério da Saúde (2021), foram registrados 124.909 casos de lesões autoprovocadas entre os jovens, em 2019. Havendo subnotificação em função dos casos que não chegam a procurar ajuda nos locais de atendimento, público ou privado. Os jovens entre 15 e 19 anos somam uma taxa de 23,3%, cuja proporção é maior entre a população de cor branca (47,3%). A autolesão, geralmente é provocada por envenenamento e objetos perfurocortantes, com maior incidência entre as mulheres com menor grau de instrução e com idade entre 15 e 29 anos (Ministério da Saúde, 2021). Outros dados revelados pelo DataSUS, mostram que, de 2012 a 2019, o crescimento das notificações de lesões autoprovocadas foram contínuas, chegando a quase sete vezes maior o número de notificações. De 2018 a 2019 foram observados mais de 20 mil novos casos (Vieira, 2022, p. 266-270).

Essa breve investigação chama a atenção para a forma como o fenômeno e o sintoma tem sido compreendido pelo campo biológico da medicina, além de nos revelar parte do contexto, que buscamos investigar aqui. Torna-se importante ainda esclarecer o conceito de sintoma que, nesse campo médico, geralmente é compreendido como algo anormal ou uma alteração de um certo padrão de funcionamento, indicando alguma doença ou transtorno que será diagnosticada por um médico, ou seja, o médico atribuirá a significação do sentido que o sintoma manifesta, decifrando se há ou não sinal de alguma doença (Pimenta; Ferreira, 2003).

Vale destacar que, para a Psicanálise, o sintoma assume outra dimensão, pois não se refere a algo que possa ser detectável no organismo, tendo em vista se referir ao sintoma neurótico (ou

psicótico) do sujeito do inconsciente. Neste sentido, faz-se necessário considerar aspectos da formação do inconsciente e o sentido do sintoma que não pode ser apreendido sem considerar o sujeito em sua singularidade e sua implicação. O sintoma pode ser entendido como um elemento simbólico que diz algo do sujeito. Assim, escutar as manifestações sintomáticas dos adolescentes na clínica psicanalítica é diferente de classificar categorias de sofrimento, como a área médica tem feito.

Para a Psicanálise, alguns autores apontam que a autolesão é uma prática ou modo de descarga de alguma angústia, em que o sujeito não está conseguindo narrar ou endereçar esse sofrimento, correspondendo, portanto, a uma experiência esvaziada de sentido e de narrativas. A angústia não encontra caminho nas vivências do sujeito, para ser nomeada ou simbolizada e a manifestação da angústia como dor pode surgir no ato de marcar ou ferir o corpo (Araújo *et al.*, 2016; Jatobá, 2010; Jucá; Vorcaro, 2018). Desta forma, na clínica ou nos espaços virtuais, podemos observar, em adolescentes que se automutilam, que a sensação é de apaziguamento de uma dor, por meio dos cortes na pele. Dor que podemos compreender como angústia.

Considerando-se o cenário apresentado, podemos reconhecer a necessidade do diálogo interdisciplinar, buscando pensar os elementos importantes que os distintos estudos, sobre os adolescentes e autolesão, nos apontam e nos colocam a trabalho. Vejamos, a seguir, algumas reflexões a partir de vinhetas de um caso, da clínica, ao olhar da Psicanálise.

## **Autolesão nas redes e em rede: reflexões a partir de um caso clínico**

A partir de vinhetas de um caso clínico, pretende-se trazer algumas reflexões sobre a autolesão. Prática que vem se ampliando entre os adolescentes, em uma nova configuração nas redes sociais. O caso é de uma jovem adolescente, que quando iniciou terapia sob os cuidados da autora, tinha 12 anos. Isso se deu no início de 2017. Para esse momento de escrita desse artigo, ela será chamada de Olívia.

A queixa inicial, trazida pela mãe, era de que a jovem tinha “vício de doces” (diagnóstico dado por uma médica), era explosiva, irritava-se com facilidade, contava muitas “mentiras”, se autoagredia (desde os 5 anos), “roubava” pequenas coisas do supermercado, colocando esses objetos no bolso. Sempre tinha dificuldade em fazer amigos na escola e sofria bullying. Tal situação levou a família a fazer trocas de escolas e pelas dificuldades de aprendizado, teve uma retenção escolar. Olívia foi diagnosticada com “depressão profunda” (palavras da mãe), aos 9 anos, por um neuropediatra e, nos testes realizados por uma psicopedagoga, Olívia “não sabia nada” (palavras da mãe), tendo escores baixíssimos.

No primeiro contato com Olívia, a questão trazida foi: “Não tenho ninguém pra conversar”; “não tenho nada pra fazer, então eu durmo a tarde toda”. De fato, a mãe também havia mencionado que Olívia era “dorminhoca”, pois passava muitas horas do dia dormindo. No consultório, logo no início, com um pedido meio envergonhado, disse: “Eu queria te pedir uma coisa, mas tenho vergonha”, encorajada, disse: “Eu quero brincar de casinha”. Sentindo-se acolhida em sua demanda, longo período, nas sessões “brincamos de casinha” e Olívia passou a falar e reconstruir

aspectos de suas vivências. Ela fazia “comidinhas” (de massinha colorida) e me alimentava. Ela era a mãe e eu era a filha.

Na ocasião em que discutimos o caso, na seção da clínica da Associação Psicanalítica de Curitiba (APC), em 2019, em função das várias histórias fantasiosas ou idealizações ou “mentiras” que Olívia contava, entendemos como confabulações – confabular como forma de prazer/gozo, mas que também pudemos pensar sobre uma forma de lidar com a angústia. Na ocasião, estudamos sobre o desmentido, a denegação.

Na sequência dos atendimentos, após a apresentação do caso na seção da clínica, Olívia começou a ficar cada vez mais no celular, nas redes sociais, em conversa com novos amigos virtuais. A sua circulação pelos grupos virtuais continuou e por volta dos 14 anos, começou a se infringir cortes em partes do corpo (embora já tivesse episódios de autoagressão, como já mencionado aqui). É desta questão que gostaria de expandir, a partir da contextualização supracitada sobre autolesão na adolescência.

Olívia criou um blog, com um codinome, e começou a utilizá-lo como uma espécie de diário, em que escrevia diariamente sobre o seu dia a dia. Passou a seguir uma página que se intitulava, “minhas cicatrizes”, pois identificou-se com esse significante, uma vez que também vinha falando de suas cicatrizes, sua dor, sua tristeza, suas angústias. Dizia que nesses grupos virtuais as pessoas se entendiam por que ninguém encontrava muito sentido na vida e, cortar-se era algo que os unia, de certa forma. Dizia: “a gente compartilha uma dor, que ninguém sabe de onde vem”.

A partir dessas palavras: “Uma dor que ninguém sabe de onde vem”, pode-se remeter à questão da angústia, que se materializa na dor de cortes na pele, como uma tentativa de uma forma de inscrição singular, compartilhada. Estariam esses cortes, endereçados a alguém? Que destinatário buscaria encontrar?

Entende-se que as marcas inscritas no corpo são uma tentativa de inscrição simbólica, nessa passagem adolescente, considerando a articulação entre o subjetivo e o social. Neste sentido, os grupos, mesmo que virtuais, passam a ter um sentido fundamental para o sentimento de pertencer a algum deles. Grupos que podem se formar em torno de um sintoma ou um traço que os unem e pelo qual seus membros se identificam. Neste caso, o grupo de adolescentes que se automutila. Eis aí uma possibilidade de identidade a cada um de seus participantes virtuais. A questão é que em alguns desses grupos, pode-se observar o estímulo ao ato de se cortar e até mesmo ao suicídio, enquanto outros grupos buscam uma forma de mútua ajuda, configurando os espaços virtuais como formas potenciais para direções diversas que podem influenciar a subjetividade dos adolescentes.

Nesses grupos, Olívia se sentia escutada ao escrever sobre as dificuldades que vivenciava, numa busca em lidar com seus impasses subjetivos. Outra característica desses grupos é que funcionam numa perspectiva de relações horizontais, cujo agrupamento segue a via do apagamento das diferenças, o que acaba intensificando o traço em comum que enlaça os seus membros.

Olívia fazia essa transição da adolescência, questionando a autoridade de seus pais, pontuando as contradições que percebia no discurso e ações deles, buscando estabelecer novos laços, mesmo que ainda precários, mas que lhe trazia um certo conforto – um modo de identificação, via telas de celular, em meio às suas fragilidades narcísicas.

Poder-se-ia dizer que Olívia vinha construindo caminhos para lidar com suas angústias. Caminho marcado pela era das tecnologias da informação e comunicação ou pela chamada globalização, que vem configurando soluções inventadas pelos adolescentes, para nosso tempo, como condição para o existir.

Desta forma, observamos os ciberespaços adentrando na vida de Olívia e/ou vice-versa. Mas, o fato é que suas formas inventivas nesse mundo virtual que nasce com a linguagem, falam de espaços que ela foi habitando, para além do espaço familiar e escolar. Neste espaço, suas questões relacionadas à sexualidade e mudanças na sua imagem corporal, também ganham expressão, pois também passa a falar disso com seus pares virtuais, estabelecendo novos laços sociais.

Assim, do “brincar de casinha”, elaborando questões de sua infância, adentra o mundo da internet, buscando novos laços e ancoragens que pudessem auxiliá-la nessas operações simbólicas delicadas. De um corpo que ainda trazia características de criança, passa a um corpo meio desengonçado, com marcas de espinhas e cicatrizes de cortes que se autoinfligiu. Durante as sessões, a fala foi substituindo os brinquedos e a ação de alimentar e ser alimentada, nutrindo-se de palavras que se enlaçassem ao corpo e ao desejo. Aqui se poderia fazer referência à condição do saber-fazer singular, ante os impasses da própria adolescência e das mudanças subjetivas que, num trabalho de análise o adolescente pode construir, ampliando a polissemia para o sentido de existência.

Nessas vivências de Olívia, o “vício em doce” vai ganhando outra direção, passando a lidar com o amargo sabor de suas angústias, mesmo que, num primeiro momento, por meio das marcas no corpo e depois no “maquiar-se diante do espelho”, junto a outras formas de se fazer representar, no laço social.

Esta profissional, acompanhando Olívia nesse processo, também procurou as redes e autores, para compreender algo mais sobre a autolesão, nesta configuração: “nas redes e em redes”, pois além dos aspectos que podem aparecer na clínica,

também é um assunto que vem preocupando pais, educadores e comunidade escolar, de modo geral.

O fenômeno da autolesão não é algo novo, como demonstrado, porém, a frequência e características com que a questão circula, de várias maneiras, nos espaços virtuais, vem ganhando seguidores e formando comunidades entre jovens que provocam autolesões e exibem imagens de suas cicatrizes e cortes ensanguentados de maneira muito espontânea, diferente do que se observa nos ambientes familiares, onde geralmente os jovens procuram esconder suas cicatrizes. Lembrando que o tema ganha ampla repercussão a partir do jogo da “Baleia Azul”<sup>3</sup> (2015/2017), em que uma das tarefas era cortar a pele em formato de baleia e compartilhar em redes sociais as fotos das feridas autoprovocadas, com a hashtag do jogo.

Além de exibirem seus cortes em certas redes sociais, é possível observar como esses espaços estão sendo utilizados para que os adolescentes falem abertamente sobre o assunto, cujas narrativas são compartilhadas, numa verdadeira rede de amigos virtuais, na qual compartilham fotos, textos, imagens, poemas, entre outros.

Buscando estudar esse tema, esta profissional navegou no Tumblr<sup>4</sup>, utilizando postagens com as hashtags: “automutilação”, “cutting”, “lâmina”, “marcas corporais” e “escarificação”. Nessas buscas pela internet é possível encontrar grupos ou blogs que se

---

3 Baleia Azul é um fenômeno que surgiu nas redes sociais da Rússia, em torno de 2015, e criou um verdadeiro pânico, em 2017, no Brasil e em outros países pela gravidade com que circulou entre os adolescentes. O propósito do jogo eram 50 desafios que incentivavam a automutilação e o suicídio em sua etapa final.

4 O Tumblr constitui-se um meio termo entre um blog e rede social. Neste espaço virtual é possível postar imagens e textos, interagir com curtidas e comentários. Existem também as hashtags e algoritmos de distribuição de conteúdo, conforme as escolhas de cada internauta.

definem ou intitulam seus blogs como “praticantes de automutilação”, “minhas cicatrizes”, “garota morta”, entre outros. Uma das narrativas encontrada no Tumblr, em pesquisa de busca realizada em abril de 2023, a partir da palavra “automutilação”, diz:

Eu estava confusa, perdida, magoada, meu coração doía. Eu queria fazer parar, eu tinha sido magoada profundamente. Não sabia o que fazer, num momento de fraqueza peguei uma gilete, meio insegura e passei sobre os pulsos, longe das veias, pois não queria morrer, a sensação de ardência e o sangue escorrendo me fizeram sorrir, sentir prazer, 5 minutos se passaram eu olhei o pulso cheio de sangue e me apavorei com o corte, mas me acostumei com aquilo. E sempre que me sinto mal faço. Se tornou um vício, difícil de largar, é como droga pra mim.

Além dessa narrativa, outra postagem que chamou atenção, dizia: “Alguém quer criar comigo um grupo de automutilação??” (Tumblr, 2023). Uma frase que busca convocar o outro para (com)partilhar ou dividir em partes, como um ato processual para atribuir a cada um a sua parte. Que parte é essa que o adolescente deseja atribuir a alguém? Que parte a ser (pro)cessada, cortada, dado fim ou, quem sabe, decifrada, elaborada, transformada em algo novo, na passagem adolescente?

Esses estudos são importantes e entende-se que a Psicanálise tem muito a contribuir com essas reflexões. Uma das questões pontuadas para reflexão é quando as intervenções no corpo podem ser consideradas atos de violência do sujeito contra si mesmo e que também podem expressar um pedido de decifração do que os atos de autolesão possam dizer desse sujeito que os pratica.

Observa-se ainda que, se outrora o investimento corporal estava vinculado a ritos ou forma de incluir-se no meio social e cultural, no mundo contemporâneo tal investimento passou a

ter outros significados. Neste sentido, a Psicanálise traz muitas contribuições, demonstrando que na relação entre o sujeito e a imagem de seu corpo existe uma compulsão na busca pelo prazer e o investimento no corpo e do corpo, há o desejo de mostrar-se ao olhar do outro, constituindo-se, assim, a apelação para este olhar como gozo contemporâneo (Assumpção, 2016).

O desafio na passagem adolescente encontra-se em configurar outra relação com o real, com o imaginário, com o corpo e com o gozo. Desta forma, esse é o trabalho que o sujeito adolescente precisa realizar na construção de uma resposta ao real da puberdade (Lacan, 2003), ou, como já apontava Freud, em “O mal-estar na civilização”, o sujeito vai se deparar com sofrimento psíquico, vivenciando simultaneamente os três aspectos que se constituem causa de tal sofrimento, que são: o corpo, o mundo externo e a relação com o outro (Freud, 1930/2006). Para a Psicanálise, a noção de corpo está centrada na noção de pulsão e sua dimensão psíquica se encontra no que dela é linguagem, e, portanto, podendo ser formulada em termos de significante, constituída a partir do campo do Outro. Assim, segundo a teoria Lacaniana, o corpo pode ser articulado aos três registros da realidade psíquica: Real que é o corpo no campo do gozo; Simbólico que se refere ao corpo marcado pelo significante e o Imaginário que é concepção do corpo como imagem.

## **Considerações finais**

O adolescente, sob as influências da cultura contemporânea e numa relação especial com o próprio corpo púbere, depara-se com uma mudança da imagem corporal se engajando em reconstruí-la, orientando-se em sua sexualidade. Neste contexto, várias

são as manifestações ou produções adolescentes e modos de gozo que encontram no corpo o seu destino.

Assim, observamos que os processos de identificação, para o adolescente, apresentam-se indefinidos e não mais ordenados em torno de um ideal, sendo no contexto contemporâneo, sustentados por uma rede fluida, múltipla e variada que pode capturar o jovem para o apego às imagens virtuais, identificações e agrupamentos nas redes sociais. Neste sentido, os atos de automutilação podem ser vivenciados pelos adolescentes como uma procura de novos modos de se inscrever no campo social.

As marcas inscritas no corpo, cada vez mais frequentes na atualidade, indicam a tentativa de inscrição simbólica para a adolescência, numa sociedade que não disponibiliza aos jovens referenciais simbólicos bem definidos para a ancoragem do seu corpo na cultura. Assim, deem-se considerar, nessas manifestações, as relações entre o subjetivo e o social. É importante levar em conta que os grupos têm um papel preponderante na adolescência, e os jovens podem aderir a esta prática motivados pelo desejo de pertencimento a um deles (Gomes; Grillo; Lima, 2022, p. 283).

É possível ainda, pensar na angústia como produtora de rupturas no registro simbólico do sujeito, inviabilizando a articulação dos significantes, sendo justamente a capacidade de simbolização que sustenta toda a estrutura subjetiva do sujeito, sendo a subjetividade a responsável pela entrada do sujeito no campo da linguagem. Pode-se, então, fazer uma leitura de que a autolesão se inscreve por meio de uma linguagem especialmente fundamentada na angústia, enquanto obstrução dos significantes que estruturam o sujeito. Assim, o sofrimento sintomático apresentado pelos adolescentes que se automutilam revela a fragilidade subjetiva dos mesmos e possíveis falhas no processo de simbolização.

Buscou-se, neste texto, argumentar a ideia de que a dificuldade do adolescente em sustentar e se apropriar de uma imagem corporal, nesta passagem adolescente, produzirá angústia, na ausência de uma operação simbólica, e isto poderá impulsionar o sujeito a buscar recursos para amenizar ou transferir a angústia. A dificuldade em lidar com uma nova imagem corporal poderá levar alguns adolescentes a produzirem atos sobre o corpo. Perante estas premissas, a prática da autolesão constituiu-se num endereçamento ao outro, numa demanda de escuta, de interpretação e acolhimento, numa busca por novas bordas corporais-sociais.

## Referências

- ARAÚJO, J. F. B.; CHATELARD, D. S.; CARVALHO, I. S.; VIANA, T. C. O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão. **Estilos Clin**, São Paulo, v. 21, n. 2, 497-515, 2016.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. (2002). **DSM IV – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. (2014). **DSM V – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ASSUMPCÃO, A. P. V. A. **O discurso da falta e do excesso: a automutilação**. Dissertação. (Mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2016.
- BESSET, V.; CARRIJO, L.F.; BENEDICTO, E.C.; GASPARD, J.; TELLES, H.P. Corpo e cortes. In FUENTES, M.J.S.; VERAS, M. (org.). **Felicidade e sintoma: ensaios para uma psicanálise no século XXI**. Rio de Janeiro: Corrupio (2008).
- COSTA, A. **Tatuagem e marcas corporais: atualizações do sagrado**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

- DAVIS, J. L. **Cutting & Self-Harm: Warning Signs and Treatment.** (2005). Disponível em: <http://www.webmd.com/mental-health/features/cutting-self-harm-signs-treatment>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- FAVAZZA, A. Review of treating self-injury: a practical guide. **Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 195, n. 2, 187-188, 2007.
- FREUD, S. O Mal-estar na civilização (1930). In FREUD, S. Obras completas, vol. 18. **O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos** (1930-1936). (P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Cia. das Letras.
- GIUSTI, J. **Automutilação: características clínicas e comparação com paciente com transtornos obsessivo-compulsivo.** Tese de doutorado, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Programa de Psiquiatria, São Paulo, Brasil, 2013.
- GOMES, P. da S.; GRILLO, C. F. C.; LIMA, N. L. Adolescência, cortes e marcas corporais. In: **Janela da escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura de uma rede sob medida.** In: GRILLO, C. f. C.; ROCHA, B. F.; NOURÃO, M. (Orgs). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.
- JATOBÁ, M. M. V. **O ato de escarificar o corpo na adolescência: uma abordagem psicanalítica.** Dissertação de Mestrado em Psicologia – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- JUCÁ, V. S.; VORCARO, A. M. R. Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 246-252, 2018.
- LACAN, J. Prefácio a “O despertar da primavera”. Tradução: Vera Ribeiro. In: LACAN, J. **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 [1974]. p. 557-559.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade.** Campinas: Papyrus Editora, 2003.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico.** Secretaria da Vigilância em Saúde, v. 52, n. 33. setembro, 2021. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/558855634/boletim-epidemiologico-svs-33-final>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- NOCK, M. K.; PRINSTEIN, M. J. Contextual features and behavioral functions of self-mutilation among teenagers. **Jabnorm Psychol.**, v. 114, n.1, p. 140-146, 2005.

SZYMBORSKA, M. W. A. **Autotomia**. Tradução coletiva, publicado em Inimigo Rumor 10, 2011. Disponível em: <https://poemargens.blogspot.com/2011/08/wislawa-szymborska.html>. Acesso em: 10 jul. 2025.

PIMENTA, A. C.; FERREIRA, R. A. O sintoma na medicina e na psicanálise: notas preliminares. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v.13, n.3, p. 221-228, Jul/set, 2003.

VIEIRA, A. R. **Relatório diagnóstico da juventude**. Brasília: Enap; Assessoria para Avaliação de Políticas Públicas, 2022.



# Em tempos de Terapia Padrão Ouro e Psicologia Baseada em Evidências: há lugar para o psicanalista no trabalho com crianças autistas?

In times of gold standard Therapy and evidence-based Psychology: is there a place for the psychoanalyst in working with autistic children?

Simoni Regina Cousseau Coletti<sup>1</sup>

Rosa Maria Marini<sup>2</sup>

## Resumo

A importância deste tema deriva de observações recorrentes de encaminhamentos para um método específico de trabalho com crianças autistas, mas que não fosse psicanalítico. Os encaminhamentos desse método se justificam por ser cientificamente comprovado, colocando a Psicanálise ao lado das pseudociências. A prática clínica, entretanto, pautada na teoria e no método psicanalítico, mostra com clareza que a Psicanálise tem contribuído de forma ética e consistente nas intervenções com as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), possuindo um método próprio e um objeto definido de trabalho. No decorrer deste artigo, os fins justificam os meios, ou seja, não se trata de a Psicanálise ser ciência ou não; ela não deixa de considerar o sujeito da ciência, mas de forma muito singularizada, ela

---

1 **Simoni Regina Cousseau Coletti:** autora; Psicanalista; Graduada em Psicologia pela Faculdade de Pato Branco; Especialista em Psicopatologia da Infância e Adolescência (SOCIESC/Blumenau). Contato: simonicousseau@hotmail.com.

2 **Rosa Maria Marini:** coautora; Psicanalista; Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela IPUSP; Analista membro da Associação Psicanalítica de Curitiba. Contato: rosamariamarinimariotto@gmail.com

aponta para o sujeito da Psicanálise: dividido e permeado pela rede de significantes.

**Palavras-chave:** Autismo; Ciência; Psicanálise.

### **Abstract**

The importance of this article arose after recurrent observations of referrals to a specific method, which was not psychoanalytic, in working with autistic children. These referrals are justified by it being a scientifically proven method, placing psychoanalysis alongside pseudosciences. However, clinical practice, based on psychoanalytic theory and method, clearly shows that yes, psychoanalysis has been contributing ethically and consistently to interventions with children with ASD - Autism Spectrum Disorder, possessing its own method and a defined object of work. Throughout this article, the ends justify the means, that is, it is not a question of whether psychoanalysis is a science or not; it does not fail to consider the subject of science, but in a very singular way, it points to the subject of psychoanalysis: divided and permeated by a network of signifiers.

**Keywords:** Autism; Science; Psychoanalysis.

## **Introdução**

Este artigo foi escrito a partir de temáticas muito atuais e cada vez mais necessárias de serem percorridas e compartilhadas. Sabe-se, afinal, que o trabalho do analista é solitário, o que não significa, porém, que deva ficar restrito entre quatro paredes. É cada vez mais importante que o analista possa discorrer de sua práxis nos lugares em que, de fato, a transmissão possa ocorrer. Em tempos de divulgação de conteúdos nas redes sociais, a Psicanálise tem sido muito visada e analistas produzem e disponibilizam quase que diariamente materiais em seus diversos canais. É preciso considerar, porém, que a transmissão

da Psicanálise não ocorre nesses lugares ou por essas vias, pois nas redes se reproduz conhecimento, mas não há transmissão. A transmissão é de outra ordem, ela tem a ver com o saber, o saber inconsciente de que o analista se apropria em sua própria análise.

Este artigo, portanto, tem como objetivo discorrer de forma reflexiva sobre o trabalho que vem sendo oferecido como o padrão – dito nos moldes atuais, “padrão ouro” – para o tratamento de muitas psicopatologias, sobretudo o autismo. O estudo também parte de algo que ocorreu em 2019, em Évora, Portugal, no *Congresso Internacional: a Clínica do Bebê*, momento de explanação de muitas construções teóricas densas, consistentes e éticas. Na oportunidade, foi apresentado o artigo “De boca fechada e olhos vendados: intervenção psicanalítica em um caso de autismo”, e uma Revista científica da região solicitou que o artigo fosse enviado para submissão e possível publicação. A resposta, após o encaminhamento do artigo, foi de que o mesmo não continha metodologia de pesquisa definida, portanto, não poderia ser publicado naquela Revista. Esse apontamento retornou como questão dando corpo à elaboração deste artigo.

Dessa forma, procurou-se na literatura e também nos recortes clínicos, condições que dessem subsídios para se interrogar o lugar da Psicanálise (há lugar para a Psicanálise?), no acompanhamento de pessoas autistas, uma vez que, não sendo a terapia padrão ou protocolar, não há ou são raras as indicações para que os pacientes recorram ao analista quando o diagnóstico de autismo é cunhado por profissionais médicos, neurologias ou neuropediatras.

Se, todavia, há um protocolo a ser seguido, terapias indicadas, quantidade de horas a serem trabalhadas, “cartinhas” de recomendações do que e como trabalhar, como pode o analista fazer parte dos tratamentos ditos científicos? Até onde uma

criança autista pode avançar dentro de seu quadro psicopatológico? Essa nosografia diagnóstica é suficiente para deixá-la eternizada nos diversos consultórios, com diferentes especialistas, os quais se dizem experientes e especialistas em autismo? A ciência pode dar conta de responder de forma padronizada a todas essas perguntas?

Ademais, se são as perguntas que balizam o trabalho do analista, aqui não seria diferente. Parte-se do lugar que é possível, enquanto pesquisante – termo sugerido por Luciano Elia, em sua consistente obra “A ciência da psicanálise” (2023) – desse lugar de analista que uma pesquisa em Psicanálise pode partir. Assim, procura-se avançar para dar corpo a essas questões que permeiam a clínica do analista com sujeitos autistas.

## **Padrão ouro ou simplesmente padronização?**

Há tempos que se fala em Epidemia Diagnóstica de Autismo. Junto com esse diagnóstico, acopla-se uma variedade, cada vez mais absurda e com preços altíssimos, de oferta de tratamentos. Os mais visados são aqueles que moldam comportamentos, adaptam o “indivíduo”, reforçando ou excluindo comportamentos ditos inadequados. Para quem é atravessado pela Psicanálise, basta olhar as divulgações de vídeos gravados por colegas de diversas áreas, tais como Psicologia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, para que a angústia tome conta do trabalho des-subjetivante e objetalizante.

Por que, então, essa forma de trabalho é dita como a mais eficiente? Duas possíveis respostas. O saber médico, que é quem indica essas terapias como *Applied Behavior Analysis* (ABA), por exemplo, justifica ser um método científico. E, segundo, mas

não menos importante, é que há uma apropriação por parte do profissional na direção do paciente. É ele, o profissional, que sabe o que, como e quando conduzir o seu paciente/cliente. Ou seja, o saber está do lado oposto de um trabalho analítico, o que acaba sendo convincente e sedutor.

Os responsáveis por uma criança que procuram um neuropediatra para tentar buscar respostas sobre aquilo que não vai bem com o desenvolvimento de seu filho, geralmente encontram um médico que, de forma rápida e individualizada, emite um diagnóstico e traça o trabalho a ser conduzido com a criança. Não seria de se estranhar que esse direcionamento acabe sendo igual ou padronizado? Isso ocorre quando os profissionais atendem ao diagnóstico, e fica claro quando dizem, por exemplo, “atendo autismo”. Essa Psicopatologia, de antemão, não diz nada para o analista, pois ele entende que o autismo é plural e deve ser lido no singular, portanto, autismos.

Certo médico neurologista, ao receber um relatório baseado no trabalho de subjetivação da criança autista, com a indicação da terapia ABA, relata aos pais não saber o que a psicóloga fazia, mas que ela demonstrava conhecimento sobre a criança. Essa frase até hoje ressoa, pois o conhecimento a que ele se referiu é sobre a criança e não sobre o autismo. Esse mesmo médico pontua nas consultas semestrais de forma até caricata, sua dúvida quanto à possibilidade de haver erro diagnóstico por parte dele, ou se a equipe multidisciplinar que acompanha essa criança é “boa”. Aqui também se evidencia como esse profissional, de forma honesta, acaba demonstrando surpresa sobre os descaminhos que essa criança traçou dentro da condição que lhe foi imposta juntamente com o seu diagnóstico.

Se os poetas, como mencionou Freud, antecipam os saberes, traz-se um trecho de Manoel de Barros (2021, p. 61), que ilustra

o trabalho do analista: “[...] agora não quero saber de mais nada, só quero aperfeiçoar o que não sei.” O analista é, sem dúvidas, o aperfeiçoador de não saberes. O que não significa que ele não carregue no bolso a teoria que baliza a sua clínica. Diante do sujeito ele nada sabe, mas carrega em seu cerne o desejo de saber.

Nenhuma outra teoria considera o saber do sujeito e também a transferência como a Psicanálise – conceito amplamente desenvolvido por Freud e retomado por Lacan. Aliás, não existe Psicanálise, não existe o fazer psicanálise sem essa base que solidifica todo o trabalho do analista. Sem dúvidas, essas seriam algumas das diferenças que apontam para direcionamentos opostos ao se refletir sobre o tratamento “padrão outro” e a Psicanálise. Outra diferença refere-se ao direcionamento do paciente e o direcionamento do tratamento. O psicanalista não direciona o analisante, mas aposta nesse sujeito que poderá fazer suas apostas e reconstruções, como aponta Freud (2006) no texto “Construções em Análise” [1937-1939].

É sabido que as terapias que visam cognição, cérebro, neurônios, comportamentos, são as mais admiradas pelos profissionais da área médica e até pelos colegas psicólogos, argumentando em alto e bom tom que são essas cientificamente comprovadas as que possuem evidências – as tais chamadas “Medicina baseada em evidências e psicologia científica”. Quais são essas evidências? Não é raro que pacientes cheguem para análise com dois ou três diagnósticos psiquiátricos diferentes, a depender do número de profissionais que os atenderam. Aqui sempre caberá a indagação: como um método estabelecido, definido, com protocolos específicos, não garante a padronização de diagnósticos e, conseqüentemente, de tratamento para pacientes que procuram auxílio psiquiátrico, por exemplo? Ou seja, mesmo com toda a padronização que se tente fazer, ainda não é possível escapar da

subjetividade, nem que seja a do profissional! A subjetividade sempre permeará o trabalho de quem se propõe a trabalhar com o humano.

Algo muito preocupante que vem chamando a atenção refere-se à tendência tecnocientífica vigente na atualidade, a qual tende a excluir o sujeito em nome do saber da Ciência, como aponta Elia (2023, p. 236): “[...] a tendência atual das ciências médico-psicológicas aplicadas ao comportamento vem operando justamente no sentido de reintroduzir no campo científico o movimento de exclusão do sujeito.” Ao refletir sobre essa conjectura, é possível perceber que se está diante do apagamento do Eu? Do traço e da singularidade de cada um? A Psicanálise trabalha com o que foi rejeitado pela Ciência, como foi debatido no I WPA *Internatioonal Meeting, of the section psychoanalysis in psychiatry*, realizado na Universidade de Campinas (Unicamp), de 22 a 25 de fevereiro de 2024.

Atualmente, é comum reconhecer que colegas psicólogos estão atendendo à demanda capitalista de padronização do “indivíduo” – termo retomado aqui propositalmente –, e estão fazendo uso de uma ferramenta já conhecida em tempos iniciais da Psicologia, que são os testes psicológicos que, hoje, são denominados de Avaliação Neuropsicológica. Basta abrir o Instagram para receber ofertas de colegas que realizam tal avaliação, enfatizando serem destinadas a crianças, adolescentes e adultos, como algo a mais a ser adquirido. Estariam alguns profissionais de joelhos dobrados ao capitalismo? Ao que tudo indica muitos estão fazendo da saúde mental um campo minado ou uma mina de ouro, algo para as pessoas recorrerem para serem felizes, plenas e livres de qualquer problema que possam ser acometidas. Ou algo para ser consumido ou, então, que consuma o sujeito a fim de que seja funcional nessa mesma sociedade que o adoce,

exigindo que siga trabalhando e produzindo. É preciso, todavia, ficar atentos para essa grande contradição.

Novamente, a Psicanálise adverte que seguir o padrão é estar num campo primevo da constituição subjetiva, ou seja, é estar na alienação!

Outro ponto não menos importante, mas que ainda faz sua interrogação refere-se às “terapias padrão ouro”, as quais apontam para o fim da Psicoterapia. Via de regra, são oferecidas ferramentas ditas necessárias ao paciente, e ele passaria a estar apto a prosseguir de forma racional e pedagogizante no terreno arenoso e claudicante que é estar em dia com a morte, ou seja, estar vivendo! Como se a pessoa tivesse em mãos a caixa de ferramentas necessária para abrir, consertar, arrumar qualquer autopeça que esteja desalinhada. É comum escutar de pessoas do convívio social que a psicóloga lhe “deu alta”, como alguém que outorga um grau. Essas pessoas, entretanto, mencionam ainda terem questões de que gostariam de falar para quem iniciou a escutar seus infortúnios e sofrimentos.

Muito mais do que trabalhar com o paciente para deixá-lo funcional é considerar a intenção. “Função” e “intenção” são termos que distinguem os caminhos a serem percorridos no trabalho com crianças autistas. Por que uma criança faz o que está sendo ensinado a fazer?

A evolução positiva de um sujeito significa o desenvolvimento de suas capacidades relacionais, emocionais, adaptativas e funcionais, incluindo as aprendizagens, e não apenas levando em conta a eficácia destes diferentes domínios, mas considerando também o prazer do sujeito ao realizá-las (Laznik; Touati; Bursztejn, 2016, p. 83).

Cabe aqui considerar o que Lacan advertiu quanto à possibilidade de a resistência sempre partir do analista. Nesse caso,

estariam as terapias ditas científicas reduzindo o sujeito a objeto e fazendo resistência frente aos sintomas daqueles que o procuram? Bem, não cabe aqui fazer constatações de cunho selvagem, mas, sim, abrir para uma discussão que parta da premissa máxima da Psicanálise: a escuta do sujeito!

Fazendo esse mesmo trilhamento, destaca-se uma publicação da *The American Medical Association (AMA) Withdraws Support for ABA*, em que a AMA retira o seu apoio à ABA, como sendo o único método de trabalho com sujeitos autistas. Trata-se da Resolução 706/2023, pp. 1179- 1182, intitulada “Revisão do H-185.927, Remoção do Suporte AMA para Análise do Comportamento Aplicada”, que passa a apoiar outros métodos de trabalho, retirando o apoio exclusivamente ao método ABA. Outra mudança a partir dessa Resolução é a retirada da palavra “tratamento”, passando a ser adotado o termo “oferta de serviços”, considerando que a pessoa autista precisa de apoio e não de cura, já que o autismo não é uma doença. Essa mesma Resolução considerou que os adultos com autismo têm falado sobre os traumas sofridos na infância a partir das práticas advindas do método ABA, assim como a AMA falhou em reconhecer seus danos e falhas controversas ao apoiar somente a ABA como uma metodologia de trabalho. A mesma Resolução ainda abre espaço para que outros trabalhos possam ocorrer, considerando as diferenças individuais das pessoas com TEA, por exemplo. A escuta e a leitura de autobiográficas de adultos autistas têm sido um grande norteador para ampliar entendimentos sobre os autismos. Exemplo disso é o livro “*Mistérios de uma Mente Autista*”, de Temple Grandin (2011). Em sua obra, a autora faz um apanhado geral desde a sua infância para relatar o funcionamento da sua mente autista. Cita-se aqui uma frase da autora que mostra a importância de um trabalho singularizado e não padronizado:

“[...] ainda me pergunto o que teria acontecido comigo se eu não tivesse sido capaz de visualizar meu caminho no mundo.” (Grandin, 2011, p. 29). É isso: para cada autista há um caminho para ser construído e percorrido.

## **De que ciência se fala na Psicanálise?**

Primeiramente, é preciso interrogar: a Psicanálise é ciência? Colocada a pergunta na mesa, cabe justificar o motivo dela estar aqui. Com este estudo, pretende-se construir um lugar onde seja possível a Psicanálise operar, ou seja, que ela encontre espaço em meio aos tratamentos que são baseados em evidências. Pode-se afirmar que um trabalho de análise também comporta evidências? Se sim, de que evidências se pode falar? Para avançar nesse assunto, passa-se a discorrer, de forma breve, sobre as metodologias consideradas científicas ao longo da História.

Por ora, as metodologias científicas não serão discutidas minuciosamente, contudo, de forma resumida, será exposto o entendimento de Elia (2023) a respeito dos seis métodos científicos abordados de forma rigorosa em sua obra, que são:

1) O **método hipotético-dedutivo**, concebido por Galileu Galilei – que abarca todas as ciências naturais –, utiliza a linguagem matemática e afasta a subjetividade do campo científico (emoções); 2) o **método de Hegel** – que incide a falar do sujeito – diferencia o homem do animal, passa a humanizar o humano, considerando o pensamento e o desejo; e o **marxismo** – que pensa as relações de classes sociais e o sistema capitalista formado com o trabalhador – tem a força de trabalho e os meios de produção como um sintoma; 3) o **método psicanalítico**, de Freud – que segue seu próprio método de trabalho e de pesquisa –, ao

ser tomado pela escuta do que acometia o corpo das históricas e que não cabia nas descrições neurológicas da época, subverteu o saber médico para então fundar a Psicanálise e perceber que, assim como os átomos não são visíveis, há uma determinação que envolve todo e qualquer sujeito que está banhado pela linguagem e que se chama “inconsciente”. Aqui há uma contribuição importante de Elia (2023, p. 90), que servirá para o que virá na sequência: “[...] não há o método clínico e o método de pesquisa, só existe um método psicanalítico: o que rege o exercício de sua práxis é o mesmo que estruturam seu discurso, o modo de sua produção de saber e de fazer pesquisa em psicanálise”; 4) a **fenomenologia**, quarta metodologia no campo científico – que se ocupa da consciência e dos modos do que é vivido –, considera a redução fenomenológica e a depuração do fenômeno de todo julgamento da realidade; 5) o **estruturalismo** que, por não ser aplicado à natureza passa a ser o método das chamadas “ciências humanas”; e, finalmente, 6) o **método foucaultiano**, que faz crítica não à ciência mas à “morte da epistemologia crítica na contemporaneidade” (Elia, 2023, p. 105), apontando combater o projeto político centralizador da sociedade. Não seria isso que os psicanalistas continuam a debater e combater? Parafraseando Foucault (*apud* Elia, 2023, p. 106), tem-se:

[...] quais tipos de saber vocês querem desqualificar no momento em que vocês dizem ser este saber uma ciência? Qual sujeito falante, qual sujeito discorrente, qual sujeito da experiência e de saber vocês querem minimizar quando dizem: ‘eu faço esse discurso, faço um discurso científico e sou cientista’.

Como foi possível observar, a Psicanálise faz parte dos saberes e construções condizentes com a Ciência, mas não é a única a ocupar esse lugar. Pode-se, então, falar em pluralidade de métodos científicos, até porque um único método não abarca todos

os saberes, seja sobre a natureza ou os humanos. Aqui já se pode considerar dois fatores essenciais: o primeiro é que a Psicanálise possui uma metodologia própria, que é o saber inconsciente que se atualiza em transferência; o outro é que essa metodologia ou método subverte os moldes da Ciência Clássica que foraclui o sujeito. A Psicanálise opera sobre o sujeito, sobre o inconsciente, portanto, não o exclui. A Psicanálise é acessível somente ao método psicanalítico, como aponta Elia (2023, p. 114).

A Psicanálise sempre fará a leitura do sintoma a partir das seguintes lentes: o quadro clínico apresentado pelo paciente refere-se à sua posição subjetiva, ou seja, a forma como opera a castrição, como lida com a falta, qual a sua posição sexuada, como goza. Por isso, o analista convoca o analisante a falar e, assim, a associação livre é a única técnica utilizada pelo analista e da qual o analisante se apropria. O método da Psicanálise é a reconstrução do saber que recobre o corpo “lingueiro” do sujeito.

A grande sacada freudiana a partir da associação livre, e que foi inculcada por uma de suas pacientes que insistiu para que pudesse falar, acena para a questão basal da Psicanálise: mesmo Freud sendo neurologista, ao escutar a sua paciente, fez o reconhecimento necessário que mudaria a forma de compreender a Ciência da época, dando voz e lugar ao sujeito, que ainda nos dias de hoje tem sido rechaçado pela Ciência.

Freud, no entanto, não se afastou dos pressupostos da Ciência, mas abriu um novo campo derivado do saber científico, sendo pontual ao constatar que o indivíduo não é senhor em sua própria morada. Pereira (2022, p. 151) afirma que: “A psicanálise introduz na cultura contemporânea a ideia de que um sujeito inconsciente seria a condição mais fundamental do homem, tendo como seu motor fundamental o desejo.”

Sem negar o saber da Ciência, Freud acrescentou algo que não procurou, mas que encontrou, e que não se pode igualmente negar. E parafraseia Picasso, que assim dizia: “eu não procuro, eu encontro!” Freud (2018), em “A interpretação dos sonhos” [1856-1939], comenta: “eu descobri um método”. Para corroborar com o que está sendo explanado, retoma-se a frase de Pereira e Laznik (2008, p. 21): “Lacan, num dos poucos momentos em que é mais explícito sobre qual seria o estatuto epistemológico da Psicanálise, diz que ‘é uma ciência conjectural’, referindo-se justamente a esse *background* heurístico freudiano.”

No texto “A ciência e a verdade” [1901-1981], Lacan (1998, p. 870) corrobora o que Freud constrói quando diz que o sujeito é um sujeito dividido, permeado por significantes, que possui sua verdade, a verdade que se revela com o saber do inconsciente: “[...] o sujeito como divisão entre o saber e a verdade”. O sujeito da Ciência vai na contramão do sujeito da Psicanálise, no primeiro caso é o outro que sabe sobre mim.

Como, porém, acessar essa verdade do sujeito da Psicanálise? Só há um caminho: por intermédio da linguagem, que é a via régia para o saber inconsciente. Mesmo uma criança autista que não se apropriou da linguagem irá falar, cabendo aos psicanalistas procurar saber a gramática que ela usa.

Lacan (1998, p. 875) mais uma vez descortina: “[...] o sujeito em questão continua a ser o correlato da Ciência, mas um correlato antinômico, já que a Ciência mostra-se definida pela impossibilidade do esforço de suturá-lo.” Encontra-se, aqui, uma importante constatação: o sujeito da Psicanálise marca outra leitura do sujeito da Ciência.

## **O desejo de saber e a pesquisa em Psicanálise**

Cabe avançar um pouco mais na pesquisa da Psicanálise: o que seria fazer uma pesquisa que se utilize do método psicanalítico? Bem, constatou-se até aqui que a Psicanálise não cabe nas ciências ditas naturais, o que não significa que ela não beba da Ciência. Outra constatação é ter um método próprio e também um objeto, que é o “objeto a”, lugar do semblante ocupado pelo analista como operador do simbólico que maneja com o real em transferência. É possível imaginar metaforicamente que o real é a linha, o fio, e que a agulha é o simbólico. O imaginário é a obra já trazida pelo analisante, que será recontada, revista, ressignificada, reconstruída a partir desse outro artesanato.

Todo encontro em análise é permeado pelo saber. O analisante quer saber; o analista deseja saber. Assim, a transferência se instaura, a associação livre ocorre, uma escuta clínica acontece. Um analista não almeja nada para um analisante, mas parece ser um provocador na melhor das hipóteses. Em suma, o analista provoca desejo no paciente.

Seria, então, o analista um pesquisador quando opera do lugar de analista? Um pesquisador já sabe, ele irá produzir o saber em cima da proposição de sua pesquisa, ele tem ideia de onde quer ou irá chegar. O analista não. Simplesmente porque não existe um saber prévio. Um artesanato jamais será igual ao outro. O traço é o que se tem de mais íntimo e legítimo em cada um. A fim de trazer à baila o conceito de “pesquisante”, toma-se emprestado o termo cunhado por Elia (2023, pp. 231-232):

A posição de pesquisante tem que ser, portanto, a de permitir que se instaure um dispositivo tal que essa transmissão do que não se sabe seja possível, a partir do psicanalisante. Para que isso aconteça, é evidente que ele próprio

precisa abster-se de seu saber e, além disso, convocar o sujeito [...] a regra fundamental, a associação livre. Só assim ter-se-ão aberto as condições de transmissão do inconsciente.

O termo “pesquisante” seria um neologismo para fazer a junção de “pesquisador” com “analisante”. Só há uma via possível para se ocupar essa posição, que é a mesma para ser analista: se enveredar pela própria análise, ou seja, é por querer saber que alguém pode acessar o desejo de saber. Isso nada tem a ver com as infinitas ofertas para se formar um analista. Um analista, entretanto, não se forma, ele se deforma. Ele não é outorgado, ele se autoriza (aqui não se debate a questão de forma aprofundada), já que uma análise é a produção de algo novo, inédito. Assim, pela via do saber, pelo desejo do analista, pode advir o desejo de analista.

Adverte Elia (2023, p. 225), entretanto:

[...] um psicanalista não pode desde o lugar de psicanalista constituir-se como pesquisador, não pode ocupar esses dois lugares na situação psicanalítica. O psicanalista em sua função e lugar não produz saber, seja para si, para sua pesquisa, para sua comunidade científica, para produção intelectual e sua publicação, para a formação de seus alunos orientandos.

É possível, todavia, tecer algumas considerações a respeito. A advertência aponta para que o analista não ocupe a posição de pesquisador enquanto analista a fim de que não seja tomado pelo desejo de produção. Como descrito anteriormente, uma análise é o caminho para a produção de novos sentidos, novos significantes, mas isso sempre parte do analisante. Para designar este novo lugar que o pesquisador em Psicanálise irá ocupar no dispositivo, agora de pesquisa, cunha-se o termo “pesquisante” (Elia, 2023, p. 226), condensando pesquisador e analisante – o desejo é de saber e não de produzir.

É esse desejo de saber que faz os psicanalistas caminharem alguns passos à frente, tentando tatear se há lugar para a Psicanálise no trabalho com pessoas autistas. Retomando e modificando a frase: o pesquisante não procura, ele encontra!

## **Os efeitos do método psicanalítico**

Cabe voltar ao início deste estudo e retomar a questão balizadora: o artigo não publicado na Revista, em Portugal, por não conter especificamente o método de trabalho.

Existem importantes e riquíssimas contribuições psicanalíticas sobre os efeitos do trabalho conduzido por psicanalistas, com produções extensas e consistentes. Passa-se a discorrer sobre o trabalho com crianças autistas, o qual não faz parte da lista de indicações a serem ofertadas após o diagnóstico de autismo ser efetivado, sendo, inclusive, até mesmo rechaçado.

Constata-se no pequeno recorte da obra do psicanalista Alfredo Jerusalinsky (2010, p. 16) – que se ocupa do trabalho psicanalítico com crianças autistas a importante contribuição: “há algo que nos alenta a continuar: o que da criança se perde no olhar do técnico.” É o que escapa ao especialista a respeito do interesse do analista. A diferença basal é que a Ciência não se interessa pela subjetividade do sujeito como a Psicanálise.

O trabalho de cunho psicanalítico produz algo novo, ou seja, há uma mudança de posição subjetiva, a qual é plenamente observável. É aqui que se pode considerar a existência de evidências. A mudança de posição subjetiva do sujeito é possível de observação, mas isso não advém de um resultado esperado, com objetivos previamente traçados e intervenções objetivas para algum fim e, sim, da consequência do trabalho analítico. Elia

(2023, p. 256) aponta nesse sentido que: “A eficácia da Psicanálise está em modificar uma posição subjetiva [...] uma posição subjetiva, eis algo perfeitamente objetificável, dirá Lacan.”

E o que seria a mudança de posição subjetiva? É o sujeito passar a responder por meio de seus atos e situações que lhe representam. Em outras palavras, é o seu modo de ser, gozando menos e desejando mais.

Se é a mudança de posição subjetiva que demonstra que o método psicanalítico é observável, cabe voltar ao trabalho com crianças autistas. É possível tal observação? Prontamente, a resposta é sim. Inúmeros são os trabalhos que avançam de forma ética e rigorosa para reconhecer que uma criança autista que passa pelo trabalho analítico possui avanços significativos. Aqui não se trata de desconsiderar áreas importantes do desenvolvimento, tais como: motora, cognitiva ou comportamental, e igualmente não desconsiderar a rede simbólica da pequena criança da qual o adulto cuidador também faz parte. As pesquisas genéticas estão avançando exponencialmente, e não cabe à Psicanálise, de forma alguma, desconsiderar essa constatação, tampouco coube, até agora, nos estudos genéticos a explicação absoluta para as psicopatologias. À medida que a genética avança, reconhece-se que a causalidade das psicopatologias, incluindo o autismo, é poligênica. O corpo biológico interessa para a Medicina; para a Psicanálise o corpo biológico interessa, mas não é determinante. Aposta-se, sempre, no corpo pulsional, nos enviesamentos que contradizem qualquer diagnóstico.

Já é sabido que uma criança pode ter todas as suas funções preservadas, mas se ficar à deriva, sem pertencer à rede de significantes de Outro cuidador, essa criança irá padecer. Pode-se, aqui, clarear um pouco mais: desenvolvimento e psiquismo importam no trabalho psicanalítico.

O caso em questão que não foi publicado na Revista científica é importantíssimo para discorrer sobre o que foi apontado até aqui. Uma criança que avançou de forma inquestionável para uma posição de sujeito, que não falava, não brincava, não socializava, tinha rotinas rígidas, e ainda na primeira infância passou a fazer acompanhamento de cunho psicanalítico, além de atividades multidisciplinares. Hoje, aos nove anos, questiona sobre sua sexualidade, pois não escapa do discurso social vigente na atualidade. Quer saber porque ela tem uma babá que precisa lhe acompanhar em casa; se diz autista, requerendo seus direitos na fila preferencial, e faz isso muitas vezes por “malandragem”, como diz a mãe; faz “trolagens”; adora jogos; se interessa sobre as insígnias femininas, procurando entender os diferentes estilos que uma menina pode se identificar; se interessa por inglês, mas tenta manter sua língua materna para conectar com seus pares; chora ao se deparar com suas perdas, suas frustrações. E, como faltante, procura encontrar nos recursos simbólicos que possui, as formas de colocar em ato sua subjetividade.

Há inúmeras evidências observáveis nesse e em tantos outros casos de que a Psicanálise merece estar entre os possíveis trabalhos com crianças autistas.

## **Considerações finais**

É somente a partir da prática clínica da Psicanálise que uma pesquisa pode se dizer psicanalítica. É somente indo na contra-mão do que vem atualmente tangenciando o trabalho com crianças autistas que a resistência à Psicanálise pode ser colocada de lado, abrindo espaço para outros campos, outros saberes e outros diálogos. É importante enfatizar que só a Psicanálise não basta

para trabalhar com essas demandas. É preciso haver interlocução, cabendo aos psicanalistas conseguir abrir campos de diálogos com outras disciplinas. A Psicanálise também é incompleta, faltante! Por isso, precisa estar aberta a modificar, alterar e rever a sua teoria, assim como Freud escreveu a teoria psicanalítica.

O analista recusa o saber prévio e cada paciente é tomado em sua singularidade como se fosse sempre o primeiro, porque de fato o é. O ímpeto de cura deve ficar de fora de todo trabalho psicanalítico. O que o analista visa é alguma mudança de posição subjetiva. Aqui se recorre à fala de Laznik, Touati e Bursztejn (2016, p. 25): “Houve mudança de posição subjetiva? Houve modificação na relação ao fantasma? Há alguma maneira de marcar isso para alguém que seja externo ao campo dos doentes nessa situação? Esse é um desafio contemporâneo.”

Enquanto psicanalista, não se pode recuar diante desse desafio, que é manter a Psicanálise como um dos métodos de trabalho com pessoas autistas. Pereira e Laznik (2008, p. 23) emprestam essa importante constatação: “Uma das coisas que se exige de uma teoria científica é que, ainda que sua teoria não possa ser traduzida de forma integral no campo do experimental, é necessário que alguma evidência no campo empírico possa se manifestar.”

Não há dúvidas de como o trabalho dos psicanalistas pode ser evidenciado como possível. A Ciência e a Psicanálise podem se aproximar, assim como a Filosofia, Literatura, Sociologia, Antropologia, Medicina e Arte. Não há ciência ou metodologia que dê conta da complexidade do ser humano, que não pode ser reduzido apenas a neurônios e conexões. Todos são também revestidos pelo tecido da linguagem, que marca a sua subjetividade por meio da cultura que os atravessa.

Aqui fica uma provocação: se Freud é o pai da Psicanálise, ao referir o Nome-do-Pai à metáfora paterna, volta-se a ele que modificou a maneira de compreender o humano, considerando-o sujeito. A Psicanálise faz essa diferenciação do sujeito da Ciência para avançar na construção do sujeito da Psicanálise. Dessa forma, seria a Psicanálise a castração do saber da Ciência?

Que as perguntas continuem orientando a prática clínica. Que a centelha mantenha viva a ignorância e a humildade, acendendo a interlocução com outras áreas, com outros saberes e não saberes. Que a Psicanálise, representada pelos psicanalistas, possa nadar contra a maré, mas sempre avistando o sujeito. É isso, e isso é muito, principalmente no que se refere ao trabalho com crianças autistas.

## Referências

- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2021.
- ELIA, Luciano. **A ciência da psicanálise: metodologia e princípios**. São Paulo: Edições 70, 2023.
- FREUD, Sigmund. Construções em Análise. *In: Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* [1937-1939]. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. **Interpretação dos sonhos** [1856-1939]. Trad. Walderedo Ismael de Oliveira. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- GRANDIN, Temple. **Mistérios de uma mente autista**. Tradução de Pollyanna Mattos. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2011.
- JERUSALINSKI, Alfredo e colaboradores. **Psicanálise e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010.
- LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. *In: Escritos I* [1901-1981]. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 (Campo Freudiano no Brasil).

LAZNIK, Marie Christine; TOUATI, Bernard; BURSZTEJN, Claude. **Distinção clínica e teórica entre autismo e psicose na infância**. São Paulo: Instituto Language, 2016.

PEREIRA, Mario Eduardo Costa. Introdução à (psico) patologia do sujeito. *In*: KAMERS; Michele; JORGE, Marco Antonio Coutinho; MARIOTTO, Rosa Marini (Orgs.). **Psicanálise clínica e cultura**. Salvador: Agalma, 2022.

PEREIRA, Mario Eduardo Costa; LAZNIK, Marie-Christine. Discussão sobre a articulação entre psicanálise e pesquisa. *In*: LERNER, Rogério Léner; KUPFER, Maria Cristina Machado (Orgs.). **Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa**. São Paulo: Escuta, 2008.



# As aventuras de Daniel e sua capa: articulações psicanalíticas sobre o autismo<sup>1</sup>

Daniel's adventures and his cape: psychoanalytic articulations on autism

Suzane Gapski Muzeka<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo discorre sobre o recorte de um caso clínico de Autismo grave associado à Deficiência Intelectual acentuada e as articulações possíveis realizadas à luz da teoria psicanalítica. Pela experiência relatada, é possível considerar a viabilidade do enlaçamento transferencial com o sujeito autista e da importância deste para o estabelecimento de um trabalho. Baseado nas ideias de psicanalistas estudiosos nesse tema, foi possível detectar algumas questões, articulá-las teoricamente e refletir sobre os efeitos apresentados no sujeito. Sendo assim, é possível concluir que apostar no sujeito, que está nas vias do autismo, também é apostar no advento da subjetividade e que, portanto, salvo as suas especificidades, se pode esperar a manifestação de um sujeito desejante.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Autismo; Transferência; Posição do analista.

- 
- 1 Texto original apresentado a Jornada de Desanolamento de Cartéis da APC, realizado nos dias 26 e 27 de abril de 2024, na Associação Psicanalítica de Curitiba.
  - 2 **Suzane Gapski Muzeka:** Psicanalista, Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba, Graduada em Fonoaudiologia (PUC-PR), Especialista em Psicologia Clínica: Abordagem Psicanalítica (PUCP-PR). Contato: smuzeka@uol.com.br

### Abstract

This article discusses the excerpt of a clinical case of severe Autism associated with severe Intellectual Disability and the possible articulations according to the psychoanalytic theory. Based on the experience reported, it is possible to consider the feasibility of the transference link with the autistic subject and the importance of this for the establishment of a work. Based on the ideas of psychoanalysts who study this subject, it was possible to detect some issues, articulate them theoretically and reflect on the effects presented on the subject. Therefore, it is possible to conclude that betting on the subject, who is on the paths of autism, is also betting on the advent of subjectivity and that, thus, except for its specificities, one can expect the manifestation of a desiring subject.

**Keywords:** Psychoanalysis; Autism; Transference; Position of the analyst.

O *Autismo* ou *Transtorno do Espectro Autista* (TEA), considerando a denominação mais atual, tem sido muito debatido frente ao excesso de diagnósticos em que nos deparamos na contemporaneidade. As pesquisas e debates vem acontecendo a partir da primeira infância estendendo-se até os diagnósticos tardios, o que denota encontrarmos uma vasta literatura e grupos de interesses.

Segundo a OPAS/OMS (2020), em uma publicação no seu site, menciona que a estimativa mundial de crianças acometidas pelo TEA é cerca de 1 em cada 160, sendo que essa estimativa varia substancialmente entre os estudos epidemiológicos, que vêm indicando um aumento global na prevalência desse Transtorno.

Diante desse cenário, aliado às práticas do meu fazer psicanalítico experienciadas junto às crianças, jovens e adultos com diagnóstico de Autismo grave associado à Deficiência Intelectual acentuada, algumas inquietações ressoaram e que pela via da teoria foram possíveis de serem articuladas promovendo assim um maior entendimento sobre esse mundo particular dos autistas.

O atendimento psicanalítico voltado para esses sujeitos, que falam pouco ou mesmo apresentam-se não verbais e que se comunicam por outras formas principalmente por meio do corpo, tem sido um grande desafio e o que pretendo aqui é compartilhar as experiências realizadas com o meu paciente mediante o recorte de um caso clínico.

Trata-se de um menino, Daniel, 12 anos, com diagnóstico de Autismo e Deficiência Intelectual Grave. O trabalho analítico se iniciou por intermédio da escola da criança, no período da pandemia, em que o atendimento estava primeiramente mais voltado à mãe, com quem realizava contato semanal por videochamada. Momento importante para construir e estabelecer um laço transferencial.

No discurso da mãe era possível escutar suas queixas e frustração pelo filho não falar e não demonstrar interesse na interação. “Gostaria que Daniel conversasse comigo”, dizia ela... Considerando que a transferência é o fio condutor para que um trabalho psicanalítico se estabeleça tem sido importante escutar essa mãe na sua angústia e frustração. Pela via da transferência, no decorrer do trabalho, a mãe sentiu-se encorajada a assumir sua função, perceber o funcionamento da dinâmica familiar e, principalmente, a apostar no filho empenhando-se em mostrar ao pai e ao irmão mais velho que ele também tem suas habilidades.

Como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, vale lembrar o que Lacan menciona sobre o fenômeno da transferência, como sendo,

um artifício engendrado por uma fala endereçada a alguém que escuta. [...] Se diz sobre um que fala e outro que recebe a fala, que passa a ser endereçada para este suposto saber sobre a sua verdade enquanto enigma inesgotável. [...] A transferência em si é o que se cria no endereçamento da fala (Lanius, 2021, p. 1).

Nos vídeos em que eram me enviados observei ali um menino agitado, que brincava sozinho, enrolava-se constantemente no cobertor, apresentava estereotípias principalmente de passar cuspe com a mão nos objetos tamborilando os dedos, e as ecolalias sempre frequentes advindas das falas dos desenhos que assistia e das músicas da igreja que frequenta. Vivía em seu mundo, salvo em algumas vezes quando as questões rotineiras de casa o faziam olhar para o mundo externo.

Assim recebi Daniel, sempre agitado, andando nas pontas dos pés de um lado para o outro e absorto em suas estereotípias e ecolalias, me perguntava como faria para criar um laço, que tipo de transferência poderia ali ser construída? Foi quando lancei mão da criatividade. Iniciei com brinquedos e bolas, mas os objetos não faziam o menor sentido para ele, parti para as almofadas na tentativa de encontrar um pequeno interesse que não existiu, percebi que precisava ser algo maior que o fizesse dirigir seu olhar e sua atenção, foi quando imaginei apresentar pedaços de papelão. Diante de uma caixa grande desmontada, fui logo brincando de avião, com gestos e emissões prosódicas exacerbadas. Poderia dizer que chamava a atenção de Daniel, mas logo ele se voltava para seus modos de satisfação.

Foi quando surgiu a ideia, e o apresentei um lençol. Com o mesmo objetivo parti para a brincadeira, mas agora não era mais um avião, mas uma capa! E lá eu partia com a capa de um lado para o outro, por vezes o envolvendo e por vezes voando longe. “Atenção! concentração! Lá vem a capa!” dizia eu, e o envolvia com o lençol. Ele então a tomava para si, enrolava-se por inteiro assim como fazia com o cobertor no sofá de casa, apresentando com maior frequência suas estereotípias e ecolalias. Logo, passou a anunciar uma colagem da minha fala, “Atenção, concentração!”, esperando a capa se aproximar para envolvê-lo.

Souza (2021), coloca que a transferência é condição da clínica e o psicanalista é parte de uma cena analítica onde o que faz laço, no caso do autismo, não é a palavra, e o que está em cena não é a repetição de conteúdos e afetos recalçados. Em se tratando de criança nas vias do autismo, o inconsciente se estrutura reiterando o momento inicial que Freud descreve como o encontro do organismo vivo com a linguagem. E que desse tempo mítico, cada um inventa o *unbewusst*, o não-sabido. Menciona que o autista passará a vida apoiado nesse *não*, para recusar o sabido que, segundo Lacan, na transferência, é um amor ao suposto saber do Outro sobre o objeto causa do desejo: o autista não supõe que o Outro sabe, testemunha o não saber.

E conclui dizendo, “De modo paradoxal, esse que é suposto não saber é quem supõe o sujeito inconsciente encoberto sob o signo “autismo”” (Souza, 2021, p. 2).

Jerusalinsky (2012) entende que autismo é uma estrutura em que acontece a exclusão do Outro primordial, não existe a pergunta fundamental que convoca o desejo: Que queres? Surge então uma vulnerabilidade, em que o sujeito deveria se interrogar sobre o seu desejo possibilitando a interpretação, ali, se encontram os automatismos que, constantes e idênticos, impedem ou resistem às variabilidades mínimas imprescindíveis para que nelas se articule uma subjetividade. Assim, é exigido ao analista que saia da sua posição passiva, para ir em busca da janela pulsional que lhe permita enlaçar a pulsão desperdiçada nas arritmias a algum traço que abra brecha para a identificação.

O processo de identificação é um tempo em que ocorre o reconhecimento da imagem especular pelo Outro. Momento em que a criança espera pelo olhar deste Outro uma confirmação do que ela vê no espelho, irrompendo uma imagem da qual

ainda não domina e que lhe dará sentimento de unidade da sua imagem corporal.

No caso do autismo, há que se considerar a ausência da função do Outro como também a dificuldade na instauração do espelhamento, da imaginarização, no Estádio do Espelho. Jerusalinsky (2012) ainda coloca “que o outro circula no imaginário que deixa a criança de fora. Todo significante opera, então, lançando-o ao campo do real, deixando-a sem marca”. E concorda com o ponto de vista do casal Lefort ao afirmar que, “o espelho que o intermediário materno oferece à criança a devolve permanentemente à esfera do Real seja porque há uma impossibilidade psíquica de sustentar um lugar de circulação simbólica para o filho ou porque ele está organicamente impedido de se constituir como sujeito por uma insuficiência neurológica”.

Ao falar sobre o autismo, Maleval (2010) faz uso de uma abordagem psicanalítica estrutural, apoiada em testemunhos de autistas de alto desempenho para compreender a diversidade dos quadros clínicos das quais duas características marcantes aparecem: a retenção do objeto de gozo vocal e um retorno do gozo numa borda.

Ele entende como estrutura ao considerar a existência constante de um tipo clínico que persiste a vida toda e esclarece,

que as capacidades intelectuais e de caráter da criança se desenvolvem; existem traços que aparecem ou desaparecem ao longo do desenvolvimento e as dificuldades mudam, mas o essencial continua invariável [...] É a unidade dos sintomas e sua constância que leva a esse estado tão típico [...] Os sintomas descritos não mostram nada de evolutivo, permanecendo estáveis durante toda a vida. “O autismo é uma maneira de ser. Ele é invasivo; ele tinge toda experiência, toda sensação, percepção, pensamento, emoção, todos os aspectos da vida. Não é possível separar o autismo da pessoa” (Maleval, 2010).

Laznik (2021) menciona que o olhar do Outro primordial é que funda o Eu e a possibilidade da constituição da imagem do corpo e da relação com o semelhante. Portanto, o não-olhar entre a criança e a mãe assinala o perigo de problemas nessa relação fazendo com que o Estádio do Espelho corra o risco de não se constituir ou se constituir mal ocasionando um fracasso da instauração do circuito pulsional completo, questão central para o funcionamento do aparelho psíquico.

Mesmo apoiada pelas ideias de Jerusalinsky, Maleval e Laznik ainda me pergunto sobre o manejo do trabalho e a relação analista e analisante, em que sair de uma posição passiva, como coloca Jerusalinsky, seria não apenas tomar a escuta e a atenção flutuante como ferramentas, mas, que na clínica do autismo, há uma convocação maior sobre o corpo e, nesse sentido, Soler (1999) menciona o que está em jogo nessa relação que trata da busca de uma posição mais ativa é a libido.

Assim, ela refere “as crianças ditas autistas são sujeitos mesmo que elas não falem, uma vez que são tomadas no significante pelo fato de se falar dela; no Outro há significantes que a representam” (Soler, 1999, in Fernandes, 2014, p. 125). Portanto, afirma que, “tornar-se alguém que fala, é tornar esse alguém animado de libido” (*Ibid*, p. 126).

É a libido do Outro que se liga às crianças autistas, aqui é importante “evocar sua inclusão no lugar do Outro” (*Ibid*). Como é pela demanda que o sujeito “faz sua entrada no real” (*Ibid*, p.225), é por essa via, também, que pode vir a se separar do Outro. Logo, o olhar e a voz concorrem na relação que pode vir a se estabelecer entre a criança autista e o Outro” (Soler, 1999, in Fernandes, 2014, p.126).

É dessa forma que o analista inicialmente pode ser tomado como objeto e ao longo do tratamento a criança deixa-se tomar

pela libido do Outro (Soler, 1999, in Fernandes, 2014). Soler (1999) refere que o autismo é uma doença da libido, sendo a libido um órgão criado pela linguagem, e que na análise ela se ligará à criança autista por meio do manéjio do significante.

Nesse sentido, interessante notar o enlaçamento de significantes que se apresentou durante o trabalho a partir da ideia do avião de papelão, em que supondo um pequeno interesse que o paciente tinha quando se dirigia à janela e por lá ficava por um bom tempo envolvido em suas estereotipias enquanto observávamos no céu os aviões passando constantemente pela sua rota, para, posteriormente, apresentá-lo um novo significante, uma capa, uma capa voadora e que, com ela, Daniel passou a se aventurar na relação comigo.

A capa passou a ser objeto importante no atendimento e a criança começou a se interessar por ela. Com a capa foi possível apresentar alguns jogos constituintes como a brincadeira de presença e ausência das partes do seu corpo, perguntava a ele: “Quem tá aí?”, “É vc Daniel?”, “Cadê?”, “Sumiu?”, “Acheeiiiiii você!”, “O que é isso aqui?”, “É um pé? É o seu pé! Achei seu pé”. Em algumas situações era muito visível observar ali uma criança manifestando por meio de estereotipias e ecolalias excessivas um gozo ao ser reveladas as partes do seu corpo para o Outro, mas devo salientar que, de certa forma limitada, considerando que o autista não jubila frente à imagem refletida no espelho, ao olhar do outro, porque não chega ao terceiro tempo da pulsão e, portanto, o circuito pulsional não fecha.

Ainda sobre a pulsão escópica também é possível pensar sobre a instalação de uma transferência imaginária como propõem Tiussi e Kupfer (2008, apud Souza, 2021). Elas colocam que essa proposta difere das ideias de Freud e Lacan em relação ao olhar. Na recomendação freudiana é a de que se retire

do enquadre o olhar do analisante dirigido ao analista a fim de conter a transferência imaginária, privilegiando a associação livre. Para Lacan, trata-se de isolar a transferência imaginária, pois as trocas de olhares colocariam o analisando em um funcionamento ilusório. Para as autoras, no autismo há a recusa do olhar devido a impasses da formação do Eu e, portanto, a atuação do analista se daria no avesso, em que pelo encontro com o olhar da criança, ela possa se reconhecer no olhar de seu semelhante (analista).

Sobre os jogos constituintes do sujeito, Jerusalinsky (1997) coloca a importância de produzir litoral ao gozo do bebê que é ofertado e sustentado pela mãe, mas uma vez que o bebê nele engaja o gozo de seu corpo, a mãe prontamente lhe atribui a autoria e o saber de tal jogo. Há a construção de uma borda entre gozo e saber que se inscreve numa relação articulada entre mãe, bebê com a posição de objeto e sujeito. Ora detendo um saber, ora engajando seu corpo no gozo propiciado pelo outro.

Lembro de um momento em que eu, escondida atrás da almofada, me surpreendi com o olhar de Daniel me procurando, momentos repentinos preciosos! Embaixo da capa, Daniel passou a dirigir com maior frequência seu olhar, por meio da brincadeira “Janela, janelinha, porta e campainha...”.

Sempre interessado nas brincadeiras que o apresentava, percebi pela primeira vez quando se manifestou, foi no cabo de guerra de quem ficaria com a capa, ele ou eu. No vai e vem da capa passou a puxá-la para si anunciando “minha capa!”, oriunda da colagem de minha fala dando sentido a sua ação. Talvez uma pequena possibilidade de um modo de enunciação presente ali? Quem sabe, é uma aposta.

A aposta num sujeito é fundamental no tratamento do autismo. Não porque efetivamente já houvesse um sujeito aí (onde os automatismos neurobiológicos prevalecem), mas, porque – como o demonstra a evolução favorável de numerosos casos – existe a possibilidade de constituir um sujeito” (Jerusalinsky, 2008 in Jerusalinsky, 2012, p. 31),

Em uma determinada sessão, Daniel entra na sala e escolhe a capa, parecia ser um pedido. Iniciam-se as mesmas brincadeiras: “Cadê a cabeça?”, “Achei sua orelha!”, e novamente entramos embaixo da capa. Passo a fazer-lhe cócegas, o que o diverte muito. Brinco de “Janela, janelinha...” e nesse brincar saímos da capa. Continuando a brincadeira, Daniel sobe em mim, que estava recostada no tatame, quer pegar meus óculos que delicadamente retiro, e, então... ele aperta os meus olhos. Seria um apelo para continuar a brincadeira?

Se considerarmos que o trabalho analítico pode acontecer pela via do manejo de significantes advindos do Outro, na relação com a analista mediante sua posição ativa servindo como ancoragem para a construção de uma borda, poderia se pensar que a criança, ao explorar a minha face, procura de alguma forma construir uma borda?

Maleval (2010) define a borda como sendo “uma fronteira erguida pelo sujeito autista, a partir de seu objeto, entre seu mundo seguro e imutável e o mundo dos outros, incoerente e angustiante” e ela se constitui a partir de três elementos intrincados, segundo Eric Laurent, o objeto autístico, o duplo e a ilhota de competência. Por meio deles localizam o gozo do sujeito e lhe servem de proteção.

No autismo, o trabalho na transferência com o corpo do analista fazendo duplo, sendo objeto dinamizador, mediando estar em um grupo com outras crianças, remete aos indícios do corpo especular, onde o Eu em formação

se apresenta como imagem de um semelhante (Lacan, 1949/1998): Eu e esse semelhante somos um. Ao pegar na mão do analista para que este lhe faça algo, a criança toca a imagem de si que o analista reflete na cena analítica, pois é pelo contorno da borda autística, pelas costas que ele oferece, pela recusa ao olhar e pelo tapar os ouvidos que a criança autista vai permitindo que o analista se posicione diante dela: essa recusa é um reconhecimento negativizado. As pulsões “são no corpo, o eco do fato de que há um dizer” (Lacan 1975-1976/2007, p.18), resíduos gozantes de lalíngua – a língua do inconsciente de cada um, não universal, não compartilhável. O corpo do autista nos mostra que há o que está nele marcado como vazio não preenchido pelo dizer: o eco do irrealizável da linguagem que nos causa sendo preservado como marca estrutural (Souza, 2021, p. 17-18).

Segundo Maleval (2010), a borda também é o lugar onde o sujeito situa o objeto – duplo autístico do qual ele domina. É um lugar de proteção, do gozo do sujeito e que “[...]conectando-se nele encontra sua dinâmica. Então, não é mais um rival, mas um apoio” (Maleval, 2010). Pode-se pensar assim que foi a partir do momento em que Daniel escolhe a capa e me permite estar com ele embaixo dela.

O autor ainda menciona que o analista, ao atuar como duplo, favorece a construção do sujeito autista e diz que esse duplo não deve servir como modelo de atuação, mas como canal capaz de estimular uma dinâmica construtiva.

Ainda nessa mesma sessão, após apertar meus olhos, passei a perceber que Daniel por um momento se aquietou. Seu semblante se fechou, ficou sério. Presumi que lhe fosse desencadear uma crise convulsiva já que vem apresentando esporadicamente. Dado um tempo, ele se recupera para finalizarmos o atendimento. Talvez, nesse dia, tenham sido muitas aventuras desbravadas por Daniel.

Mais recentemente, em determinada sessão, a criança entra na sala, senta-se, me dirige o seu olhar e diz “sól”. Eu imediatamente

olho pela janela, vejo o céu azul e o sol brilhando e lhe respondo: “é tem sol, está um lindo dia!”, quando me dou conta de que se tratava de um outro significante. Daniel se levanta, dirige-se à mesa e pega o lençol, sua capa, fazendo um convite para iniciarmos as brincadeiras.

Entre estereótipias e ecolalias, embaixo da capa, surge um olhar curioso, a possibilidade de um toque, mão com mão, uma aproximação, a possibilidade de se arriscar. Diante de mim, sua analista, que aposta no advento do desejo inconsciente, eis que surge o sujeito da enunciação se apresentando de modo inusitado.

A partir dessa experiência, foi possível perceber que o analista pode assumir uma posição importante na relação com a criança autista, em que apoiado na teoria psicanalítica se oportunize um enlaçamento rumo ao advento da subjetividade, um trabalho que foge das técnicas comportamentais e aposta no sujeito.

Considerando que o atendimento acontece em ambiente escolar, posso dizer que destoa do discurso universal corrente em que se prioriza o imediatismo em que as técnicas de manejo de comportamento são demandadas o tempo todo. Mas nem por isso eu e Daniel deixamos de nos aventurar na psicanálise que atua de forma ética, no caso a caso, estabelecendo uma prática mais humanizadora.

## Referências

FERNANDES, A. H. O desejo do analista e o autismo. **Stylus Revista de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 125-133, nov. 2014.

JERUSALISNKY, A. O autismo como exclusão do campo do significante. **Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba**, Curitiba, n. 22, p. 13-28, 2011.

- JERUSALISNKY, A. **Psicanálise do autismo**. São Paulo: Instituto Language, 2012.
- LANIUS, M. **Notas de leitura do Seminário A Transferência**. Correio APPOA, Porto Alegre, 314, out. 2021. Disponível em: <https://apboa.org.br/correio/imprimir/matéria=1029>, Acessado em 10/04/2024.
- LAZNIK, M-C. **A voz da sereia**: o autismo e os impasses na constituição do sujeito. Salvador: Álgama, 2021.
- MALEVAL, J-C. **O Autista e a sua voz**. São Paulo: Blusher, 2017.
- MALEVAL, J-C. O que existe e constante no autismo? Conferência pronunciada na Escola Brasileira de Psicanálise em Belo Horizonte – MG no dia 10/05/2010. **CliniCAPS**, v. 4, n.11, 2010.
- PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. **Transtorno do espectro autista**, 20/11/2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>, Acessado em: 8 maio 2024.
- SOUZA, C.R. Isso que te ofereço é “não”: o autista e a transferência. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v.14, n.2, 2021. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.36298/gerais202114e16269>, Acesso em: 8 abr. 2024.



# Espaço de Interlocução





# Lacan e Saussure: diacronia e sincronia

Lacan and Saussure: diachrony and synchrony

Zama Caixeta Nascentes<sup>1</sup>

## Resumo

O trabalho parte do relevo de Lacan à questão do sentido em Freud. Ao sentido das produções do inconsciente, Freud chega ao reconhecer os mecanismos de seu funcionamento, o deslocamento e a condensação, apresentados por ele a partir de uma concepção energética. Lacan, que tem a seu dispor uma concepção linguística, teorizará sobre aquela questão levando em conta termos da Linguística, dois deles diacronia e sincronia. O artigo começa levantando em Lacan aquela questão, revisa os pares conceituais de Saussure e Jakobson, chega a Lacan novamente para mostrar a leitura que ele faz de Freud, via linguistas e o acréscimo dele às séries duplas de equivalências vindas de Saussure, Jakobson e Freud. Na conclusão, indicamos, com um recorte clínico, que essas duplas são dispositivos de escuta em psicanálise.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Lacan; Linguística; Saussure; Diacronia/Sincronia.

## Abstract

The work starts from Lacan's emphasis on the question of the meaning in Freud. To the meaning of the productions of the unconscious, Freud arrives when recognizes the mechanisms of its functioning,

---

1 **Zama Caixeta Nascente:** Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba (APC); Doutor em Literatura Brasileira (UFPR); Professor em cursos de Letras/Português e Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) campus Curitiba. Contato: zcaixeta@utfpr.edu.br.

displacement, and condensation, presented by him from an energetic conception. Lacan, who has a linguistic conception at his disposal, will theorize about that issue considering terms from Linguistics, two of them diachrony and synchrony. The article begins by raising that issue in Lacan, reviews the conceptual pairs of Saussure and Jakobson, reaches Lacan again to show the reading he does of Freud via linguistics and his addition to the double series of equivalences coming from Saussure, Jakobson and Freud. In the conclusion, we indicate, with a clinical approach, that these doubles are listening devices in psychoanalysis.

**Keywords:** Psychoanalysis; Lacan; Linguistic; Saussure; Diachrony/Synchrony.

Este trabalho foi apresentado na Jornada de Trabalhos da APC em 03 de dezembro de 2023 e surgiu das leituras de Lacan, Saussure e Jakobson, realizadas em 2021, 2022 e 2023, para preparar e ministrar o módulo *Lacan e o inconsciente estruturado como linguagem* no âmbito dos Seminários Introdutórios na APC. O título impedia-me desviar-me para Freud e tangenciar Lacan.

Retornei à leitura dos seminários para tomar uma linha no pensamento de Lacan a servir como fio a fim de apresentá-lo de modo mais orgânico e evitar a monodia do título, por certo já ouvida pelos participantes, “o inconsciente estruturado como linguagem”. O fio achei-o no relevo dado por Lacan à questão do sentido em Freud. O título e esse fio pediam um retorno a Saussure e a Jakobson, linguistas dos quais Lacan toma sua concepção de linguagem para, a partir deles, retornar a Freud.

Diacronia e sincronia iniciam duas séries, às quais se agregam outros termos. Para efeitos de clareza, será tratada primeiro a diacronia e depois a sincronia, o mesmo se dando com os correlatos. Sempre nessa ordem. Por exemplo, na série 1 - diacronia, contiguidade, deslocamento, e na série 2 - sincronia,

similaridade, condensação, os termos da série equivalem entre si e eles se relacionam com o da série seguinte que está na mesma posição (um, dois, três). Aqui, a posição um traz os termos de Saussure (diacronia, sincronia); a dois, os de Jakobson (contiguidade, similaridade); a três, os de Freud (deslocamento, condensação). Para manter esse paralelismo, citarei, algumas vezes, os autores numa ordem diversa daquela em que eles apresentam a dupla de equivalentes.

### **Lacan lendo Freud: a centralidade da questão do sentido**

O fio pôde ser achado na abertura do *Seminário 1*: “Mas não basta fazer história, história do pensamento, e dizer que Freud apareceu num século cientista. Com a *Interpretação dos Sonhos*, efetivamente, algo de uma essência diferente, de uma densidade psicológica concreta, é reintroduzido, a saber, o sentido.” (Lacan, 1986, p. 9). A questão do sentido: eis aí o que, para Lacan, singulariza Freud no interior da tradição científica do XIX e início do XX. Um sentido que deriva das vivências do sujeito (e não das secreções bioquímicas das células), da rede de relações suas com o outro (e não da rede de neurônios uns com os outros. Em sua tese de doutoramento, Lacan refere-se ao sentido:

As *intenções* conscientes são desde há muito o objeto da crítica convergente dos “físicos” e dos moralistas, que mostraram todo o seu caráter ilusório. Essa é a razão principal da dúvida metódica lançada pela ciência sobre o *sentido* de todos os fenômenos psicológicos. Mas, por mais ilusório que seja, esse sentido, do mesmo modo que qualquer fenômeno, tem sua lei. O mérito dessa nova disciplina, que é a psicanálise, é ter nos ensinado a conhecer essas leis, a saber: aquelas que definem a relação entre o sentido objetivo de um fenômeno de consciência e o fenômeno objetivo a que corresponde: positivo, negativo,

mediato ou imediato, essa relação é, com efeito, sempre determinada (Lacan, 2011, p. 244).

Mais claro não pode ser: Freud reintroduz o sentido em uma ciência que o dissolvera. A referência, duas vezes, a “lei” aponta para outro mérito de Freud reconhecido por Lacan: o de descobrir a lei que engendra o sentido. Adiante, essa lei aparece vinculada à ideia de libido: “A inovação de Freud nos parece capital no sentido em que traz à psicologia uma noção *energética*, que serve de medida comum a fenômenos muito diversos. Trata-se da *libido* (...)” (Lacan, 2011, p. 252). Leis que o leitor de Freud conhece frequentando *As neuropsicoses de defesa*, em cujo final o autor enuncia sua “hipótese de trabalho” (Freud, 1976, p. 65), apoiada na noção de energia aumentável, diminuível, deslocável e descarregável; *O inconsciente*, em cujo capítulo quinto encontram-se as “características especiais do sistema *Ics*”, duas delas calcadas na concepção de energia que se move: “Pelo processo de *deslocamento* uma ideia pode ceder a outra toda a sua quota de catexia; pelo processo de *condensação* pode apropriar-se de toda a catexia de várias outras ideias.” (Freud, 1976a, p. 213).

No Seminário 1, mais adiante, ao comentar *A interpretação dos sonhos*, Lacan volta a tratar da questão, destacando que Freud revela o sentido do sonho ao paciente: “É na dúvida mesma que o sujeito manifesta sobre certas partes do sonho, que ele, Freud, que o escuta, que o espera, que está lá para revelar o seu sentido, reconhece justamente o que é importante. Porque o sujeito duvida, deve-se ter certeza.” (Lacan, 1986, p. 57). Portanto, mantém-se ao longo do seminário o relevo dado ao sentido.

No Seminário 3, publicou-se a conferência *Freud no século*, proferida em 1956 em celebração dos 100 anos de nascimento de Freud. Nela, Lacan reafirma a centralidade do sentido mencionada no *Seminário 1*:

Se a descoberta da psicanálise é justamente a de ter reintegrado na ciência todo um campo objetivável do homem e a de ter mostrado a sua supremacia, e se esse campo é aquele do sentido, por que procurar a gênese dessa descoberta fora das significações que seu inventor encontrou em si mesmo na via que o conduzia a ela, por que procurar em outro lugar que no registro em que esta deve se isolar com todo o rigor? Se é algum móbil estranho ao campo descoberto por nosso autor, e a nenhum outro, que nos é necessário recorrer para explicar o que ele é, a prevalência desse campo se torna caduca, por ser subordinada. Pôr a supremacia e não a subordinação do sentido enquanto causa eficiente é aparentemente negar os princípios da ciência moderna. Com efeito, para a ciência positiva à qual pertencem os mestres de Freud, essa plêiade que Jones evoca com muita justeza no início de seu estudo, toda dinâmica do sentido é, por petição de princípio, negligenciável, fundamentalmente superestrutura. Portanto é uma revolução a ciência que Freud trouxe, se esta tem o valor que ele pretende (Lacan, 1997, p. 267).

Ratifica-se o sentido como nuclear na revolução freudiana e especifica-se a linhagem científica da qual a psicanálise se desalinha: a ciência positiva. Não citado no seminário I, o positivismo é mencionado agora, permitindo compreender melhor o pano de fundo epistemológico frente ao qual a psicanálise se ergue.

Como esse sentido é produzido? Sabemos a resposta de Freud: pelos mecanismos de funcionamento do inconsciente, mormente o deslocamento e a condensação, atuantes em todas as formações substitutivas. Conhecemos a de Lacan: pelas dimensões essenciais do significante, a metonímia e a metáfora. Qual foi a de Saussure?

## Saussure teorizando sobre o sentido

Saussure também se ocupou com a questão ao discutir o valor do signo linguístico. Diacronia e sincronia são termos definidos ao final da primeira parte do *Curso de Linguística Geral*, a qual serve de prolegômeno à segunda e à terceira, *Linguística sincrônica* e *Linguística diacrônica*, respectivamente. A rigor, o que a conclusão da primeira parte define é o adjetivo, diacrônica e sincrônica:

*A Linguística sincrônica* se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela consciência coletiva. *A Linguística diacrônica* estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si (Saussure, 1974, p. 116).

Se a diacrônica se ocupa com os termos “sucessivos” e a sincrônica com os “coexistentes”, então diacronia equivale à sucessão e sincronia à coexistência – coexistência que, em outra parte do Curso, será ligada à simultaneidade. Sucessão já é conhecido pelo leitor de Lacan e, se não coexistência, o vocábulo “simultaneidade” é familiar aos psicanalistas. Está em *A interpretação dos sonhos*, num trecho lido por Lacan no *Seminário 1*, citando o título em alemão, *Traumdeutung*:

Suspendo por um momento o tema do *Homem dos Lobos* para tomar as coisas por uma outra ponta. Tomemos a *Traumdeutung*, no capítulo sete, consagrado aos processos do sonho, *Traumvorgänge*. Freud começa resumindo o que se depreende de tudo que elaborou ao longo do seu livro. A quinta parte do capítulo começa por esta frase magnífica – *É bem difícil restituir pela descrição de uma sucessão...* – porque ele reelabora mais uma vez tudo que já explicou sobre o sonho – *... a simultaneidade de um processo complicado, e, ao*

*mesmo tempo, parecer abordar cada nova exposição sem ideia preconcebida.*<sup>2</sup>  
(Lacan, 1988, p. 57).

Freud, que, sabemos, não leu Saussure, emprega sucessão e simultaneidade para tratar, respectivamente, do relato do sonho e do sonho em si: o relato, por ser fala do paciente, é sucessão (cada um ao seu tempo); o sonho, por ser evento psíquico formado no inconsciente e manifestado na consciência do indivíduo no estado do sono, é simultaneidade (tudo a um só tempo). O relato respeita a regra que “exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (Saussure, 1974, p. 142). Essa, a dificuldade reconhecida por Freud: como reproduzir por uma sucessão o que se deu em uma simultaneidade?

Saussure usa sucessão e simultaneidade no capítulo terceiro da primeira parte, que divide a Linguística em estática e evolutiva. Para mostrar a incidência do fator tempo na Linguística e em outras ciências, propõe, e desenha, uma figura formada de dois eixos, um vertical, indo do C ao D, e um horizontal, do A ao B. Ao vertical chamou de eixo das sucessões e ao horizontal o das simultaneidades:

É certo que todas as ciências deveriam ter interesse em assinalar mais escrupulosamente os eixos sobre os quais estão as coisas de que se ocupam; seria preciso, antes de tudo, distinguir conforme a figura seguinte: 1º. O *eixo das*

---

2 A rigor, Lacan retoma as duas primeiras frases do início da seção: “Indem ich den Versuch wagte, tiefer in die Psychologie der Traumvorgänge einzudringen, habe ich eine schwierige Aufgabe unternommen, welcher auch meine Darstellungskunst kaum gewachsen ist. Die Gleichzeitigkeit eines so komplizierten Zusammenhangs durch ein Nacheinander in der Beschreibung wiederzugeben und dabei bei jeder Aufstellung voraussetzungslos zu erscheinen will meinen Kräften zu schwer werden.” (Freud, 2007, p. 576). Para nosso propósito, importam o léxico do alemão de Freud, “Nacheinander” e “Gleichzeitigkeit”, correlatos do Saussure em português, “sucessão” e “simultaneidade”, os quais aparecem na citação de Lacan. A primeira frase anuncia a dificuldade e a segunda descreve-a.

*simultaneidades* (AB), concernente às relações entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui, e 2º. o *eixo das sucessões* (CD), sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações (Saussure, 1974, p. 95).

Diacronia está para o eixo das sucessões, já que, na conclusão do capítulo o termo sucessão caracteriza a linguística diacrônica; sincronia ao das simultaneidades, que diz respeito “às relações entre coisas coexistentes”. Portanto, diacronia está para a sucessão e sincronia para a simultaneidade. Vejamos como diacronia e sincronia aparecem na teoria de Saussure sobre relações da língua, abordadas na segunda parte do livro, *Linguística sincrônica*.

No capítulo quarto, exemplificando com o alemão, em que singular e plural de *noite* (Nacht) são, respectivamente, *Nacht* e *Nächte*, declara: “tomados isoladamente, nem *Nacht* nem *Nächte* são nada; logo, tudo é oposição.” (Saussure, 1974, p. 141). Esse “são nada” é puxado por Lacan no Seminário 3, no capítulo “Do significante e do significado”: “O significante deve ser concebido em primeiro lugar como distinto da significação. O que o distingue é o fato de ser em si mesmo *sem significação própria*.” (Lacan, 1988, p. 227: grifo meu).

No mesmo capítulo, Saussure nomeia dois tipos de relações. A sintagmática, aquela em que “os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua” (Saussure, 1974, p. 142). A associativa, a em que eles estabelecem “fora do discurso”, um fora em que “as palavras se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais impera relações muito diversas.” (Saussure, 1974, p. 143). Apresentadas as duas, o autor distingue-as: “A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos

igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual.” (Saussure, 1974, p. 143). Definidas, serão examinadas em seções específicas do capítulo quinto, “Relações sintagmáticas e relações associativas”.

Tratando das sintagmáticas, o linguista aclara que unem um termo *in praesentia* com outro *in praesentia* (como está expresso na p. 143, já citada) e um *in praesentia* com um *in absentia*: “Não basta considerar a relação que une entre si as diversas partes de um sintagma (...); cumpre também levar em conta a que liga o todo com as diversas partes.” (Saussure, 1974, p. 144). Em outras palavras, à parte, que são os termos presentes no sintagma e que se relacionam uns com os outros, liga-se ao todo, constituído dos ausentes e que poderiam figurar no sintagma.

Abordando as associativas, retorna às sintagmáticas e discorre sobre ambas em uma mesma frase: “Enquanto um sintagma suscita em seguida a ideia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada.” (Saussure, 1974, p. 146). Mais que provar que tudo é relação, o inquirido de uma exigindo a oitiva de outra, a passagem vale por atoar sintagma e sucessão. Já vimos que a primeira parte do Curso encerra-se colocando a sucessão do lado da diacronia, o que será redito na abertura da terceira, chamada precisamente de *Linguística diacrônica*: “A Linguística *diacrônica* estuda, não mais as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua, mas entre termos *sucessivos* que se substituem uns aos outros no tempo.” (Saussure, 1974, p. 163. Grifo da autora). Ligando sucessão à diacronia, sintagma à sucessão (“um sintagma suscita em seguida a ideia de uma ordem de sucessão”), Saussure canga silogisticamente sintagma e diacronia. Portanto,

diacronia pode ser empregado como equivalente a “relações sintagmáticas”. A simetria conceitual leva a concluir pela homologia de outra série: sincronia equivale a “relações associativas”. Em Saussure há, pois, as seguintes séries:

**Série 1:** diacronia, sucessão, relações sintagmáticas, termos *in praesentia*.

**Série 2:** sincronia, simultaneidade, relações associativas, termos *in ausentia*.

Pela menção da *Traumdeutung* por Lacan no Seminário 1, já se sabe que, em Freud, sucessão respeita ao relato do sonho simultaneidade ao sonhar. É necessário avançar mais para conhecer o lugar que o deslocamento e a condensação ocuparão nas séries.

## **Jakobson entendendo o sentido nas afasias**

Jakobson, em seu trabalho “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, renomeia essas duas relações estabelecidas por Saussure. Chama-as de o “duplo caráter da linguagem” (Jakobson, 2010, p. 46), os “dois modos de arranjo” (p. 50) do signo linguístico, a saber: a combinação e a seleção. Em suas palavras:

A fim de delimitar os dois modos de arranjo, que descrevemos como sendo a combinação e a seleção, F. de Saussure estabeleceu que o primeiro ‘aparece *in praesentia*: baseia-se em dois ou vários termos igualmente presentes dentro de uma série efetiva’, enquanto o segundo ‘une os termos *in absentia* como membros de uma série mnemônica virtual’. Isso quer dizer: a seleção (e, correlativamente, a substituição) concerne às entidades associadas no código, mas não na mensagem dada, ao passo que, no caso de combinação, as entidades estão associadas em ambos ou somente na mensagem efetiva (Jakobson, 2010, p. 50).

Jakobson renomeia de combinação e seleção o que Saussure nomeou de relações sintagmáticas e relações associativas. Mantém, contudo, de Saussure, as expressões latinas, *in praesentia* e *in absentia* e vincula-as à terminologia que propõe: a combinação diz respeito aos termos *in praesentia* na mensagem e a seleção aos *in absentia*.

Contiguidade e similaridade serão novos vocábulos com que Jakobson amplia a série, ao discorrer sobre os distúrbios da fala, tema de seu trabalho. O distúrbio pode afetar a “capacidade de construir proposições, ou, em termos mais gerais, de combinar entidades linguísticas mais simples em unidades mais complexas” (Jakobson, 2010, p. 63). Trata-se, portanto, de um “distúrbio da contiguidade”. Pode também afetar “a capacidade que o indivíduo tem de (...) selecionar as unidades linguísticas” (p. 51). Trata-se, portanto, de um “distúrbio da similaridade”.

Por introduzir os dois distúrbios, Jakobson emprega, na citação que acaba de ser transcrita, os dois verbos, “combinar e selecionar”, não obstante a seção traga o título “O distúrbio da similaridade” – que gira em torno de “selecionar”. Ao transcrever, suprimi o “combinar”, que concerne ao da contiguidade, já apresentado na frase anterior àquela citação. Posto neste artigo empregar os termos sempre numa mesma sequência (diacronia, sucessão, relações sintagmáticas; sincronia, simultaneidade, relações associativas), mantê-la obrigou-me a comentar Jakobson numa ordem diversa de seu texto: primeiro o distúrbio da contiguidade (combinação) e depois o da similaridade (seleção) – já que combinação está para relações sintagmáticas e seleção para as associativas.

Metonímia e metáfora serão novos conceitos com que Jakobson amplia a série, ao vincular os distúrbios a essas figuras da retórica. O vínculo ocorre no início da última seção do

trabalho, a qual retoma as duas anteriores, dedicadas aos distúrbios, e serve como síntese deles e introdução dos vocábulos vindos da retórica:

As variedades de afasia são numerosas e diversas, mas todas oscilam entre os dois tipos polares que acabamos de descrever. Toda forma de distúrbio afásico consiste em alguma deterioração, mais ou menos grave, da faculdade de seleção e substituição, ou da faculdade de combinação e contexto. A primeira afecção envolve deterioração das operações metalinguísticas, ao passo que a segunda altera o poder de preservar a hierarquia das unidades linguísticas. A relação de similaridade é suprimida no primeiro tipo, a de contiguidade no segundo. A metáfora é incompatível com o distúrbio da similaridade, e a metonímia com o distúrbio da contiguidade. (Jakobson, 2010, p. 69).

Com Jakobson, chega-se a duas séries de sete conceitos intercambiáveis:

**Série 1:** diacronia, sucessão, relações sintagmáticas, termos *in praesentia*, combinação/contexto, contiguidade, metonímia.

**Série 2:** sincronia, simultaneidade, relações associativas, termos *in absentia*, seleção/substituição, similaridade, metáfora.

Os três primeiros estão em Saussure, os três últimos em Jakobson e o quarto em ambos – operando, nos moldes de um silogismo categórico da lógica aristotélica, como termo médio da passagem de um autor a outro. Relembremos que o liame sucessão e relações sintagmáticas explicita-o o próprio Saussure (“um sintagma suscita em seguida a ideia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos” – Saussure, 1974, p. 146) e que a existente entre simultaneidade e relações associativas infere-se da simetria conceitual com que o autor trabalha. Portanto, diacronia e sincronia concernem às relações da língua, mais conhecidas como “sintagmáticas” e “associativas”.

## Lacan lendo Freud via Jakobson e Saussure

Saussure é nominado por Lacan no *Seminário 3*, num momento em que discute as cartas de Freud a Fließ, nas quais destaca “a ênfase que Freud dá ao significante” (Lacan, 1988, p. 206). Tratando do esboço teórico contido nas cartas, comenta:

Há, de saída, a *Wahrnehmung*, a percepção. É uma posição primeira, primordial, que permanece hipotética, já que, de algum modo, nada disso vêm à tona no sujeito. Há, em seguida a *Bewusstsein*, a consciência. (...) A etapa *Wahrnehmung* aí está para marcar que é preciso supor alguma coisa de simples na origem da memória, concebida como feito por uma pluralidade de registros. A primeira registoção das percepções inacessíveis à consciência, ela também é ordenada por associações de simultaneidade. Temos aí a exigência original de uma primitiva instauração de simultaneidade. É o que lhes mostrei no ano exercícios demonstrativos concernentes ao símbolo. As coisas tornavam-se interessantes, lembrem-se, a partir do momento em que estabelecemos a estrutura dos grupos de três. Colocar grupos de três juntos é, com efeito, instaurá-los numa simultaneidade. O nascimento do significante é a simultaneidade, e também sua existência é uma coexistência sincrônica. Saussure insiste muito nesse ponto (Lacan, 1988, p. 207)<sup>3</sup>.

Embora inexplicitada, pode-se, no delecto do *Curso de Linguística Geral*, cogitar mirar Lacan as seguintes passagens. Primeira, a que define Linguística diacrônica e Linguística sincrônica a partir da ideia de “termos sucessivos” e “termos coexistentes” (Saussure, 1974, p. 116). A segunda, a que gizou o eixo das sucessões e o das simultaneidades (por razões paralelísticas,

---

3 Na edição em uso, encontra-se “instaurá-las”, retomando “as coisas”. Contudo, o sentido da frase exige “instaurá-los”, voltando sobre “grupos de três juntos”. Isso porque: 1) “grupos de três juntos” é que passa a ser simultâneo – e não “coisas”; 2) “juntos” é sinônimo de simultâneo; 3) “grupos” (substantivo plural e masculino) é recuperado por “-los” (pronome plural e masculino).

alteramos a ordem com que os eixos são apresentados no *Curso*); o das sucessões (CD) respeitante às relações entre coisas que existem uma depois da outra, “não se pode considerar mais que uma coisa por vez” (Saussure, 1974, p. 95); o das simultaneidades (AB) concernente “às relações entre coisas coexistentes” (idem). Atente-se para o fato de Lacan falar em “coexistência sincrônica”, o que ratifica a hipótese de que ele mira do *Curso* os eixos, pois lá – como acabo de citar – sincronia trata da coexistência, logo, do simultâneo. Lacan reúne as duas ideias em “coexistência sincrônica”. A terceira, a que trata das duas formas de relações, sintagmática e associativa, vinculadas a sucessão (diacronia) e simultaneidade (sincronia), respectivamente; a passagem é evocada pelo comentário de Lacan de que “Saussure insiste muito nesse ponto” – e seguramente este é um ponto do *Curso* que fez escola, bastando relembrar a retomada que dele fez Jakobson, o qual é nomeado por Lacan no *Seminário 3*:

O que, a partir daí, não pode deixar de ocorrer e que ocorreu a um linguista amigo meu, Roman Jakobson, é que a distribuição de certas perturbações chamadas afasias devem ser revistas à luz da oposição entre, por um lado, as relações de similaridade, ou de substituição, ou de escolha, e as de seleção ou de concorrência, em suma, de tudo o que é da ordem do sinônimo, e, por outro lado, as relações de contiguidade, de alinhamento, de articulação significativa, de coordenação sintática (Lacan, 1988, p. 250).

Lacan retoma contiguidade e similaridade, termos com que Jakobson renomeava relações sintagmáticas e relações associativas de Saussure. Não há um em-si do significante; o seu si define-se nas relações com os outros, uma delas a de “oposição”, como frisa Lacan no fragmento citado, e que ratifica no *Seminário 6*, no desenho do primeiro andar do grafo, “o significante não vale em relação a uma terceira coisa que ele representaria, mas em

relação a outro significante, que *ele não é*.” (Lacan, 2016, p. 20: grifo meu).

Lacan retoma metonímia e metáfora, termos acoplados por Jakobson àquelas duas relações propostas por Saussure:

A oposição da metáfora e da metonímia é fundamental, pois o que Freud colocou originalmente no primeiro plano nos mecanismos da neurose, bem como naqueles dos fenômenos marginais da vida normal ou do sonho, não é nem a dimensão metafórica, nem a identificação. É o contrário. De uma forma geral, o que Freud chama a condensação, é o que se chama em retórica a metáfora, o que ele chama o deslocamento é a metonímia. A estruturação, a existência lexical do conjunto do aparelho significante, são determinantes para os fenômenos presentes na neurose, pois a o significante é o instrumento com o qual se exprime o significado desaparecido. É por essa razão que de novo dirigindo a atenção para o significante, nada mais fazemos do que voltar ao ponto de partida da descoberta freudiana (Lacan, 1988, p. 252).

Retomando Jakobson, Lacan crisma de metonímia e metáfora o que Freud batizara de deslocamento e condensação. Os mecanismos do inconsciente são mecanismos de linguagem: passo possível a Lacan desde que Jakobson articulou metonímia e metáfora com relações sintagmáticas e relações associativas de Saussure, nas quais se encontram as noções de sucessão e simultaneidade já empregadas por Freud em *A interpretação dos sonhos* para referir-se ao relato do sonho e ao sonhar. Voltando às duas séries já apresentadas, pode-se acrescentar agora os termos de Freud, oitavando-as:

**Série 1:** diacronia, sucessão, relações sintagmáticas, termos *in praesentia*, combinação/contexto, metonímia, deslocamento.

**Série 2:** sincronia, simultaneidade, relações associativas, termos *in ausentia*, seleção/substituição, metáfora, condensação.

Lacan, em seus seminários, emprega ora um, ora outro termo das séries, pressupondo que seu ouvinte esteja com eles familiarizados. Exemplifiquemos com o Seminário 6, quando reconstrói o grafo do desejo:

O que representa isso que chamamos de D maiúsculo? D representa a cadeia significante. Essa estrutura basal, fundamental, submete toda a manifestação de linguagem à condição de estar regulada por uma sucessão, em outras palavras, por uma diacronia, por algo que se desenrola no tempo. O S maiúsculo está posto para *significante*. (...) Dado o que acabei de mostrar, isto é, que o significante se define, ganha seu valor e seu sentido por sua relação com outro significante dentro de um sistema de oposições significantes, a cadeia significante se desenvolve numa dimensão que implica certa sincronia dos significantes, ou seja, a existência de certa bateria significante (Lacan, 2016, p. 21).

Diacronia e sucessão, de um lado; de outro, sincronia e simultaneidade (“existência de certa bateria significante”, isto é, o conjunto dos significantes que coexistem e dos quais se seleciona um para o discurso). Recuando ao *Seminário 5*, vê-se quão profusa torna-se a sinonímia:

A existência dessas cadeias implica que as articulações ou ligações do significante comportam duas dimensões, aquela que podemos chamar de combinação, continuidade, concatenação da cadeia; e a da substituição, cujas possibilidades estão sempre implicadas em cada elemento da cadeia. (...) Em outras, em todo ato de linguagem, embora a dimensão diacrônica seja essencial, há também uma sincronia implicada, evocada pela possibilidade permanente de substituição que é inerente a cada um dos termos do significante (Lacan, 1999, p. 34).

Choveu Jakobson, para nomear as cadeias. Dos 3 Cs para nomear a primeira, seguramente os dois primeiros Cs, “combinação” e “continuidade”, vem dele – este último equivalente de

contiguidade; o outro C, “concatenação da cadeia” é sinônimo para os anteriores, o que exige mais do leitor familiar a Jakobson e que tem que gravar o correlato de Lacan para “combinação” e “contiguidade”. A segunda cadeia é nomeada via Jakobson de modo mais direto: substituição (que, relembremos, se opõe à combinação).

E goteirou Saussure, para nomear as duas dimensões da linguagem contempladas nessas cadeias propostas por Lacan. Notem que “sincronia” aparece ao lado da “substituição”, o que retroage sobre o parágrafo anterior da citação inscrevendo “diacronia” ao pé de “combinação”. Ocorre que Jakobson, que tratou de “combinação” e “seleção”, não menciona “diacronia” e “sincronia” ao propor estes termos; Saussure, que se referiu a “diacronia” e “sincronia”, não emprega essas palavras ao propor as relações sintagmáticas e as relações associativas, relações que são a base para Jakobson chegar a “combinação” e “seleção”. Lacan, que os leu, usa e respeita a acepção do léxico de cada um, não mostra o seriamento dos vocábulos – o que fica a cargo do leitor. Lacan faz-se autor na série, fechando a conta em nove. Fá-lo no Seminário 5:

O vinho da fala está sempre presente em tudo o que digo. De hábito, a tirada espirituosa faz parte do ambiente em tudo o que estou contando a partir do momento em que falo, pois falo forçosamente no duplo registro da metonímia e da metáfora. O pouco-sentido e o passo-do-sentido, estão o tempo todo se entrecruzando, à maneira como se cruzam e descruzam os milhares de nave-tas de que fala Freud na *Traumdeutung*. Mas, do mesmo modo, esse vinho da fala habitualmente se espalha pela areia. O que se produz entre mim e o Outro, no momento da tirada espirituosa, é como uma comunhão toda especial entre o pouco-sentido e o passo-do-sentido (Lacan, 1999, p. 123).

Sabendo do fascínio de Lacan pela ordem significante da famosa frase de Freud *Wo Es war, soll Ich werden* (em que o *Es* da posição 2 do segmento 1 do sintagma é ocupado pelo *Ich* da posição 2 do segmento 2, o que é justamente o sentido contido na frase: onde *Es* estava, deve *Ich* advir), entende-se que metonímia e metáfora estão para pouco-sentido e passo-do-sentido, respectivamente, dada a posição dos termos nas frases e a sucessão das frases. A segunda frase termina com “metonímia e metáfora” e a terceira inicia-se com “pouco-sentido” e “passo-de-sentido”. Na sucessão de uma frase a outra, guarda-se a posição dos elementos: pouco-sentido vem primeiro (como era com metonímia) e passo-de-sentido depois (como era com metáfora), processo sintático (portanto, ordem significante) que cria entre eles a correspondência semântica, traduzida em nossa língua pelo advérbio “respectivamente”. Ao “duplo registro da metonímia e da metáfora” de Jakobson, Lacan acopla pouco-sentido e passo-do-sentido, tornados também “duplo registro” em virtude da posição na frase e da sucessão das frases.

Acoplagem preparada no seminário de 4 de dezembro de 1957 (capítulo quinto). Depois de introduzir pouco-sentido em articulação com o conceito de valor de Marx e o de necessidade e demanda, Lacan sumariza: “Hoje vamos chamá-lo simplesmente de *pouco-sentido*. Uma vez que vocês disponham dessa chave, a significação da cadeia metonímica não deixará de se lhes evidenciar.” (Lacan, 1999, p. 101). A “pouco-sentido” sucede-se “cadeia metonímica”, o que os coloca em uma contiguidade. Mais adiante, lemos: “Proponho-lhes a forma do *passo-de-sentido* (...) esse passo-de-sentido é, para falar com propriedade, o que se realiza na metáfora.” (Lacan, 1999, p. 103). Mesmo processo linguístico do caso anterior: a “passo-de-sentido” sucede-se “metáfora”, o que os põe em uma contiguidade.

Operações significantes que são passos para que “pouco-sentido e “passo-do-sentido” adquiram o sentido de “duplo registro” porque estão em contiguidade com “metonímia” e “metáfora”, subsumidas na categoria de “duplo registro”.

## **Considerações finais**

Vemos em Lacan um “duplo registro” (pouco-sentido, passo-de-sentido), como havia “dois aspectos da linguagem” (combinação e substituição) e “dois tipos de afasia” (distúrbios da contiguidade e distúrbios da similaridade) em Jakobson; dois modos de conceber a Linguística no tempo (diacronia, sincronia), duas relações (sintagmática e associativa) em Saussure; “dois mecanismos de funcionamento do inconsciente (deslocamento e condensação) em Freud – tornados em Lacan as “duas dimensões fundamentais do significante” (1999, p. 49), a metonímia e a metáfora, dado que em Jakobson essas figuras de retórica são incompatíveis, respectivamente, com os distúrbios da contiguidade e os distúrbios da similaridade. Ao construírem essa série de duplos, os autores visam responder a um mesmo problema: o sentido. Ao reconhecê-lo em Freud, Lacan coloca para si a questão de como ele é engendrado, valendo-se do que não estava disponível no início da psicanálise e que se encontra agora: uma teoria sobre o significante, formada no interior da Linguística.

Duplos que se tornam, na clínica, dispositivo de escuta. Ilustrarei com um recorte de sessão de análise que não é o melhor exemplo porque não foi escuta minha e sim associação livre do próprio paciente. Ele relata-me ter, em certa feita, perdido seu título de eleitor. Basta ter folheado *A psicopatologia da*

*vida cotidiana* para saber que perdas de itens são produções do inconsciente, motivo suficiente para apanhar o relato; porém, não me precipitei anunciando uma significação ou perguntando sobre o sentido da perda do documento, por trazer nos ouvidos o conselho de Lacan (1985, p. 135) acerca do perigo que é em “nosso campo clínico (...) compreender. Compreendemos sempre demais, especialmente na análise. Na maioria das vezes, nos enganamos.” Pedi ao paciente olhar para as palavras “perda de título de eleitor”. Ele tomou “eleitor” por um sintagma, *é leitor*, valendo-se da contiguidade entre “e” e “*leitor*” que torna esse “e” não uma sílaba de “eleitor” e sim o verbo *ser*, constituinte de um novo sintagma. Esse *leitor* advindo da relação de contiguidade com o *e* que lhe antecede e que está presente na cadeia (termo *in praesentia*) foi relacionado pela similaridade, pelo próprio paciente, com *leitura*, que está fora da cadeia (termo *in ausentia*). O sentido de *eleitor* produziu-se pelas duas dimensões fundamentais do significante, a metonímia e metáfora. O sentido do termo *in praesentia* (“eleitor”) se dá por sua relação com um termo *in ausentia* (“leitura”), tornado presente na cadeia discursiva porque a sucessão que vai de *e* para *leitor* funda também o sintagma *é leitor*. Trazido à fala no divã, *leitura* é agora termo *in praesentia*, cujo sentido é um nada e terá de ser ao remeter-se a um outro *in ausentia*. O paciente o associa com *escola*, *professor*, *estudar* – termos ausentes da cadeia, mas que coexistem simultaneamente quando o paciente seleciona *leitura* e ao qual eles são similares: o paciente gostava de ir à escola e de estudar e era elogiado pelo professor. Faz-se o ser de *leitura*, cujo sentido é: a pouca leitura do paciente, a sua baixa escolaridade porque uma exigência materna o fez interromper, precocemente, os estudos. A injunção materna o fez perder o título de leitor, já que o paciente se considera com “pouca leitura”. Portanto, mais que pares

conceituais de teóricos da linguagem e do inconsciente, aquela série de duplos são procedimentos de escuta do inconsciente do paciente – que são estruturados por linguagem.

## Referências

FREUD, S.. **As Neuropsicoses de Defesa**. Obra completa, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S.. **O Inconsciente**. Obra completa, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976a.

FREUD, S..**Die Traumdeutung**. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2007.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010, 22<sup>a</sup>. ed.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 1, Os escritos técnicos de Freud**. Tradução Betty Milan. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Tradução Marie Christine Lasnik Penot. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

LACAN, J. **O, Livro 3, As psicoses**. Tradução Aluísio Menezes. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 5, As formações do inconsciente**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 6, O desejo e sua interpretação**. Tradução Cláudia Berliner. Rio de Janeiro, Zahar, 2016.

LACAN, J. . **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade**. Tradução Aluísio Menezes, Marcos Antonio Coutinho Jorge, Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2011, 2a. ed.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1974.



# Espaço Conferência





# O apagamento da diferença sexual – Um projeto em curso<sup>1</sup>

The deletion of sexual difference  
– An Ongoing Project

Marcus do Rio Teixeira<sup>2</sup>

## I – Os laços que nos unem

Agradeço aos colegas da *Associação Psicanalítica de Curitiba* pelo convite para participar deste colóquio sobre “O Feminino Contemporâneo”. Quero registrar a minha alegria por estar presente nesta instituição, que conheço desde a sua fundação e com a qual gosto de pensar que mantenho laços não somente de trabalho, mas de amizade. Durante os últimos anos, fomos obrigados a manter um distanciamento, pois enfrentávamos uma pandemia causada por um vírus mortal e tínhamos um governo que não se preocupava em proteger a vida dos cidadãos. Em vez disso, o então presidente minimizava o risco do vírus (“gripezinha”) e propagandeava o uso de um medicamento para a malária associado a um vermífugo (sic) como “tratamento precoce”.

---

1 Palestra apresentada no Colóquio: O feminino Contemporâneo, realizado pela Associação Psicanalítica de Curitiba, em 21 de outubro de 2023.

2 **Marcus do Rio Teixeira:** Psicanalista; Diretor da Editora Ágalma; Membro honorário da Associação de Psicanálise Ato Analítico de Maringá. Contato: marcus@agalma.com.br

Durante esse período de trevas, as vozes dos cientistas foram de importância crucial para esclarecer e orientar a população desassistida pelos órgãos federais. Entre essas vozes, a Dra. Natália Pasternak exerceu um papel importante no combate ao negacionismo e às chamadas *fake news*, na defesa das medidas de isolamento e das vacinas. Infelizmente, ela é mais conhecida hoje em nosso meio pela sua crítica à psicanálise, que ela tacha de pseudocientífica e coloca ao lado da astrologia. Porém, quero dizer algo que pode surpreender vocês: creio que essa crítica não constitui a verdadeira ameaça à Psicanálise. Atenção: não se trata de minimizar, nem de dizer que ela não deve ser respondida. É importante dar uma resposta contundente, o que, aliás, tem sido feito muito bem.

Mas o que eu quero salientar é que tal tipo de crítica não é uma novidade. A psicanálise é criticada há mais de um século, desde a sua fundação. Isso não impediu seus avanços teóricos e clínicos que lhe valeram o reconhecimento social. Ainda que algumas pessoas possam ser influenciadas negativamente, continuo achando que esse ataque não constitui uma ameaça. Mas, então, qual seria a verdadeira ameaça à psicanálise?

No período inicial do seu ensino, Lacan dedicou grande parte das aulas dos seus Seminários e dos seus artigos e conferências, que foram compilados em 1966 nos *Escritos*, a criticar a situação da psicanálise na sua época, sobretudo a corrente da psicanálise de língua inglesa, que ficou conhecida como “psicanálise do ego”, embora a sua denominação no original seja “*ego psychology*”. Lacan faz uma crítica precisa, rigorosa, apontando a distorção operada por essa corrente em relação à teoria freudiana e, na clínica, a tendência psicoterápica adaptativa, a ênfase no fortalecimento do *eu*, etc. Cito um trecho do artigo “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. Trata-se de um texto do

início dos anos 50, republicado nos *Escritos*, em que ocupa quase uma centena de páginas, e que contém um excelente resumo das teses defendidas por Lacan na época, teses fundamentais para a constituição do seu ensino. Ao falar sobre a situação da psicanálise nos EUA, diz Lacan (1998/1953, p. 246-247):

De qualquer modo, evidencia-se de maneira incontestável que a concepção da psicanálise pendeu ali para a adaptação do indivíduo ao meio social, para a busca dos *patterns* de conduta e para toda a noção de objetivação implicada na noção de *human relations*, e é realmente uma posição de exclusão privilegiada com respeito ao objeto humano que se indica na expressão, nascida lá mesmo, de *human engineering*.

Portanto, é à distância necessária para manter tal posição que podemos atribuir o eclipse, na psicanálise, dos termos mais vívidos de sua experiência – o inconsciente, a sexualidade –, dos quais parece que a própria menção logo deverá apagar-se.

Chama-se a atenção para o rigor e a contundência da crítica de Lacan. Segundo Elisabeth Roudinesco, foram essas críticas de Lacan aos seus colegas da IPA a verdadeira causa da sua exclusão do quadro de responsáveis pelo ensino e pela formação de candidatos a analistas, que Lacan denominou, no *Seminário XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2008/1964), a sua excomunhão. Parece indubitável que, para Lacan, essa corrente constituía a verdadeira ameaça à psicanálise naquela época.

## II – A ameaça à psicanálise

A verdadeira ameaça à psicanálise, portanto, nunca veio de fora, de setores da medicina e da psicologia que se opõem aos seus princípios, mas de correntes do próprio movimento

psicanalítico, que distorcem tais princípios – ou, como expressa Lacan (1998/1953), os “termos mais vívidos de sua experiência”. Mas, se na época de Lacan essa ameaça era representada pela “psicanálise do ego”, na época atual, qual setor representaria tal ameaça? Assistimos com frequência a declarações de psicanalistas, dos quais muitos se posicionam como orientados pelo ensino de Lacan, que afirmam que a teoria e a clínica psicanalíticas devem ser modificadas para, segundo eles, poder dar conta das “novas subjetividades”. Ora, o que são “novas subjetividades”?

Gostaria de frisar, antes de tudo, que “subjetividade” não é um conceito da teoria psicanalítica, pelo menos não da forma que esta é concebida no ensino de Jacques Lacan. Ainda que Lacan empregue o termo esporadicamente no início do seu ensino, e veremos exemplo disso, ele não faz desse termo um conceito, e termina por abandoná-lo. *Subjetividade* é uma *noção* que pode ser preenchida pelos mais variados significados. Ela lembra um objeto que aparece em uma obra de ficção, a saga de Harry Potter, muito bem elaborada pela escritora J.

K. Rowling, no último volume da saga, Harry, Rony e Hermione vão parar em Londres, fugindo de Voldemort e seus asseclas. Hermione então diz: “Precisamos de roupas”, e põe a mão numa diminuta sacola que ela porta. O braço entra até o ombro na sacola, que permanece do mesmo tamanho, e dela Hermione retira calças, casacos, camisas. Em dado momento, escuta-se um barulho, e ela diz “Opa, são meus livros!”. A sacola mágica de Hermione é um objeto que pode conter um guarda-roupas, uma biblioteca inteira, quem sabe todos os móveis de uma casa. Assim é a subjetividade.

Ainda sobre esse termo, “subjetividade” ganhou destaque, nos últimos tempos, uma frase de Lacan, muito citada. Essa frase se encontra no texto “Função e campo...” (1998/1953), mencionado

há pouco. Ela está na página 322: “Que antes renuncie a isso [à práxis psicanalítica], portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época.”

Da forma como é citada, essa frase é tomada isolada do seu contexto, o que já é indicativo de um certo tipo de leitura. Essa leitura, muito comum em nossos dias, consiste em pinçar uma frase sem situá-la no contexto do artigo, conferência ou aula em que ela aparece, sem esclarecer o que o autor dizia antes e depois de tal frase, sobre o que o autor estava falando e quais as teses que ele defendia. A frase, citada de forma isolada, é lida como um aforismo, como se pudesse conter toda uma teoria, mais uma vez, como a sacola mágica de Hermione.

No seu livro *O em-corpo do sujeito*, Colette Soler (2019, p. 238) comenta essa frase:

Talvez pudéssemos, grosso modo, construir retrospectivamente os índices da subjetividade da época dos séculos XVIII, XIX. Quanto à subjetividade de hoje, haveria somente uma subjetividade? Uma ou várias? O que a caracterizaria? Não é evidente a resposta e, no entanto, ela é indispensável.

Esta é uma ponderação importante que expõe a complexidade da questão. Mas o que eu gostaria de comentar é o sentido comumente atribuído à frase de Lacan. Da forma como ela é citada, por alguns psicanalistas, essa frase seria uma exortação de Lacan aos psicanalistas para que acompanhem a subjetividade da sua época. Porém o que ele diz, no estilo literário rebuscado característico dos seus textos desse período, é “alcançar em seu horizonte”. Ora, o sentido dessa expressão não me parece ser o de “acompanhar”, verbo que tem o sentido de ir na mesma direção, seguir, comboiar, ir atrás – seja de uma pessoa, de um líder, seja de um ideal – e também de seguir a moda, replicar, imitar. Ora, me parece que “alcançar em seu horizonte” tem

antes o sentido de localizar, mapear, estabelecer as coordenadas, de modo a ter noção do terreno em que se está, como um GPS.

O recorte dessa frase, que, como disse, ignora propositalmente o contexto do que Lacan elaborava então, deixa de lado outros comentários do próprio Lacan nesse mesmo texto. Como, p. ex. este, localizado um pouco antes: “O sujeito vai muito além do que o indivíduo experimenta ‘subjetivamente’” (Lacan, 1998/1953, p. 266). Observem que Lacan procura distinguir o “sujeito do inconsciente”, um conceito elaborado por ele, da noção de indivíduo. A subjetividade, nesse sentido, apesar da sua semelhança significativa, não é uma noção relativa ao sujeito, mas ao indivíduo. A subjetividade da época, portanto, diria respeito aos costumes, aos afetos, às crenças, aos ideais, etc., que os indivíduos experimentam e compartilham. Parece muito estranho pensar que Lacan recomendaria aos psicanalistas seguir os ideais e costumes de sua época, de forma servil, subserviente, como o rabo segue o cachorro.

A respeito disso, cita-se um trecho de uma entrevista concedida por Lacan ao *L'Express*, em 31/5/57:

Costuma se dizer que a psicanálise tem como objetivo adaptar o sujeito, não ao meio exterior, digamos à sua vida, ou às suas verdadeiras necessidades; isso significa explicitamente que a sanção de uma análise seria que nos tornamos pai perfeito, esposo modelo, cidadão ideal, enfim, que somos alguém que não discute mais nada. O que é absolutamente falso, tão falso quanto o primeiro preconceito que via na psicanálise um meio de se liberar de toda sujeição (Tradução própria).

Portanto, Lacan não considera a psicanálise uma prática que teria como objetivo se pautar pelos ideais e normas da época em que o analista se situa, seja para promover uma adaptação a tais ideais, seja para se posicionar contra eles. A grande ironia é que

podemos dizer que a subjetividade da época em que Lacan profere a sua crítica correspondia ao *american way of life* e à ideologia da *happiness*, como ele se expressa, em inglês. Assim sendo, naquele momento, a “psicanálise do ego” era, justamente, a corrente que acompanhava a subjetividade da sua época. E é contra esse movimento que visava acompanhar a subjetividade da época que Lacan se insurge.

### III – As “novas subjetividades”

Mas, afinal, quais seriam as “novas subjetividades” que constituem, para certos autores, a justificativa para mudar a própria teoria psicanalítica? Com essa expressão, esses autores se referem a grupos que fazem parte do que hoje se denominam movimentos identitários. Esses movimentos reivindicam uma origem nas lutas das minorias, como eram denominadas nos anos 60. Porém, ao contrário daqueles movimentos, que lutavam contra a discriminação e a exclusão, reivindicando o reconhecimento dos seus direitos civis, a correção de injustiças históricas e a sua inserção na *pólis*, os movimentos identitários recusam o universalismo e não buscam uma inserção na sociedade, mas a afirmação da sua identidade como uma pura diferença. Para Pascale Bélot-Fourcade, na sua conferência “Você disse ‘binário?’”, publicada na coletânea *A Querela do Gênero*, organizada por Paul Kardous (2023), eles constituem “comunidades de gozo”, isoladas.

Elisabeth Roudinesco, no seu livro *O Eu Soberano: Ensaio sobre as derivas identitárias* no qual apresenta uma pesquisa detalhada sobre esses movimentos na França e reflete sobre a exacerbação da hostilidade de todos contra todos, a apologia da censura, a cultura do cancelamento e sobre as consequências da

recusa do universalismo, afirma que, apesar de sua inspiração em causas justas, eles

[...] renegaram as Luzes e o progresso [...] encerram-se, em nome de uma pós-modernidade que envelheceu mal, na crítica radical de tudo aquilo que herdaram. E o pior é que rejeitaram a filosofia das Luzes sob o pretexto de que os partidários da colonização nela se inspiraram para garantir sua dominação sobre os povos de cor. Será que esqueceram que os anticolonialistas oriundos do mundo colonizado voltaram os princípios de 1789 contra seus opressores? (Roudinesco, 2022, p. 217-218).

Aqui no Brasil, o ensaísta Francisco Bosco, em *O Diálogo Possível* (2022, p. 327) discute as consequências da rejeição da perspectiva universalista. “A perspectiva identitária [...] impede a construção de um solo comum, uma base universalista capaz de unir e galvanizar as pessoas em torno de um ideal, por sua vez traduzido em votos e poder institucional”.

Esse é o substrato político, por assim dizer, das críticas à psicanálise que preconizam uma reformulação dos seus princípios fundamentais. As proposições teóricas que daí se extraem não seguem uma linha única, mas são variadas e não temem a contradição. Um tema recorrente em falas e textos é a denúncia contra um Outro que impõe normas e princípios. Esse Outro tem vários nomes, os mais comuns sendo: “a cultura”, “a sociedade”, “os estereótipos” ... Ele é denunciado por tentar limitar e tolher aquilo que é espontâneo, livre, natural, sem marcas da História, dos costumes.

Poderíamos pensar que estamos ante uma reedição da antiga oposição Natureza X Cultura. A novidade é que “natureza” não designa mais um estado adâmico, instintivo, anterior ao humano. Aqui ela é o íntimo, o que brota do *eu*: seus anseios, sua vontade. O que se opõe à cultura não é mais o natural, o instintivo, e sim

o “subjetivo”. O que se reivindica, nesse caso, é o direito de cada um a afirmar sua vontade, sua “subjetividade”, contra a cultura, concebida como uma exterioridade persecutória. Observem que a ideia central aqui é a de um *eu* autônomo, que põe em cena, mais uma vez, a noção de subjetividade.

Insisto em frisar a importância de combater todas as formas de preconceito, seja de raça, religião, sexo ou sexualidade. Porém não faz sentido, desde uma perspectiva orientada pela psicanálise, pensar um sujeito que se constituiria fora da cultura, uma vez que esta é organizada pelo Simbólico, e neste já estamos desde antes de nascermos.

Outra vertente afirma que devemos falar em “masculinidades” e “feminilidades”, no plural, uma vez que cada um ou cada uma possui a sua forma de masculinidade ou feminilidade. Uma psicanalista lacaniana afirmava recentemente que determinado aspecto da vida da mulher – ela não se referia à feminilidade – deveria ser mencionado dessa forma, no plural, sob o mesmo argumento de que cada mulher vivencia esse aspecto de uma forma diferente.

Na mesma linha, é comum encontrarmos o seguinte questionamento: não haveria como falar em “homem” ou “mulher”, não seria possível dar a esses termos uma definição precisa, uma vez que os papéis socialmente atribuídos aos homens e às mulheres variam segundo diferenças históricas e culturais. O papel socialmente atribuído às mulheres no Brasil não é o mesmo daquele existente no Irã, por exemplo, assim como o papel das mulheres na sociedade brasileira contemporânea não é o mesmo que existia na sociedade brasileira do início do século XX.

Ao colocar em primeiro plano a variabilidade cultural e histórica dos papéis atribuídos a homens e mulheres, o que esse argumento pretende é “provar” a impossibilidade de sustentar esses

termos, de encontrar qualquer universalidade na repartição dos seres sexuados. Ora, imagino a seguinte situação: vocês, meus caros colegas da APC, passam o ano estudando esse importante seminário de Lacan, o *Seminário 10, a Angústia* (2005/1962-63). Paralelamente, conduzem o estudo de outro seminário, o *Seminário 23, o Sinthoma* (2007/1975-76). Imagino se, na reunião para definir o tema do Colóquio do ano, alguém dissesse: “Colegas, precisamos definir se o tema do nosso Colóquio será *As Angústias* ou *Os Sinthomas*”.

Por que essa situação não ocorreria? Porque se sabe perfeitamente que o conceito mantém a sua unidade, independentemente da diversidade da experiência individual. Ainda que a *angústia* seja vivenciada de forma diferente por cada um, e ainda que o *sinthoma*, tal como é definido por Lacan, seja a forma como um sujeito mantém enodadas as dimensões do Real, do Simbólico e do Imaginário, algo que é exclusivo desse sujeito, que não é idêntico a outro, isso não inviabiliza a unidade conceitual de *angústia* e de *sinthoma*. De forma análoga, *masculinidade* e *feminilidade*, que não são conceitos, mas noções – embora, para nós noções tomadas numa perspectiva teórica psicanalítica –, possuem uma unidade teórica, independentemente da experiência individual. Lembra-se a frase de Lacan no artigo “Função e campo...”: “O sujeito vai muito além do que o indivíduo experimenta ‘subjetivamente’”. Ou seja, ao frisar o comportamento, a vivência, os traços de conduta, se desloca o foco do sujeito para o indivíduo, com sua subjetividade. Muda-se de registro, do Simbólico para o Imaginário. Finalmente, essa abordagem enfatiza a *sexualidade* em suas diferentes formas e sua aceitação ou rejeição nas diferentes culturas, deixando de lado ou ignorando intencionalmente a *sexuação*, em sua dimensão estrutural.

## IV - A negação da diferença sexual

Até aqui, discutimos argumentos que não negam a diferença sexual – pelo menos não diretamente. Porém, é bom ressaltar que, ao se referir a “masculinidades” e “feminilidades”, no plural, o que se faz é diluir, na prática, essa diferença em uma multiplicidade de *comportamentos*. A negação explícita da diferença sexual surgiu inicialmente em proposições de autores que se opunham à teoria psicanalítica, tanto de Freud quanto de Lacan. Tais críticas rejeitavam as teses de Freud e Lacan praticamente na íntegra, identificando-as a uma posição ideológica reacionária e patriarcal. A aceitação desse tipo de crítica sempre foi muito restrita a um certo setor do meio acadêmico identificado à teoria *queer*, fundamentada sobretudo nos textos de Judith Butler. No meio analítico, tal crítica nunca alcançou uma grande aceitação, até por motivos óbvios, porque ela negava radicalmente a psicanálise.

Recentemente, surgiu uma nova postura: trata-se, nessa versão, de amenizar as divergências entre Butler e Lacan, no intuito de apresentar as teorias de ambos os autores não como antagônicas, mas como complementares ou congruentes. Uma das versões apresentadas afirma que o erro de Butler na sua crítica a Lacan estaria em não haver percebido que este, no final do seu ensino, modifica suas concepções, produzindo formulações que, na verdade, corroborariam as teses butlerianas. Segundo essa leitura, o “último Lacan” seria uma espécie de butleriano *avant la lettre*, que anteciparia a teoria do gênero. Trata-se de uma tática mais ardilosa e mais eficaz do que atacar frontalmente a psicanálise: em vez disso, busca-se modificar os conceitos da sua teoria, atribuindo a estes, por intermédio de uma série de malabarismos teóricos, de truques de prestidigitação intelectual,

a confirmação das teses da teoria do gênero de Butler. Esse é um projeto em curso, que visa preferencialmente a teoria da sexualização de Lacan, objeto de “leituras” que transformam as suas teses no seu oposto. A ideia mais difundida afirma que Lacan, no final do seu ensino, abandona a diferença sexual simbólica a favor de uma “diferença sexual real”. Ora, o que seria isso?

A noção de “diferença sexual real”, da forma como é citada por esses autores, é expressa pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek. Esse autor, muito citado na academia e por alguns psicanalistas, é conhecido pelo seu estilo prolixo na escrita e verborrágico na fala. Fazendo uso de significantes lacanianos, esse autor pretende explicar a diferença sexual de acordo com o ensino de Lacan. Segundo ele, em *O sujeito incômodo* (2016, p. 292):

[...] para Lacan, a diferença sexual é real no sentido de que não pode jamais ser devidamente simbolizada, transposta/traduzida na norma simbólica que estabelece a identidade sexual do sujeito. [...] a afirmação de que a diferença sexual é ‘real’ equivale à afirmação de que ela é ‘impossível’ – impossível de simbolizar.

Este me parece o melhor exemplo de como é possível empregar os conceitos de Lacan para distorcer completamente suas teses. Ora, o que é impossível, para Lacan, é escrever a relação [*rapport*] entre os sexos. Falta um significante que permita escrever o *rapport*, a razão, a *ratio*, entre os sexos. A tese de Lacan pressupõe, por óbvio, a diferença sexual – dois sexos, dois modos de gozo. Daí a sua afirmação, no *Seminário 19, ...ou pior*: “Que o sexo é real, não há a menor dúvida. E sua própria estrutura é o dual, o número *dois*. O que quer que pensemos, existem apenas dois, os homens e as mulheres” (Lacan, 2012, p. 149).

A ideia explicitada por Žižek de que, a diferença sexual não poderia ser “devidamente simbolizada” é ainda mais estapafúrdia

quando aprendemos, a partir de Lacan (2012), que um dos pontos que distinguem o *falasser*, nesse aspecto, dos animais, é o fato de que, em consequência da sua inscrição na linguagem, ele não pode contar com o instinto para se guiar na sexualidade, na sua vida sexual. Isso porque o sexo, para o *falasser*, só pode ser vivido, experimentado, enquanto inscrito na linguagem.

Por isso, em seu *Seminário 19, ...ou pior*, Lacan (2012, p. 93) diz, em tom de brincadeira: “Será que o ser falante é falante por causa de alguma coisa que sucede com a sexualidade, ou será que essa alguma coisa sucede com a sexualidade porque ele é falante?” Ou seja, a diferença sexual, para os seres da linguagem, é essencialmente uma *diferença simbólica* – ainda que possua uma dimensão real e imaginária – e Lacan dedicou décadas à teorização dessa diferença simbólica: inicialmente, relendo o Édipo freudiano e definindo o falo como um *significante privilegiado*; modulando a relação ao falo com os verbos *ter* e *ser*; finalmente, no início dos anos 70, com *O Aturdido* (2003) e no *Seminário 20, Mais, ainda* (2008), definindo as posições de gozo como formas de se situar ante a função fálica.

É importante ressaltar ainda que o comentário de Zizek, confundindo a impossibilidade da relação [*rapport*] sexual com a impossibilidade da diferença sexual abre a via para esses autores negarem a diferença sexual. O que começa pela própria negação, ou diminuição da importância da *diferença sexual anatômica*. Por incrível que pareça, esta é a posição de certos autores, psicanalistas, que subestimam a importância da diferença sexual anatômica, alegando que o fato de ter um pênis ou uma vagina é uma diferença corporal “como outra qualquer” (sic) – assim como há pessoas altas ou baixas, gordas ou magras, etc.

A respeito desse “argumento” – que já seria absurdo, mas que, além disso, é surpreendente porque vindo de psicanalistas

–, trago um comentário de Colette Soler no seu livro *O que Lacan dizia das mulheres* (2005, p. 224-225):

Nós os dizemos diferentes, e o fazemos a partir da pequena diferença anatômica. Mas, quando os dizemos diferentes, não apontamos apenas uma diferença na forma do corpo, implicamos que eles são diferentes como sujeitos. Logo, é por já ser um significante que o falo os diferencia. Para apreender isso, basta fazermos uma comparação com outras diferenças anatômicas: por exemplo, ter olhos azuis ou pretos. Dessa diferença do ter não se conclui por uma diferença do ser.

O que Soler elucida, de forma sucinta e precisa, é que, dentre as mais diversas diferenças anatômicas que possam existir, a diferença sexual é a única à qual se atribui universalmente um *ser*. Não há registro de nenhuma sociedade que divida seus membros conforme a altura, massa corporal ou outro traço anatômico não relativo aos órgãos genitais, atribuindo-lhes diferentes traços de caráter, posturas ante o mundo, características que os distinguiriam enquanto seres. Há, evidentemente, traços corporais mais valorizados ou desvalorizados em diferentes sociedades. Mas não se dividem os seres humanos em gordos ou magros, por exemplo.

Já no que diz respeito à diferença sexual anatômica, entre todas as sociedades do planeta existentes na atualidade ou extintas, em todos os continentes, não se conhece um único caso de uma sociedade que ignore ou subestime a diferença sexual anatômica, considerando-a como uma simples diferença corporal, da mesma ordem, da mesma importância que as diferenças na altura ou massa corporal. É algo surpreendente, para não dizer chocante, encontrar essa argumentação vinda de psicanalistas.

#### IV – O *a priori*

O reconhecimento da diferença sexual anatômica constitui, portanto, um universal, bem como a sua inscrição no Simbólico. Soler vai chamar essa inscrição, a partir do artigo “O Aturdido”, de Lacan, de um *a priori*. Acerca desse *a priori*, diz ela em *Une clinique d’exception* (2022, p. 57):

Podemos sublinhar que ele já está lá antes da entrada da criança na linguagem, ele está lá pelo dizer dos pais que fazem, assim, um primeiro nome da identidade sexual – que deve ser distinguida da identidade social – a presença/ausência do pênis se formulando em ‘é um menino/é uma menina’. (Tradução própria).

Vamos definir os pontos: o *a priori* se dá em um momento em que ainda não há um *sujeito falante*, mas um *sujeito falado*. Esse sujeito está inscrito na linguagem, desde antes do nascimento do corpo, até mesmo antes da sua concepção, no sentido em que ele está presente nas falas e nas fantasias do casal parental – fantasias tanto no sentido de devaneios conscientes quanto de fantasias inconscientes. Lacan, em seu texto “Posição do Inconsciente”, diz que nesse momento ele é um “polo de atributos” (1998, p. 659). O que vem ao mundo, portanto, ainda não é *o sujeito que tem um corpo*, conforme Lacan se refere no *Seminário 23, O Sinthoma* (2007/1975-76), mas um sujeito falado e um *corpo real*, no sentido da sua materialidade orgânica. Cita-se Soler em seu livro *O em-corpo do sujeito* (2019, p. 181-182):

[...] no nível da reprodução, um nascimento não é a emergência de um sujeito. É, primeiramente, um organismo que engendra outro. A condição de reprodução da vida – que não depende em nada do simbólico e, nesse sentido, se pode dizê-la real [...] –, precede o engendramento do corpo pela linguagem.

Compreendemos, então, por que nesse momento não há possibilidade de escolha. Por isso, em *Homens, Mulheres*, diz Soler (2020, p. 41):

*A priori* implica, eu creio, duas coisas: o *a priori* precede e condiciona a experiência; o *a priori* é antes de toda opção subjetiva e independente dos arranjos do discurso de cada época, portanto, trans-histórico. Herança anterior ao sujeito e trans-histórica, então e sempre.

Por ser anterior ao sujeito, o qual só existe aí enquanto falado, o *a priori* é, por óbvio, anterior a qualquer possibilidade de escolha do sujeito, em qualquer sentido do termo *escolha*. Daí a crítica, bastante difundida na atualidade, da nomeação *menino/menina*, considerando-a uma imposição feita a um bebê que não pode escolher. Devemos admitir que sim, trata-se de uma imposição. Da mesma forma que é uma imposição o fato de que, para que esse *infans* possa ascender à posição de falante, é condição necessária que os significantes do Outro lhe sejam impostos. Não existe a possibilidade de ele se tornar falante criando seus próprios significantes. Não é possível criar uma língua privada, um idioleto. Nas palavras de Roman Jakobson em *Linguística e comunicação* (1980, p. 47-48): “A propriedade privada, no domínio da linguagem, não existe: tudo é socializado.” Mas, uma vez tendo assumido os significantes do Outro, o sujeito se torna capaz de um uso da língua imensamente variado: ele pode empregá-la tanto para escrever obras-primas, que enriquecem o idioma, como fizeram Machado de Assis e Guimarães Rosa, quanto para postar textos toscos nas redes sociais.

Portanto, assim como o *falasser* só pode fazer jus a essa designação por intermédio dos significantes do Grande Outro, da mesma forma, para ascender à posição de *ser sexuado*, necessita passar inicialmente por essa nomeação, mesmo que mais tarde

a recuse. Alguns casais, contudo, acreditam que podem driblar a determinação do Outro da cultura criando sua prole sem lhe atribuir nenhuma característica que identifique o sexo (nome, pronome, vestuário, etc.). A ideia geral, para os defensores dessa prática, é evitar o que eles chamam, conforme a terminologia em voga, da atribuição de um gênero, para permitir que seus filhos façam essa escolha no futuro.

Observem que há dois equívocos gigantescos nessa prática: o primeiro deles é a suposição de que um indivíduo – prefiro usar esse termo, neste caso – possa “escolher” a sua posição de ser sexuado, por um ato de vontade, consciente, desde que se dê a ele tempo para adquirir capacidade cognitiva para fazer tal “escolha”. Para nós, psicanalistas, chama a atenção de imediato a exclusão do sujeito do inconsciente.

Porém, há outro equívoco embutido nesse primeiro: a ideia de que a nomeação “menino” ou “menina” é um ato de vontade desses pequenos outros, do casal parental, e não do Grande Outro aqui representado pela cultura, que não tem forma nem vontade. Assim sendo, esse casal acredita que eles têm o poder de escolher nomear ou não. Ao fazê-lo, eles confundem as suas falas com a linguagem. Lembrem o título do artigo de Lacan citado várias vezes aqui: “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. A fala é *função*, a linguagem é *campo*. Ao excluir os pronomes, etc., da sua *fala*, esse casal acredita estar excluindo os lugares masculino e feminino da *linguagem*. O que exclui, ou se tenta excluir – porque, para sorte dessas crianças, elas continuam inscritas na linguagem – é o próprio Simbólico enquanto dimensão que não dá margem para uma escolha egoica, do indivíduo.

A redução da linguagem à função da fala não é um mero detalhe, mas um ponto fundamental nessa prática. Essa concepção da linguagem entendida como uma função comunicacional,

um veículo de comunicação de conteúdos, da “heteronormatividade”, é essencial para sustentar a noção de um *eu* autônomo que escolhe o seu gênero. Não é à toa que Judith Butler ataca frontalmente o conceito de Simbólico em Lacan, uma vez que a sua noção de performatividade exclui uma submissão às leis da linguagem.

Para Butler, não haveria Simbólico, uma vez que o gênero, segundo a sua definição em *Problemas de gênero* (2015, p. 242) é

[...] uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero (Grifos da autora).

Dessa forma, o gênero é uma pura performatividade, uma encenação, que diz respeito a condutas, comportamentos. Por isso, Pascale Bélot-Fourcade, no seu texto antes citado (2023, p. 27), afirma:

O gênero aparece assim como uma extensão imaginária desatrelada do simbólico. Em todas essas teorias e derivas identitárias, podemos ler o nivelamento da questão da identidade: esquecemos, com efeito, que o sujeito não é uma identidade, mas uma questão sobre a identidade, que implica a significância, ou seja, uma relação com a linguagem.

Apesar disso, há autores que acreditam que a psicanálise se beneficiaria muito se incorporasse as noções de gênero e performatividade. E acusam aqueles que discordam dessa incorporação de incompreensão do processo de constituição da teoria, por não verem que o procedimento de Lacan sempre foi incluir conceitos de outras teorias na teoria psicanalítica. Começa-se o

comentário pelo final do argumento, afirmando radicalmente: *Lacan jamais incluiu conceitos de outras teorias*. Pode parecer estranho, mas, tome-se um exemplo muito conhecido: o conceito de *significante*. Lacan foi buscá-lo no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure (2012). Porém, ao se apropriar desse conceito, ele não conserva a sua definição original, saussuriana. Lacan o distorce, o deforma, a ponto de torná-lo irreconhecível para os linguistas, os quais, como ele comenta no *Seminário 18, De um discurso que não fosse semblante* (2009/1971) o acusam de distorcer conceitos da sua disciplina. De fato, devemos admitir que, para um linguista, a frase, convertida em aforismo, “O significante representa o sujeito para outro significante”, só pode soar como algo sem sentido.

Lacan, portanto, não utiliza “conceitos de outras teorias”, mas emprega os *seus* conceitos, apropriando-se de conceitos, seja da teoria freudiana, seja de outras teorias, como a linguística, que ele distorce para transformar em conceitos seus. No caso das noções de gênero e performatividade, o que certos autores propõem é um procedimento inverso: manter as noções intactas, tal como se apresentam na teoria de Butler. Nesse caso, mantidas as noções sem modificação, seria *a própria teoria psicanalítica* que teria que ser modificada para abrigá-las. Pergunta-se: vocês acreditam que seria um benefício para a psicanálise norteadada pelo ensino de Lacan trocar a sua teoria da sexualidade por uma concepção que exclui a determinação do Simbólico, elimina o conceito de castração? Mas, além disso, nega também o Real em pelo menos três acepções: enquanto real do corpo, seja o corpo na sua materialidade orgânica; enquanto real da inexistência da relação (*rapport*) sexual, uma vez que, ao recusar o binarismo, a questão do *rapport* entre os sexos simplesmente não se coloca nessa teoria; enquanto real da diferenciação das posições de

gozo. Finalmente, apresenta uma concepção imaginária, uma encenação de comportamentos, de condutas, mas sem nenhum *eu* para sustentá-las.

Voltando ao *a priori*, este não é uma imposição da “heteronormatividade”, como se diz, mas a tradução do traço anatômico – pertencente à dimensão do Real – na linguagem, portanto, uma transposição da dimensão do Real à dimensão do Simbólico. Trata-se do reconhecimento, pelo entorno do bebê, de que ali não há apenas um organismo, um conjunto de células, de órgãos, de tecidos, mas *um sujeito com o seu corpo*. Ao nomear o bebê como “menino” ou “menina”, seu entorno o inscreve no Simbólico, aqui representado pela cultura, que divide os seres sexuados dessa forma – os animais não o fazem, pois, fora da linguagem, só se reconhecem como macho e fêmea na idade adulta, nos breves períodos do cio. Assim, o entorno do bebê lhe diz: “Você não é uma coisa, você não é um organismo. Você é um ser humano. Seja bem-vindo ou bem-vinda à espécie humana.”

Para Soler, em *Homens, Mulheres* (2020, p. 45), o *a priori*, nesse sentido, constitui uma *pré-identidade*: “O dizer sexuante a partir de ter o pênis, é um menino, é uma menina, predica sobre o ser do sujeito, digamos, sobre sua identidade, e é uma pré-identidade.” O termo “pré-identidade” diz respeito, creio, ao fato de que ali se trata do sujeito falado. Ele ainda não tem condições de assumir uma identidade, seja qual for.

Essa pré-identidade define uma escolha de gozo, um posicionamento do lado *todo-fálico* ou *não-todo fálico*? Certamente, não. Esse posicionamento em relação aos gozos necessita de um tempo, tanto lógico quanto cronológico.

Recapitulando: primeiramente, há um sujeito falado, presente nas falas do casal parental como um “polo de atributos” (Lacan, 1998, p. 659). Em seguida, há o nascimento de um corpo real, que

ainda não é o corpo de um sujeito falante, mas um vivente. Em uma das primeiras operações de tomada desse corpo pela linguagem, o traço anatômico é significantizado, inscrito no Simbólico. Somente mais tarde, haverá uma escolha de gozo. Porém, problematizando, essa escolha de gozo não implica uma escolha de objeto sexual – seja heterossexual, homossexual ou bissexual.

Lembro qual é a operação de Lacan com suas fórmulas da sexuação: o falo é pré- atribuído *a priori*, eu disse, ao portador do órgão, mas isso deixa em questão seu uso posterior, no ato genital, em relação a um outro corpo, dito de outro modo, seu uso na sexualidade (Soler, 2020, p. 142).

Tem-se assim três momentos da inscrição do *falasser* na diferença sexual: o *a priori*, a escolha de gozo e a escolha de objeto sexual. É muito interessante observar que, para Lacan, os três momentos não se determinam – o *a priori* não determina a posição de gozo, muito menos a escolha de objeto. A posição de gozo, por sua vez, não determina a escolha de objeto sexual. Encerra-se lembrando que, para Melman, em *Aimons-nous encore des femmes?* (2023):

[...] essa dimensão da alteridade é, portanto, a condição do desejo, do endereçamento desse desejo e do seu exercício. Poderíamos nesse aspecto ressaltar que mesmo no interior desses casais que buscam realizar a homogeneidade – casais homossexuais – essa dimensão da alteridade, entretanto, não deixa de se revelar entre eles, ou seja, malgrado essa aspiração à semelhança, à similitude, haverá entre eles uma repartição, e que fará com que um ou uma se encontre, em relação ao outro, sustentando essa posição.

Dessa forma, o apagamento da diferença sexual seria, portanto, o apagamento do desejo e do sexo, uma vez que não haveria mais essa “condição do endereçamento do desejo”. Melman

chega a antever, em *La dysphorie de genre* (2022, p. 132-133), um retorno ao estado do cio, que existiu no nosso passado animal.

Nos livrarmos dessa instância [paterna] é nos livrarmos de uma preocupação, de um dever, aquele do sexual. Não esqueçamos que entre os animais somos os únicos – até agora, mas isso está em via de mudança – a termos da sexualidade uma prática obsessiva, obcecada, soberana e essencial, enquanto o exemplo animal é o de breves períodos acontecendo uma ou duas vezes por ano, e o resto do tempo eles ficam plácidos e tranquilos e se ocupam de outra coisa (Tradução própria).

Esse futuro distópico pode parecer um cenário de ficção científica, mas deve-se ficar atento aos sinais que aparecem na clínica como consequência dos discursos sociais que preconizam o apagamento da diferença sexual, sob a chancela de autores do meio psicanalítico.

## Referências

- BÉLOT-FOURCADE, Pascale. “Você disse ‘binário’?” In: KARDOUS, Paul (Org.). **A Querela do gênero**: uma abordagem psicanalítica. Salvador: Ágalma, 2023. p. 17-36.
- BOSCO, Francisco. **O diálogo possível**: por uma reconstrução do debate público brasileiro. São Paulo: Todavía, 2022.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1980. p. 34-62.
- LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise [1953]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.

- LACAN, Jacques. Posição do inconsciente [1966]. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 843-864.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 10: a angústia** [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** [1964]. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante** [1971]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 19,...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 20: mais, ainda** [1972-1973]. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 23: o Sinthoma** [1975-1976]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- LACAN, Jacques. O aturdido [1972]. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 448-497.
- LACAN, Jacques. **Entrevista ao L'Express**, 31/5/1957. Perfil da Association Lacanienne Internationale no Instagram. Acesso em outubro de 2023.
- MELMAN, Charles. **Aimon-nous encore des femmes?** Conferência em 22/3/2007. Disponível em: [www.freud-lacan.com](http://www.freud-lacan.com). Acesso em: 15 nov. 2013.
- MELMAN, Charles. *La dysphorie de genre*. Paris: Érès, 2022.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SOLER, Colette. **O em-corpo do sujeito: Seminário 2001-2002**. Salvador: Ágalma, 2019.
- SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SOLER, Colette. **Homens, Mulheres**. 2 ed. São Paulo: Aller, 2020.

SOLER, Colette. **Une clinique d'exception**. Paris: Éditions *nouvelles* du Champ Lacanien, 2022.

ZIZEK, Slavoj. **O sujeito incômodo**: o centro ausente da ontologia. São Paulo: Boitempo, 2016.

# REVISTAS DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA

## VOLUMES JÁ PUBLICADOS

### **Nº 01 – VIOLÊNCIA**

*Alfredo Jerusalinsky, Leda Fischer Bernardino, Maria Cristina Kupfer, Rodolpho Ruffino, Rosa Marini Mariotto, Rosane Weber Licht, Rute Stein Carvalho, Ricardo Goldenberg.*

### **Nº 02 – FAMÍLIA E MODERNIDADE**

*Angela do Rio Teixeira, Caterina Koltai, Danièle Epstein, Leda Fischer Bernardino, Marcus do Rio Teixeira, Patrick de Neuter, Contardo Calligaris, Rute Stein Carvalho, Alfredo Jerusalinsky, Maria Cristina Kupfer, Rosane Weber Licht.*

### **Nº 03 – O HOMEM E A TECNOLOGIA**

*Alfredo Jerusalinsky, Edson André de Sousa, Maria Ida Fontenelle, Martine Lerude, Oscar Cesarotto, Ricardo Goldenberg, Rosa Marini Mariotto, Leda Fischer Bernardino, Rosane Weber Licht, Agostinho Marques Neto, Ivan Corrêa.*

### **Nº 04 – PSICANÁLISE E CLÍNICA DE BEBÊS**

*Alfredo Jerusalinsky, Claude Boukobza, Cláudia Rohenkohl e Daniella Gonçalves, Daniele Wanderley, Domingos Infante, Leda Fischer Bernardino, Marie-Christine Laznik, Nicole Strickman, Patrick De Neuter, Alexa Chaves, Dayse Amorim e Roseane Lima, Jaqueline Sanson, Marina Fernandes, Henry Frignet.*

### **Nº 05 – ENVELHECIMENTO: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

*Alfredo Jerusalinsky, Delia Catullo Goldfarb, Flávia M. de Paula Soares, Leda Fischer Bernardino, Marie-Christine Laznik, Dayse Stoklos Malucelli, Flávia Boni Licht e Adriana de Almeida Prado, Luciana Amaral, Bernadete Hoefel, Rosane Weber Licht.*

#### **Nº 06 – PSICANALISAR HOJE**

*Charles Melman, Enrique Milan, Geselda Baratto, Jean-Jacques Rassial, Leda Fischer Bernardino, Rosa Marini Mariotto, Serge Lesourd, Lucia Marly Verdum de Almeida, Rosane Weber Licht, Denise Pliskieviski Bueno e Juratirz Salete Ribas, Leandro Alves Rodrigues dos Santos.*

#### **Nº 07 – O AMOR NOS TEMPOS DA ANÁLISE**

*Alfredo Jerusalinsky, Andrea Silvana Rossi, Angela Baptista do Rio Teixeira, Eliane Michelini Marraccini, Isidoro Vegh, Jean-Jacques Rassial, Maria Cecilia Garcez, Marie-Christine Laznik, Sándor Ferenczi, Marcus do Rio Teixeira, Wael de Oliveira, Geselda Baratto e Rosane L. V. de Macedo, Leda Mariza Fischer Bernardino, Rosa Marini Mariotto.*

#### **Nº 08 – O PSICANALISTA E O ATO**

*Alfredo Jerusalinsky, Dayse Stoklos Malucelli, Leda Mariza Fischer Bernardino, Maria Aparecida de Luna Pedrosa, Maria Carolina Serafim, Tânia Mara Galeazzi Stoppa e Maria Cristina Kupfer.*

#### **Nº 09 – O TOQUE ESCURO DO OBJETO**

*Clara Cruglak, Dayse Stoklos Malucelli, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Frédéric Pellion, Karina Codeço Barone, Wael de Oliveira, Rosa Marini Mariotto, Geselda Baratto e Michele Kamers.*

#### **Nº 10 – LENDO E DANDO A LER A PSICOSSOMÁTICA**

*Andrea de Castro Rôa d'Haese, Bernard Moullé, Márcia Yuri Funabashi, Maria Lúcia Maranhão Bezerra, Wael de Oliveira, Alfredo Jerusalinsky, Marie Christine Laznik, Angela Vorcaro, Julio Cesar Viecelli e Leda Mariza Fischer Bernardino.*

#### **Nº 11 – INSCREVER, INTERPRETAR E ESCREVER**

*Cristina Helena Guimarães Sartori, Ilana Katz Zagoury Fragelli, Mauro Mendes Dias, Rosa Marini Mariotto e Rosana Benine, Bernardo Gandulla, Wael de Oliveira, Leandro Alves Rodrigues dos Santos, Maribél de Salles de Melo e Thayane Carolina de Almeida.*

## **Nº 12 – ESCRITOS SOBRE A PSICOSE**

*Alfredo Jerusalinsky, Angela Vorcaro e Viviane Veras, Camila Zoschke, Dayse Stoklos Malucelli, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Mauro Mendes Dias, Marcus do Rio Teixeira, Mayla Di Martino, Sonia Motta e Melania Salete Medeiros.*

## **Nº 13 – PSICANÁLISE E ARTE**

*Edson de Sousa, Elisabeth Bittencourt, Nelson da Silva Jr., Sérgio Telles, Tânia Rivera, Rosângela Nascimento, Mauro Mendes Dias, Wael de Oliveira, Ângela Vorcaro e Viviane Veras e Andréa d'Haese.*

## **Nº 14 – A FEMINILIDADE NAS DIMENSÕES REAL, SIMBÓLICA E IMAGINÁRIA**

*Consuelo Muniz Escudero e Leda Mariza Fischer Bernardino, Denise Maurano, Maria Rita Kehl, Marie Christine Laznik, Ricardo Goldenberg, Vera Tubino, Denise Stoklos, Leticia Paes de Barros e Leda Mariza Fischer Bernardino, Wael de Oliveira, Rosa Marini Mariotto e Marcelo Oliveira.*

## **Nº 15 – O DESEJO E SUA INTERPRETAÇÃO**

*Benjamin Domb, Dayse Stoklos Malucelli, Jean Jacques Rassial, Leda Mariza Fischer Bernardino, Patrícia dos Santos Lage, Ricardo Goldenberg, Valéria Ghisi, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Wael de Oliveira, Rosa Marini Mariotto.*

## **Nº 16 – O DESEJO: EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 10 ANOS DA APC**

*Leda Mariza Fischer Bernardino, Lucia Marly Verdum de Almeida, Maria Aparecida Luna Pedrosa, Tânia Maria Galeazzi Stoppa, Wael de Oliveira, Wagner Rengel, Mauro Mendes Dias, Sandra Tellier Motti, Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso, e Wagner Rengel.*

## **Nº 17 – ADOLESCÊNCIA**

*Adriana Kosdra Rotta, Ana Costa, Geselda Baratto, Jean-Jacques Tyszler, Laís Vilela Paquer e Leda Mariza Fischer Bernardino, Maria Augusta de Mendonça Guimarães e Suely do Rocio Kosiak Poitevin,*

*Wael de Oliveira, Márcia Regina Motta, Marina Siqueira Campos e Renata de Siqueira Vieira, Adriana Tobis Fraga Thomasi, Rosa Marini Mariotto e Wael de Oliveira.*

#### **Nº 18 – A DROGA DEVIDA**

*Alfredo Jerusalinsky, Cyro Marcos da Silva, Eduardo Ely Mendes Ribeiro, Jean-Louis Chassaing, Juliana A. Cunha, Renata Aguiar Carrara de Melo e Fernando Teixeira Grossi, Ricardo Goldenberg, Leda Mariza Fischer Bernardino e Rosa Marini Mariotto.*

#### **Nº 19 – O RELATO DO ATO**

*Dominique Touchon Fingermann, Elisabeth Bittencourt, Mauro Mendes Dias, Alfredo Jerusalinsky, Ricardo Goldenberg, Wael de Oliveira, Sérgio Scotti, Dayse Stoklos Malucelli.*

#### **Nº 20 – PSICANÁLISE: INVESTIGAÇÃO E PESQUISA**

*Alfredo Jerusalinsky, Angela Vorcaro, Christian Ingo Lenz Dunker, Lia de Freitas Navegantes, Luciano Elia, Mayla Di Martino, Wael de Oliveira, Leda Mariza Fischer Bernardino e Rosa Marini Mariotto, Valéria Codato Antonio Silva e Viviana Velasco Martinez, Maria Carolina Schaedler.*

#### **Nº 21 – A LOUCURA**

*Edson Luiz André de Sousa, Ricardo Goldenberg, Helenice Rodrigues, Gabriela Xavier de Araújo, Jane Cherem Côte Bezerra, Cristiane Ganzert e Gisleine Massuda, Wael de Oliveira.*

#### **Nº 22 – AUTISMO**

*Alfredo Jerusalinsky, Angela Vorcaro e Mônia M. Farid Rahme, Claudia Mascarenhas Fernandes, Daniele de Brito Wanderley, Julieta Jerusalinsky, Sonia Motta, Dominique Fingermann, Nelson da Silva Jr., Marie Christine Laznik, Maria Eugênia Pesaro e Ga-briela Xavier de Araújo.*

### **Nº 23 – A CRIANÇA DE CADA DIA**

*Andréia Viana e Angela Vorcaro, Angela Baggio Lorenz, Ana Beatriz Albernaz, Leda Mariza F. Bernardino, Maria Angélica Tosi Ferreira, Renata Bakker da Silveira e Rosa Marini Mariotto, Clarice W. Zotti, Denise P. Bueno, Rejinaldo J. Chiaradia e Wagner Rengel, Inês Catão, Yara Faria do Amaral, Wael de Oliveira, Leandro Alves R. dos Santos, Madalena B. de Lima.*

### **Nº 24 – ABUSOS NA INFÂNCIA**

*Adriana Kosdra Rotta, Alexandre Morais da Rosa, Alfredo Jerusalinsky, Elisabeth Bitten-court, Giselle de Souza. Santos, Lia de Freitas Navegantes, Lúcia Alves Mees, Rosa M. M. Mariotto e Maria Luiza K. de Bueno Gizzi, Wagner Rengel, Jane Cherem C. Bezerra da Silva, Débora P. Nemer Pinheiro.*

### **Nº 25 – A DIREÇÃO DA CLÍNICA**

*Christian Ingo Lenz Dunker, Leandro Alves Rodrigues dos Santos, Leomara de Araújo Bürgel, Maria Cristina Machado Kupfer, Cyro Marcos da Silva, Rafaela Carine Jaquetti e Rosa Marini Mariotto, Carolina Schulman e Débora Patrícia Nemer Pinheiro, Leandro Alves Rodrigues dos Santos.*

### **Nº 26 – TECENDO REDES: PSICANÁLISE E POLÍTICAS PÚBLICAS**

*César de Goes, Cleuse M. Brandão Barleta, José Waldemar Thiesen Turna e Suzana Siniscalco de Oliveira Costa, Laura D'Agostino Rudich, Luciano Elia, Michele Kamers, Neuze Barbarini, Wael de Oliveira, Wagner Rengel, Leda Mariza Fischer Bernardino, Márcia Takahata Wakamatsu e Rosa Marini Mariotto, Alfredo Jerusalinsky, Stelio de Carvalho Neto, Wael de Oliveira, Cristina Keiko Inafuku de Merletti, Dayse Stoklos Malucelli.*

### **Nº 27 – PSICANÁLISE E LITERATURA**

*Marília Z. Frantz e Edson Luiz A. de Sousa, Lucia Serrano Pereira, Luciana Salum, Rosângela N. Vernizi, Cláudia Serathiuk, Tames B. Moterani, Wael de Oliveira, Andréa Batista Ribeiro e Jane Cherem C. Bezerra da Silva.*

### **Nº 28 – A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA**

*Alba Flesler, Ana Maria Medeiros da Costa, Alfredo Jerusalinsky, Carmen Lucia Monte-chi Valladares de Oliveira, Christian Hoffmann, Cristina Hoyer, Daniela Teperman, Isabel Marazina, Julieta Jerusalinsky, Clarice Wichinescki Zotti, Marilu Catio Dalsasso, Rosa Maria Marini Mariotto, Melania Salete Medeiros, Lígia Regina Klein, Caroline Peixoto Mendonça Silva, Dayse Stoklos Malucelli.*

### **Nº 29 – CORPOS**

*Ana Costa, Angelita W. da Silva, Heloísa H. Aragão e Ramirez, Jöelle Gordon, Tatiana C. Assadi, Michele Kamers, Dominique Fingermann, Camila Z. Freire, Rosângela N. Vernizi e Maria Fernanda L. Beduschi.*

### **Nº 30 – PASSES E IMPASSES NA FORMAÇÃO ANALÍTICA**

*Ana Costa, Dominique Fingermann, Lucia S. Pereira, Marta Pedó, Ricardo Goldenberg, Maria Augusta M. Ferraro, Maria Fernanda L. Beduschi, Luciana Sallum, Cintia R. Longhini, Wael de Oliveira, Taia F. de Albuquerque, Rosa M. M. Mariotto, Vinicius Armiliato.*

### **Nº 31 – FORMAS, IMPASSES E PASSAGENS**

*Andrea Rossi, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Jorge Sesarino, Luciana K. P. Salum, Mauro Mendes Dias, Priscila Frehse Pereira Robert, Radmila Zygouris, Rosa Maria Marini Mariotto, Susiane Canuto da Rocha, Vanessa Galvão Amaral, Venicius Scott Schneider.*

### **Nº 32 – PSICANÁLISE E SUAS INTERFACES**

*Adriana Kosdra, Alfredo Jerusalinsky, Ana Costa, Cintia Ribelato Longhini, Edjane Menezes dos Santos, Enéas de Souza, Flávia Maria de Paula Soares, Juratriz Salete Ribas, Leda Mariza Fischer Bernardino, Leda Mariza Fischer Bernardino, Luciano Elia, Maria Cristina Machado Kupfer, Maria Eugenia Pesaro, Mariana Aparecida Xavier Arruda, Rosa Maria Marini Mariotto, Wael de Oliveira.*

**Nº 33 – DO ENCONTRO COM O REAL AO ENCONTRO DO REAL: TRAUMA E DESEJO**

*Adriana Kosdra, Adriana Luiza Schreiner, Alfredo Jerusalinsky, Andrea Rossi, Clarice Wichinescki Zotti, Edson Luiz André de Sousa, Fani Hisgail, Isabel Marazina, Marcus do Rio Teixeira, Oscar Cesarotto, Sidnei Artur Goldberg, Vânia Mercer.*

**Nº 34 – NAS BORDAS DA CLÍNICA**

*Andrea Rôa d’Haese, Camila Zoschke Freire, Cintia Ribelato Longhini, Clarice Moro Ricobom, Cléa Maria Ballão, Fernanda Judite de Camargo Marques, Kátia Aleksandra dos Santos, Ligia Gomes Víctora, Marcia Salete Wisniewski Schaly, Maria Augusta de Mendonça Guimarães, Maria Fernanda Liberato Beduschi, Rosa Maria Marini Mariotto, Sílvia Amigo, Simoni Regina Cousseau Coletti, Vânia Mercer.*

**Nº 35 – PSICANÁLISE E CONTEMPORANEIDADE**

*Andrea Silvana Rossi, Elaine Cristina Schimitt Ragnini, Fábio Luis Ferreira Nóbrega Franco, Fernanda Baptista, Gabriel Inticher Binkowski, Julieta Jerusalinsky, Leda Mariza Fischer Bernardino, Luciano Bregalanti Gomes, Marcelo Amorim Checchia, Marcelo Veras, Miriam Debieux Rosa, Paulo Endo, Pedro Eduardo Silva Ambra, Tania Rivera, Wagner Rengel.*

**Nº 36 – INQUIETAÇÕES: PSICANÁLISE PARA TODOS?**

*Alfredo Jerusalinsky, Fernanda Voigt Miranda, Gustavo Tonatto, Luzia Carmem de Oliveira, Marcia Salete Wisniewski Schaly, Marllon Henrique Mendes Andriola, Mônica Nogari Damaceno, Ricardo Goldenberg, Rosa Maria Marini Mariotto, Rosane Weber Licht, Simone Regina Cousseau Coletti, Thais Krukoski, Tiago Rickli.*

**Nº 37 – ENTRE DIFERENÇAS E INTOLERÂNCIAS, O QUE PODE A PSICANÁLISE?**

*Allan Martins Mohr, Alfredo Jerusalinsky, Andrea Rôa d’Haese, Andrea Rossi, Camila Zoschke Freire, Fernando Ruthes, Luzia Carmem de Oliveira, Silvia Amigo, Suzane Gapski Muzeka.*

**Nº 38 – APC em Revista 2023**

*Allan Martins Mohr, Andrea Rôa d’Haese, Andrea Rossi, Luzia Carmem de Oliveira, Marcia Salete Wisniewski Schaly, Silvia Amigo (Transcrito e traduzido por Andrea Rossi e Tiago Rickli), Simone Regina Cousseau Coletti, Rosa Maria Mariotto.*

# OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA

## O SABER DO INCONSCIENTE: POR QUE A TEORIA DEVE SUBORDINAR-SE À CLÍNICA

*Seminários proferidos por Alfredo Jerusalinsky na Associação de Curitiba de 1997 a 2000. (Editora Juruá, 2018)*

No ano em que a Associação Psicanalítica de Curitiba completa e comemora 21 anos de existência, presenteia seus associados e apreciadores da Psicanálise com a publicação de **O saber inconciente: por que a teoria deve subordinar-se à clínica**, compilação de onze seminários proferidos por Alfredo Jerusalinsky no período de 1997 a 2000, que tratam de diferentes temas no trabalho com crianças. Estes seminários foram parte importante da história da APC, tanto na formação de seus membros quanto na construção da instituição, e agora são compartilhados com a atual geração de analistas. Por sua imensa contribuição na fundação e no ensino da APC, Alfredo Jerusalinsky é considerado “padrinho” da mesma. Seus seminários - proferidos com rigor teórico e em seu particular estilo “quase” coloquial de transmissão - contribuíram não só para a formação de muitos como também para a aproximação de profissionais de outras áreas, contribuindo com a psicanálise em extensão. O título desta publicação é amplamente demonstrado na leitura dos seminários, onde, mais além da teoria somos esclarecidos com relação ao pensamento de importantes pensadores e contamos com alguns relatos de casos clínicos que articulam teoria e prática, nos revelando um pouco do seu estilo, de profundo respeito com seus analisantes e escuta ímpar. Participei de seus seminários e os transcrevi. Agora, no momento desta publicação, os mesmos foram revisados pelo autor, o que deixou clara a sua atualidade. A APC, ao completar sua maioridade, compartilha tão rica elaboração teórica. Boa leitura! (texto extraído da apresentação contida nesta obra, de autoria da psicanalista Rosane Weber Licht, membro fundador da Associação Psicanalítica de Curitiba)

Alfredo Jerusalinsky - Autor

Rosane Weber Licht - Organizadora

## **PSICANÁLISE EM TEMPOS DE URGÊNCIA**

*(Editora Fi, Edição Especial 2020) – disponível no site da APC: [www.apcwb.com.br](http://www.apcwb.com.br) ou no site da Editora Fi: <https://www.editorafi.org/60psicanalise>*

Psicanálise em tempos de urgência – tema institucional ao qual foram dedicados os trabalhos da APC em 2019/2020 – sem imaginar que também viveríamos tempos de emergência pela pandemia do novo coronavírus: tempos penosos e pesados em nosso contexto sócio-econômico-político e humanitário, que nos causa dor, sofrimento e luto, revelados em angústia. Pôr em palavras, dar voz, escutar, são os recursos oferecidos pela Psicanálise a partir de sua práxis, para que o sujeito possa advir em sua condição desejante. Este é o olhar e o trabalho que encontramos nos textos, que sensivelmente os autores aqui, sem pressa, nos conduzem a refletir. Olhar para o campo social, para a clínica social, para o imperativo do gozo e da pressa e para as urgências na clínica psicanalítica e suas intervenções, desde as intervenções precoces, certamente nos põe a pensar, singularmente, enquanto psicanalistas, sobre o nosso tempo e os vários tempos: tempo de e na formação, tempo de divã, tempo lógico, tempo de vida, tempo de morte e outras questões de e no tempo. (texto extraído da apresentação contida nesta obra, de autoria da psicanalista Marcia Salete Wisniewski Schaly, membro da Associação Psicanalítica de Curitiba)

Autores/Artigos: Andrea Silvana Rossi, Eva Lerner, Kathellyn Costa Kazeker, Leda Maria Fischer Bernardino, Luzia Carmem de Oliveira, Madalena F. Becker de Lima, Maribel de Salles de Melo & Julieta Jerusalinsky, Marcus do Rio Teixeira, Rosane Weber Licht, Rosângela Vernizi, Simoni Regina Cousseau Coletti & Rosa Maria Mariotto. Autor (a)/Resenha: Marcia Salete Wisniewski Schaly

Marcia Salete Wisniewski Schaly – Organizadora



## **CONSELHO DE ANALISTAS**

Andrea Rôa d'Haese  
Andrea Silvana Rossi  
Dayse Stoklos Malucelli  
Denise Pliskievski Bueno  
Leda Fischer Bernardino  
Rosa Maria Marini  
Rosne Weber Licht

## **COMPOSIÇÃO ADMINISTRATIVA**

### **Gestão 2023/2025**

Presidente: Andrea Rôa d'Haese  
Vice-presidente: Fernando Ruthes  
1ª secretária: Carmem Luzia de Oliveira  
2º secretário: Schenya C. Nunes de Oliveira  
1ª tesoureiro: Tiago Rickli  
2º tesoureiro: Clarice W. Zotti

## **CARTEL DE DIREÇÃO E FORMAÇÃO**

Andrea Rôa d'Haese  
Denise Pliskievski Bueno  
Fernando Ruthes  
Juratriz Salete Ribas  
Marcelo Marcos Barbosa Vieira

## **ESPAÇO DE ACOLHIMENTO**

Membros do Cartel de Direção e Formação

## **SEÇÃO DA LETRA E MEMÓRIA**

Elaine de Oliveira  
Schenya C. Nunes de Oliveira

## **SEÇÃO DA CLÍNICA**

Denise Pliskievski Bueno

## **SEÇÃO DE TRADUÇÕES E PUBLICAÇÕES**

Luzia Carmem de Oliveira  
Marcia Salete Wisniewski Schaly  
Tiago Rickli

### **SEÇÃO DE CARTÉIS**

Andréa Silvana Rossi  
Andrea Rôa d'Haese  
Fernando Ruthes  
Luzia Carmem de Oliveira

### **ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO**

Adriano Soares Amaro  
Zama Caixeta Nascentes

### **SEMINÁRIOS INTRODUTÓRIOS**

Dayse Stoklos Malucelli  
Denise Pliskievski Bueno

### **ESPAÇO DE ESTUDOS E DISCUSSÃO SOBRE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS**

Coordenação:  
Clarice Wichinescki Zotti  
Juratriz S. Ribas

### **SEÇÃO DE DIVULGAÇÃO E EVENTOS**

Adriano Soares Amaro  
Andrea Silvana Rossi  
Andrea Roa d'Haese  
Clarice Zotti  
Juratriz Salete Ribas  
Marcelo M. Barbosa Vieira  
Marcia Salete Wisniewski Schaly  
Myriel C N Moreira  
Schenya C. Nunes de Oliveira  
Tiago Rickli



APC  
Associação  
Psicanalítica  
de Curitiba

A Associação Psicanalítica de Curitiba tem a satisfação de lançar mais uma edição de sua revista, contando com artigos atravessados por questões sobre a Cultura, articulando aspectos constitutivos do sujeito com o que também o sustenta: o discurso social atual e, portanto, os laços sociais que forjam a subjetividade de cada época. A revista busca expandir conhecimentos seguindo a trilha da psicanálise de Freud e Lacan, estimular a produção escrita e o debate, primando pela circulação da palavra, com o entendimento de que Sujeito e Cultura, assim como teoria e prática, são inseparáveis.

Para esta edição de número 39, apresentamos os autores e suas produções que, a partir da clínica, se dedicam ao trabalho investigativo e reflexivo, interrogando e expandindo a teoria, que, por sua vez sustenta a práxis clínica.

 [www.apcwb.com.br](http://www.apcwb.com.br)

 @apctba

 @associacaopsicanaliticadecuritiba

 (41) 98848-7946

